

ROSANE MALTA

*Tudo
o que vi
e vivi*

O TESTEMUNHO CORAJOSO
DA PRIMEIRA-DAMA
MAIS JOVEM
QUE O BRASIL JÁ TEVE.

LeYa



Ficha Técnica

Copyright © 2014 Rosane Malta

Todos os direitos reservados.

Revisão de texto: Breno Barreto e Iracy Borges

Diagramação: Abreu's System

Capa: Ideias com Peso

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
Malta, Rosane

Rosane Malta: Tudo o que vi e vivi / Rosane Malta. – Rio de Janeiro: LeYa, 2014.

ISBN 9788544100745

1. Cônjuges de presidentes – Brasil – Biografia I. Título

14-0554 CDD: 923.2

2014

Todos os direitos desta edição reservados a

TEXTO EDITORES LTDA.

[Uma editora do Grupo LeYa]

Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86

01248-010 – Pacaembu – São Paulo – SP – Brasil

www.leya.com.br

1. Minha infância no sertão

No alto da rampa do Palácio do Planalto, apertei forte a mão de Fernando e disse:

– Levante a cabeça. Não abaixe, não. Seja forte.

Como de costume, meu marido acatou meu conselho, ergueu o queixo e, apesar das vaias e palavrões vindos dos manifestantes que nos rechaçavam, saímos de lá como entramos: com a cabeça erguida. Seguimos até o helicóptero que nos levaria de volta à Casa da Dinda e, antes de embarcar, acenamos.

Era a manhã do dia 2 de outubro de 1992, uma sexta-feira nublada em Brasília. Três dias antes, pela primeira vez na história do Brasil, a Câmara dos Deputados havia autorizado o julgamento de um presidente da República. De um total de 503 parlamentares, 480 compareceram à sessão e 441 votaram a favor da abertura de um processo contra Fernando Collor de Mello por crimes de responsabilidade supostamente cometidos durante o exercício da presidência. Isso significava que ele deveria se retirar do poder até ser julgado. Saiu apenas 932 dias depois de receber a faixa presidencial e nunca mais pôde voltar.

Eu estava a poucos dias de completar 28 anos. Fui a primeira-dama mais jovem que o país já teve, esposa do primeiro presidente eleito pelo voto direto desde Jânio Quadros, em 1960. Fernando era um governante jovem, também. Ele tinha só 40 anos quando tomou posse. A pouca idade, porém, nunca me impediu de assumir o meu papel de mulher, de companheira, de alicerce de um homem que, em pouco tempo, ascendeu ao topo da carreira política e dele despençou. Durante os 22 anos em que permaneci casada com Fernando, estive com ele em momentos maravilhosos, mas também nos piores dias de nossas vidas. Varri o mundo, conheci príncipes e princesas, vivi dias de glória e, ao lado dele, enfrentei crises de depressão, o medo do suicídio, humilhações públicas.

Nada disso era o que eu havia, ainda menina, planejado para mim.

Sou nordestina, alagoana, sertaneja, filha de uma família de políticos que há décadas faz história em Alagoas: os Malta. Meus tios-avós, Euclides (1861–1944) e Joaquim Malta (1857–1913), foram governadores do Estado no início do século passado. Euclides, que assumiu o cargo duas vezes entre 1900 e 1909, foi responsável por reformar o Palácio dos Martírios, hoje Palácio Floriano Peixoto,

construir uma sede para o Instituto Histórico e Geográfico, o Teatro Deodoro e o Tribunal de Justiça, entre outras obras importantes em Maceió. Durante toda a minha juventude, os Malta lideraram a política de três cidades do interior do Estado: Canapi, onde eu nasci, Inhapi e Mata Grande, no alto do sertão alagoano, uma região de muita seca, temperatura amena e que sobrevive basicamente da criação de gado e da plantação de feijão e milho. Meu avô, Pompílio, foi um dos fundadores de Canapi e de Inhapi, ainda hoje cidades pequenas, com cerca de 17.000 habitantes cada.

Meu pai, João Alvino Malta Brandão, foi o primeiro prefeito de Canapi, eleito em 1962, quando a cidade foi fundada, e reeleito em seguida. Naquela época, o prefeito era tudo. Era médico, policial, delegado, conselheiro sentimental. Ele e minha mãe, Rosita Brandão Vieira Malta, trabalharam a vida toda pelo povo porque, mesmo quando meu pai não estava no comando do município, apoiava quem estivesse. Minha mãe mantinha uma farmácia que tinha zero de lucro, só para ajudar as pessoas. Eles eram procurados pelos motivos mais malucos. E isso nem sempre era bom para nós, os filhos.

Na nossa casa, as janelas do meu quarto e dos aposentos dos meus pais davam para a rua. Vira e mexe, alguém, ao procurar pelo prefeito, se confundia, batia na janela errada e me acordava no meio da noite. Eu despertava assustadíssima. Era mulher que tinha apanhado do marido e pedia socorro, gente que se meteu em briga e aparecia baleada, toda ensanguentada... E meu pai ajudava. Ele se levantava e dizia: “Vamos resolver esse problema!”. Ele era muito calmo, reservado, tranquilo até demais para um político.

Já minha mãe era mais extrovertida, gostava de conversar com todo mundo, de agradar a todos. Ela se envolvia muito no trabalho do marido. Tanto é que havia quem gostasse mais dela do que dele. Ela tinha gênio forte e, no fim das contas, mandava muito mais do que meu pai. Rosita dizia uma coisa e João Alvino obedecia. Os Malta são machistas, mas, ao mesmo tempo, as mulheres têm muita influência na política deles. Em época de campanha, para ajudar os maridos, elas se dividiam e tomavam a frente dos trabalhos em determinados bairros da cidade. Foi assim com minha mãe, com minha avó e também com minha irmã Rosania, sete anos mais velha do que eu, que se envolveu muito na campanha do marido Vitorio Malta quando ele foi eleito deputado federal. Ela comandava tudo.

Minha mãe, aliás, tinha a política no sangue. Rosita e João Alvino eram primos. Os dois eram da família Brandão. Sempre foi um mistério para mim como nenhum dos seu filhos – ou dos nossos parentes – teve problemas congênitos. Sim, porque, como todos são muito bonitos, em nossa família tem uma porção de casamentos consanguíneos. Meu cunhado, Vitorio, casado com minha irmã Rosania, é primo nosso – o avô materno dele era irmão da minha avó paterna. Além de mim e de minha irmã, meus pais tiveram outros três filhos. Meus dois irmãos homens morreram em decorrência de diabetes mal tratada na idade adulta: Pompílio, nascido dois anos depois de Rosania, e Joãozinho, o caçula, dez anos mais novo do que eu, a quem eu chamava também de Dando. Antes de mim, mamãe também teve uma outra menina, Rosilda, que morreu pouco depois de nascer. Sei pouco sobre esse bebê, pois esse era um assunto que

se evitava em nossa casa.

Minha infância, costume dizer, foi muito bonita, muito pura. Vivi descalça, tomando banho em riacho, andando a cavalo. Meus avós tinham uma fazenda muito linda, uma das mais belas da região, com um pomar delicioso, um açude e uma casa grande, onde havia um quarto para cada filho. Mamãe sempre dizia que, quando eu quisesse, era só pedir que o motorista me levaria para lá. “Não vá sozinha de bicicleta”, avisava. E é claro que eu não obedecia. Ora, imagina se eu queria motorista se poderia aproveitar para pedalar minha bicicleta nova? Então eu juntava alguns amigos e lá íamos nós. Era uma aventura! A gente adorava ouvir as histórias que meu avô contava. Ele dizia que Lampião e Maria Bonita tinham passado por suas propriedades.

Na fazenda havia uma surda-muda que era empregada dos meus avós. Na verdade, ela foi criada por eles, viveu a vida toda por lá e morreu na fazenda. Alta, magra e morena, a moça tinha cabelos compridos sempre presos em um longo rabo de cavalo. Era séria e ficava muito brava quando chegávamos sem avisar. A gente ia logo subindo nas árvores para tirar manga, caju, derrubar cocos... Fazíamos aquela farra! E, quando estavam fazendo queijo, gostávamos de comer na hora, ainda mole, misturado com farinha. Ela ficava furiosa porque nem deixávamos o queijo ficar pronto.

Essa fazenda ainda existe e hoje pertence aos herdeiros.

Minha mãe era outra que ficava muito brava com essas escapadas. E também porque eu entrava nos riachos depois da chuva. Avaliando hoje, era mesmo muito perigoso entrar na enxurrada. Eu devo ter corrido o risco de morrer muitas vezes, mas não tinha noção do perigo e me divertia desobedecendo mamãe. E acabava apanhando. Mamãe batia em mim quase todos os dias, de chinelo.

Já meu pai me bateu uma única vez na vida. Estava chovendo e eu queria subir em um pé de manga. Papai disse para eu não subir porque estava escorregadio. Avisou que, se eu caísse, ia apanhar. Eu desobedeci. Eu era bastante atrevida. Subi e, claro, caí. Fiquei toda arranhada. Ele estava me esperando lá embaixo. “Eu disse que você ia levar uma surra se não me obedecesse”, esbravejou, dando-me uma surra daquelas, de sandália. Doeu muito. Fiquei ofendida, chorei bastante e desatei a dizer coisas para ele. Disse que não o amava mais, que ele não podia fazer aquilo comigo, que era injusto. “É uma lição para você aprender a ouvir seu pai”, ele disse. Aquele episódio me marcou.

Teve uma outra vez em que eu achei que fosse apanhar, mas o que aconteceu foi mais forte do que uma surra. Eu devia ter uns 15 anos e achava muito charmoso fumar. Apesar de ser fumante, meu pai não queria que eu também fosse. No interior tem essa coisa de a molecada se reunir em frente à prefeitura para ficar batendo papo, tocando violão, cantando, coisa de quem vive em uma cidade parada, sem muito o que fazer. Eu estava lá com meus amigos, e era noite. Meu pai, que era prefeito na época, já tinha ido para casa dormir e o combinado é que eu deveria me recolher às 22h. Por volta das 20h30, eu estava ali, nas escadarias da prefeitura, fumando tranquilamente quando escutei: “Janja!” Era meu pai gritando o meu apelido. Eu não o vi chegar porque estava

de costas. Não tive dúvida: apertei o cigarro na mão para apagar. Queimou minha pele, fez uma bolha horrível e não adiantou nada porque meu pai viu que eu estava fumando. Quando chegou mais perto, ele disse para os meus amigos:

– Boa noite.

E eu:

– Oi, pai, o senhor veio me buscar? Mas ainda não são 22h... Eu já estava quase de saída – respondi.

– Não vim lhe buscar. É cedo ainda. O seu horário é 22h. Mas o que deu aí na sua mão? Abra a mão.

Quando eu abri, tinha a bolha.

– Agora você vai fumar na minha frente. Vamos! Onde você arrumou esse cigarro? Quem lhe deu?

– Ninguém me deu, não. Eu que tinha.

– De onde você tirou deve ter mais.

– Não, paizinho, eu não fumo. Foi uma brincadeira.

– Você vai fumar, sim!

Aí ele me deu um cigarro e eu acendi.

– Estou passando mal – eu disse.

– Fuma outro.

Eu acho que tive de tragar uns três ou quatro cigarros. E ele mandando eu continuar até enjoar.

– Aprenda esta lição: fumar não é bom.

– E por que o senhor fuma, então? – Eu era mesmo atrevida.

– Eu fumo esporadicamente. E olhe a minha idade, olhe a sua. Eu posso fazer isso porque sei o prejuízo e tenho controle. Você não tem.

– Tenho, sim, pai.

– Não, você não tem.

Cheguei em casa passando muito mal. Ele ainda disse:

– Você não vai apanhar. Você já foi castigada fumando tanto. Só que, se eu vir você com um cigarro de novo, você se prepare!

Eu realmente fiquei com medo, mas continuei fumando escondido de papai. Só mais tarde, já casada, ele me disse:

– Janja, eu sei que você fuma. Pode fumar na minha frente.

No ano de 2000, abandonei finalmente o vício.

Meus pais sempre foram muito presentes em nossa educação, e nossa família era muito unida, mesmo quando eles estavam longe. Por causa da vida política, papai e mamãe viajavam muito. Vira e mexe tinham de ir a algum evento, uma solenidade para prestigiar políticos vizinhos. Nessas ocasiões, ficávamos com a Dinda, uma babá que cuidou de nós até a adolescência, e com minha irmã, Rosania, a quem eu costumo chamar de Nana ou “querida mana”. Nana é, até hoje, uma segunda mãe para mim e eu sou como uma filha mais velha para ela. Por isso não foi tão difícil ficar longe deles quando, aos 10 anos, mudei para Maceió.

O ensino em Canapi não era muito forte e meu pai queria que estudássemos em uma boa escola. Por isso me matriculou no Colégio Santíssimo Sacramento, das irmãs sacramentinas, na capital alagoana. Primeiro morei com minha única

tia paterna, Dolores Malta. Com ela já moravam minha irmã e meu irmão mais velho, Pompílio, a quem chamávamos de Pila. Um tempo depois, meu avô morreu e meu pai decidiu que minha avó paterna se mudaria para Maceió para morar conosco. Ela não queria ir para Maceió, mas papai a convenceu. Um tempo depois, minha irmã montou um apartamento para nós e ficamos morando os três: Rosania, Pompílio e eu. Anos mais tarde, minha irmã se casou, eu fui morar com ela e meu irmão foi para uma pensão. Quando meu sobrinho mais velho nasceu, meu pai achou que era a hora de eu sair de lá. Montou um apartamento para mim, e meu irmão caçula veio morar comigo em Maceió. Passei, então, a fazer o papel de irmã mais velha.

Em Maceió eu tinha uma vida regrada, digna de uma boa filha, boa aluna. Pela manhã estava sempre no colégio. Durante as tardes, eu tinha aulas de esporte e de inglês. À praia nós só podíamos ir nos fins de semana. Eu sempre fui estudiosa, tinha boas notas. Era a única coisa que meu pai exigia mesmo. Meu pai queria que os quatro filhos fizessem faculdade e sonhava ter uma filha médica. Já minha mãe sempre brincava que preferia ter tido quatro mulheres em vez de duas meninas e dois meninos. Dizia isso porque meus irmãos eram o oposto de mim e de minha irmã. Eles não queriam nada de sério. Terminaram o colégio só porque foram obrigados, mas nenhum fez faculdade. Eu cursei administração de empresas, e minha irmã, psicologia.

Nos fins de semana, eu podia sair, mas só para ir a festas na casa dos meus amigos. Esses encontros começavam por volta das 19h e terminavam lá pelas duas da manhã, mas eu não podia ficar até este horário. À meia-noite eu tinha que estar em casa. Lá, eu não podia beber nem fumar, claro. E quem controlava tudo isso era minha irmã.

De tempos em tempos, papai nos convocava para reuniões familiares. Nessas ocasiões, ele exigia que os irmãos fossem a Canapi para conversar. Assim ele sabia como estavam as coisas em Maceió. Às vezes, nós mesmos marcávamos esses encontros. A conversa acontecia em uma mesa comprida, onde a família toda se encontrava e meu pai perguntava como estava o colégio, o que andávamos fazendo de errado, coisas assim. E um irmão podia reclamar do outro.

Certa vez, Pompílio pegou Rosania e meu cunhado, que ainda eram namorados, num amasso na casa da minha avó em Maceió. Eles não fizeram nada de mais, estavam vestidos, mas meu irmão os viu se abraçando e se beijando no sofá da sala e achou que aquilo não era bom comportamento. Eles já namoravam há uns quatro anos, mas Pila achou errado e resolveu marcar uma reunião.

– Se eles fizeram isso aqui em casa, imagina o que não fazem fora? – disse Pompílio.

– Imagina, que bobagem, eles não estavam fazendo nada de mais – defendi.

– Que nada! Vou marcar uma reunião com o papai e vou aproveitar para dizer que você anda fumando.

Na sexta-feira seguinte, assim que terminaram nossas aulas, o motorista já estava nos esperando para nos levar a Canapi. Como regra, quem convocava a reunião começava falando. Pompílio começou:

– A Rosania não anda tendo um comportamento adequado. Ela estava no maior amasso com o Vitorio. Acho bom o senhor verificar se ela ainda é virgem.

Para minha família e para o povo do interior de Alagoas daquela época, virgindade era algo sério e fundamental. Eu mesma viria a me casar virgem aos 19 anos.

Minha irmã logo saiu em sua própria defesa:

– Imagina, papai, pelo amor de Deus, eu não fiz nada! Como eu ia fazer uma coisa dessas? Eu jamais iria decepcionar o senhor.

– Vamos fazer esse testezinho, sim. Porque, se você tiver perdido essa virgindade... – ameaçou, sem completar.

Como se não bastasse, Pompílio disse também que tinha me visto fumando. Meu pai perguntou para mim se o que meu irmão dizia sobre Rosania era verdade.

– Não, papai. Ela estava namorando normalmente. Ela deu um abraço, um beijo mais forte, mas nada de mais, como Pila está dizendo. Ele está exagerando.

E meu pai:

– Hum, então quer dizer que seu irmão está mentindo? Está bem. Este assunto está encerrado. Agora vamos ao seu, Janja. Pila, quer dizer que sua irmã está fumando?

– Não, papai. Eu não estou fumando. Fumei só algumas vezes, mas não estou fumando.

Então meu pai fez a mesma pergunta para minha irmã e, para minha surpresa e indignação, ela confirmou o que meu irmão dizia. Eu fiquei com muita raiva. Eu tinha acabado de defendê-la para livrá-la do castigo e recebia aquilo em troca?

– Como você tem coragem? – perguntei.

E ela:

– Estou falando para o seu bem.

E meu pai interrompeu dizendo para mim:

– Sua irmã está dizendo que você fuma. Você vai voltar atrás no que disse sobre a maneira que ela estava namorando?

– Não, papai. O que eu falei é aquilo mesmo. Eu não vou mudar o que eu disse, mas ela vai ficar com a consciência pesada, ela nunca mais vai esquecer disso porque ela está me traindo agora.

– Eu não estou traindo você, Janja. Eu estou falando a verdade porque é para o seu bem. Cigarro faz mal, você não tem idade para fumar, é ainda muito menina. Eu estou defendendo você.

Eu também pedia reuniões, às vezes, para falar mal do meu irmão. Ele era muito ciumento e me prendia demais. Minha avó permitia que eu saísse, mas ele não. É engraçado, ele era solteiro na época, não tinha tanto cuidado com minha irmã, mas comigo era exagerado! Mesmo depois de casado, nunca o vi ser tão possessivo com minha cunhada ou com minhas sobrinhas. Não sei o que ele tinha comigo.

Certa vez, eu tinha passado o dia fora. Era um sábado, então eu fui à praia e depois emendei na casa de uma amiga. Voltei só no fim da tarde. Eu não costumava sair muito à noite, mas naquele dia outra amiga e a mãe dela foram

me convidar para ir à Ponta Verde comer passaporte, um sanduíche muito tradicional de Maceió em que se coloca de tudo: batata palha, maionese, *catchup*, linguiça... É muito gostoso. Era um passeio para se fazer entre 19h e 21h, coisa simples. Eu aceitei o convite e fui mudar de roupa. Pois não é que o Pompílio trancou a porta do meu quarto para que eu não saísse? Eu gritei e chorei, mas ele não aliviou.

– Não vai sair. Já passou o dia fora, agora vai ficar em casa – ele dizia.

Minha avó interveio:

– A casa é minha, quem manda aqui sou eu, e sua irmã vai sair, sim.

– Não vai sair, não, vovó.

– Pois então eu vou pedir uma reunião com seu pai e vou dizer que não quero mais você morando comigo. Onde já se viu? Eu é que mando aqui. A bichinha é boazinha, estuda, vai bem na escola, me ajuda. Por que ela não pode passear com a amiga?

Só que eu acabei não saindo porque ele estragou tudo. Ele se achava na obrigação de me defender, de mandar em mim. Aí eu acabei pedindo uma reunião e meu pai concordou que ele estava exagerando, que eu tinha que ter mais liberdade e o Pila acabou indo morar com uma tia nossa.

Mas meu irmão tinha um lado maravilhoso, também. Eu adorava sair com ele. Ele me levava a lugares em que eu não podia entrar por causa da idade. Ele dizia: “Se prepare que hoje nós vamos sair juntos!” Como ele conhecia todo mundo, dava um jeito de eu entrar. Só que eu não podia fazer muita coisa, claro. Tinha que ficar sentada e, no máximo, dançar com ele ou com nossos primos. Se qualquer outro rapaz se atrevesse a vir falar comigo, ele não deixava. Mesmo assim, eu ficava feliz da vida. Na época, os *hits* eram músicas do Abba, da Donna Summer, coisas dos anos 1980.

Apesar de morarmos na capital, meus pais nos viam sempre. A cada quinze dias, pelo menos, um deles nos visitava. Às vezes, eles vinham juntos. Além disso, nós também íamos com frequência para o interior. Papai e mamãe faziam questão que a gente participasse da vida deles. Em época de campanha, nós também ajudávamos. Eu peço votos desde pequenininha, está no sangue! Eu gostava muito de ir para o interior nas férias. Eu adorava Mata Grande. Lá eu me hospedava na casa dos meus tios. Canapi era meio paradinha, mas Mata Grande tinha festas e era onde morava minha única tia materna, Maria Helena, que foi muito importante para minha vida. Eu costumava me hospedar na casa dela ou na casa de um irmão de minha mãe, Luis Brandão, pai de minhas primas. Meu tio era o responsável pelo clube Paz e Amor, que pertencia à nossa família e onde só entrava quem fosse aliado. A oposição era barrada. Era uma espécie de casa de *show*, só que bem simples, pobre até, mas bem estruturada. Tinha um salão com mesas dos lados, o *dance*, o *dance*, como chamávamos a pista de dança, no meio e, atrás, havia um bar, mesas para comer e espaço para sinuca. As minhas primas organizavam os bailes de Carnaval que eu adorava frequentar. Para cada noite, reservávamos uma fantasia diferente. Era uma farra!

Essa divisão entre as famílias aliadas e a oposição era algo muito sério em Inhapi, Canapi e Mata Grande e, volta e meia, acabava em tiroteio, em morte. Porque se os nordestinos já são atrevidos, os sertanejos são ainda mais! Em

época de eleição, era comum passarem na porta da casa dos rivais fazendo ameaças, chacotas. Tem um caso que ficou famoso. Em 1950, houve uma briga em Mata Grande que acabou em morte. Moacir Peixoto, adversário dos Malta na disputa pela prefeitura da cidade, mandou matar Eustáquio Malta no dia da eleição com um tiro de fuzil. Também morreram os filhos dele, Ubaldo e Sônia, que eram adolescentes, e um empregado.

Apesar da seriedade das disputas, eu era menina e via as coisas de outro jeito. Quando eu estava no início da adolescência, fiquei amiga da filha do prefeito Cristiano, que era nossa oposição em Mata Grande. A menina tinha herdado o nome do pai: chamava-se Cristiane. É lógico que meus pais não permitiam que eu brincasse com ela e eu morria de medo que eles descobrissem a amizade, mas mesmo assim eu me enfiava em sua casa. Sempre tive uma personalidade muito forte e não achava justo que nossa amizade fosse prejudicada por causa da política. As famílias de oposição também tinham um clube só deles, parecido com o nosso, mas ainda mais rústico. Durante o dia, lá funcionava um mercado, onde os fazendeiros vendiam o que produziam. À noite, vivava clube.

Chegou uma hora que, cansada de me esconder, eu decidi assumir minha amizade e enfrentar meus pais. Achava aquela rivalidade uma bobagem. Então eu passava o dia na porta da casa de Cristiane brincando, lanchando. O prefeito chegava, eu cumprimentava. Às vezes havia festa no clube deles e eu dava um jeito de ir. Só que sempre tinha um primo dedo-duro que contava para os meus pais. Até que eu arrumei um paquera que era da família do Cristiano. Uma coisa assim meio Romeu e Julieta. Em uma dessas festas, dançamos. Não chegamos a nos beijar, estávamos ainda só na fase da paquera. E não passou disso, porque meu pai descobriu e foi me buscar em Mata Grande. Eu queria ficar mais alguns dias, era o combinado, mas ele acabou com minha graça. Eu tive de voltar para Canapi, o que estragou as minhas férias. Chorei muito, muito. Fiquei com muita raiva de tudo aquilo.

Foi mais ou menos nessa época que eu prometi três coisas a mim mesma: não vou casar com político, não vou casar jovem e não vou depender de homem algum. Morri pela boca.

Conheci Fernando quando eu tinha 15 anos, e ele, 30. Na época ele era prefeito de Maceió. Jovem e muito bonito, derretia o coração da mulherada. E se aproveitava disso. Era conhecido por gostar de uma boa farra. Nossas famílias eram aliadas políticas desde 1950, quando os Malta apoiaram a candidatura do pai de Fernando, Arnon Affonso de Farias Mello, ao governo de Alagoas. Além de político, Arnon, falecido em 1983 aos 72 anos, era empresário, fundador da Organização Arnon de Mello, da qual faziam parte um jornal, a *Gazeta de Alagoas*, uma rádio e uma emissora de televisão parceira da Rede Globo no Estado. Eu não cheguei a conhecê-lo.

Quando nos encontramos pela primeira vez, Fernando tinha sido convidado, na condição de prefeito, para ser paraninfo do baile que o Paz e Amor organizou para as garotas que, naquele ano, debutavam. Entre elas, eu. Pela manhã houve uma missa e, no almoço, meu pai fez um churrasco para mim e o convidou. Eu já tinha visto Fernando pela televisão e, pessoalmente, só uma vez, de longe, em

uma festa. Eu sabia que todas as mulheres o achavam lindo, e que era mulherengo e casado. E eu era uma menina e estava com um paquerinha, o Flávio, pernambucano de Garanhuns, filho de uma família amiga da minha e a quem eu tinha convidado para dançar comigo no baile.

Por tradição, a garota eleita a mais bonita da noite tinha o direito de dançar com o paraninfo. Era feito um desfile de todas as meninas e havia um time de jurados para escolher a mais linda. Antes de eu entrar, Fernando se dirigiu a mim:

– Posso lhe dizer uma coisa?

– Pois não, prefeito – respondi.

– Pode me chamar de Fernando. Sabia que você é a moça mais linda desta festa?

– Obrigada.

– Filha de quem você é?

– Você sabe quem é meu pai, você passou o dia inteiro na minha casa.

– Eu sei. Você é filha do João Alvino. Eu só não sabia que ele tinha uma filha tão linda. Você é a garota mais linda desta festa e eu vou dançar com você.

– Quem for escolhida a mais bonita vai mesmo dançar com o paraninfo.

– Não, você não está entendendo. Eu vou dançar com você de qualquer jeito.

– Sabia que você é muito exibido? Você é casado e muito exibido.

Aí ele contou que não era mais casado, tinha se separado recentemente de Lilibeth Monteiro de Carvalho, sua primeira mulher e mãe de seus dois filhos. Eu fui até grosseira porque o achava velho demais para estar me paquerando. Na minha cabeça, ele estava passando dos limites. Tentei colocar um ponto final naquela conversa:

– Olha, vai chegar a minha vez de entrar para desfilar e você está me incomodando.

– Eu não gostei do seu atrevimento, menina – ele respondeu, fazendo um charme.

Ao final da eleição, eu fui mesmo escolhida a garota mais bonita da festa e, como prêmio, dancei com Fernando. Durante a dança, ele disse que tinha gostado de mim, mas eu continuei não dando bola. Estava mais interessada em dançar com o paquera da minha idade.

2.

“Eu vou ser seu príncipe”

–Diga a ele que não apareça aqui – foi o que meu pai respondeu ao irmão, Laércio Malta, quando soube que Fernando pretendia ir a Canapi pedir minha mão em casamento.

Eu tinha só 19 anos e estava namorando há pouco mais de um mês.

– Eu não vou permitir que minha filha se case com um homem separado. Não vou – completou.

Papai tinha lá seus motivos para não querer nosso casamento. Fernando era conhecido por ser mulherego e gostar de uma boa farra. Além disso, fora casado por cinco anos com Lilibeth Monteiro de Carvalho, herdeira de um dos maiores grupos empresariais do país, o Monteiro Aranha. Com ela, teve dois filhos, Arnon Affonso e Joaquim Pedro. Separaram-se porque ele a traía.

Eu e Lilibeth sempre nos demos muito bem. Às vezes nos encontrávamos por causa dos filhos deles, a quem eu tratava como se fossem meus também. Fernando nunca falou muito comigo sobre as tais traições. Só contou certa vez sobre como foi a gota d’água da separação. Fernando e a primeira mulher tinham uma amiga que foi passar uns dias com eles no apartamento de Maceió. Uma noite, os três beberam muito. Lilibeth cansou-se primeiro e foi dormir antes. Pouco tempo depois, a amiga do casal também resolveu recolher-se. Foi para o quarto de hóspedes, tirou a roupa e deitou-se nua. Ao passar pela porta entreaberta, Fernando não se segurou, entrou no quarto e acabou dormindo com a moça. Lilibeth flagrou os dois e mandou o marido para fora de casa.

Quando me contou sobre esse episódio, Fernando prometeu que nunca me trairia. Afinal, já tinha sido casado e, em seguida, passara cinco anos solteiro, época em que pôde fazer de tudo o que tinha vontade.

– Não tenho mais necessidade de fazer nada de errado, Rosane. Pode confiar. Desde que lhe vi pela primeira vez, me apaixonei. Já cometi o erro da traição uma vez. Não vou repetir justo com você.

– Acredito no que você está dizendo e realmente espero que não me traia.

Na cabeça de meu pai, no entanto, um homem que tinha se separado uma vez poderia se separar a segunda. E isso não era o que ele queria para mim. Além do mais, tinha a questão da diferença de idades: Fernando é quinze anos

mais velho do que eu. Só que o aviso do meu pai não fez com que mudássemos de ideia. Não daquela vez. Três anos antes, já tínhamos começado um namoro que eu terminei rapidamente porque meu pai proibiu o relacionamento.

Foi assim. Depois do nosso primeiro encontro, na minha festa de debutantes, ficamos cerca de um ano sem nos ver. Um dia, uma amiga minha me chamou para uma inauguração no bairro de Ponta Grossa, em Maceió. O pai dela era vereador e estava envolvido com o evento. Eu nem imaginava que pudesse encontrar o prefeito por lá. Assim que Fernando bateu o olho em mim, me reconheceu e veio falar comigo:

– Você era a última pessoa que eu esperava ver aqui. Este encontro é um presente. Agora eu não lhe largo mais. Você vai ficar comigo – disse com um tom confiante e apaixonado.

Foi uma loucura. Os fotógrafos começaram a apontar suas câmeras para nós, o que me deixou preocupada. Afinal, a separação dele ainda era recente e, na cidade, já se comentava que ele era um homem de mil mulheres, que vivia na boate. Tentei me esconder das fotos.

– Que bobagem. Deixe disso, todo mundo quer ser fotografado ao meu lado – dizia Fernando.

Para fugir do constrangimento, chamei minha amiga e disse que não podia ficar ali porque o prefeito, toda vez que encontrava comigo, tentava alguma gracinha.

– Imagine se meu pai descobre uma coisa dessas? – eu disse a ela.

Então escapei para fora da casa e permaneci na varanda conversando. Depois de um tempo, ouvi um barulho, uma bagunça. Era Fernando se despedindo e um monte de gente indo atrás. A aglomeração em volta dele aconteceu no canto oposto de onde eu estava. Mesmo de longe, ele me viu, largou todo mundo, os fotógrafos, as pessoas que iam cumprimentá-lo e abraçá-lo, e foi se despedir de mim.

– Eu não poderia ir embora sem dar tchau para você, Rosane.

Eu respondi:

– Muito obrigada – ainda encabulada com todo aquele cortejo.

E todo mundo dizia:

– Nossa, que prestígio, que poder!

No fundo, admito, fiquei lisonjeada. Afinal, todas as mulheres eram loucas por ele. Fernando era o prefeito e estava me paquerando. Eu não queria assumir, nem mesmo para mim, mas a verdade é que eu fiquei balanceada por aquele homem tão galanteador.

Dois dias depois, eu estava saindo do colégio, toda de farda, quando vi uma pessoa acenando. Reconheci na hora: era o motorista de Fernando Collor.

– Senhorita Rosane, esta é uma encomenda que o senhor prefeito lhe enviou – disse o moço ao me entregar um ramallete enorme de flores.

Meu rosto corou imediatamente, fiquei quente de vergonha e, ao mesmo tempo, de entusiasmo. Abri o bilhete encaixado entre as flores. Ali Fernando dizia

que tinha sido uma alegria muito grande me reencontrar, que eu era uma princesa e que gostaria de me ver novamente. Agradei rapidamente ao motorista e saí. Eu morria de medo que alguém visse e saísse por aí comentando que eu tinha recebido flores do prefeito. Mesmo assim, não resisti e aceitei me encontrar com ele novamente dali a alguns dias.

Fomos a um barzinho para conversar. Cheguei dirigindo o meu carro. Apesar de ser menor de idade, eu dirigia. Meu pai tinha dado um carro para eu me locomover pela cidade. Fernando e eu conversamos um pouco e acabamos nos beijando. Era o começo de um namoro que duraria não muito mais do que um mês.

Quando soube do romance, João Alvinho veio de Canapi a Maceió ter uma conversa comigo. Eu estava na casa da minha irmã, recém-casada na época, quando nos encontramos.

– Eu já sei de tudo o que está acontecendo, Janja, mas preciso que você me conte a verdade – disse papai, já bastante sério.

Eu poderia tergiversar, dizer que não estava acontecendo nada, que eram só fofocas, mas não me interessava mentir a papai. Eu não queria que ele perdesse a confiança em mim, porque tínhamos uma aliança muito forte. Como minha irmã havia se casado, eu estava prestes a ganhar um apartamento para morar sozinha com meu irmão mais novo. Além disso, eu tinha um carro só meu, mesmo não tendo idade para dirigir. Eu ia perder muitas coisas se papai deixasse de confiar em mim. Ainda assim, não foi fácil falar. Tive muito medo, tranquei-me no quarto. Chorei bastante. Papai bateu na porta, mandou eu abrir. Só depois de um tempo, eu apareci para conversar com ele.

– Papai, eu estou namorando Fernando Collor.

– Pois fique sabendo que filha minha não namora homem separado. Ainda mais um pai de dois filhos conhecido por ser mulherengo. Não namora.

– Mas, papai, eu gosto muito dele e ele gosta de mim também.

– Rosane, eu não quero conversa. Você tem duas opções: ou termina esse relacionamento já, hoje, ou eu coloco você em um colégio interno. E estamos conversados.

Liguei para Fernando, pois não tinha coragem de falar pessoalmente, e contei o que havia acontecido. Conteí que meu pai tinha descoberto, que tinha ficado bravo e ameaçado me colocar num colégio interno se não terminássemos.

– Por tudo isso, Fernando, não dá mais – eu disse a ele.

– Tudo bem, Rosane, mas eu ainda vou casar com você. Assim que sair meu divórcio, vou lhe procurar. Pode esperar.

Pouco tempo depois, eu conheci o meu primeiro namorado de verdade. Os outros, inclusive Fernando, até aquele momento tinham sido só paquerinhas bobas. Seu nome era Marcelo Sarmiento. Tínhamos a mesma idade e a família dele, dona de uma loja de piscinas em Maceió, era muito amiga da minha. Nossos pais aprovavam o relacionamento. Tanto que namoramos por quase quatro anos e pensávamos em casar. Eu usava até aliança de compromisso. Eu gostava muito dele.

Durante o namoro, eu encontrei Fernando algumas vezes em festas do interior. Nunca sozinha. Meu pai ficava muito nervoso quando isso acontecia. Ele

me rondava para saber se eu estava falando com Fernando e chamava minha atenção:

– Não chegue perto, se afaste.

Meu irmão também ajudava a controlar. O pior é que Fernando, que sempre foi muito atrevido, aparecia em ocasiões em que eu estava com meu namorado e não se continha. Ele mandava servir coisas em nossa mesa, uma porção de batatas fritas, um refrigerante, por exemplo. Marcelo ficava bastante incomodado.

Uma vez, nós estávamos em uma boate e eu fui ao banheiro. Quando estava saindo, senti alguém segurar meu braço.

– Como você tem coragem de aparecer com esse menino na minha frente? – disse Fernando, olhando fundo nos meus olhos.

De repente, o Marcelo apareceu:

– Solta a minha namorada! – disse, bravo.

Fernando me soltou e foi saindo, disse que não queria confusão.

– Ele é louco, vamos embora daqui – pedi. Mas a verdade é que Fernando mexia muito comigo.

Em outra ocasião, nos encontramos em uma festa no interior. O Marcelo não estava. Ao se despedir de mim, Fernando falou:

– Vou lhe dizer uma coisa: você é minha princesa e eu vou me casar com você.

Eu respondi, brincando:

– Ah, é? Então está bom. Você é meu príncipe e eu também vou me casar com você.

Fernando também costumava me mandar recados por meio de um tio meu, o Roberto Malta, que era seu amigo de farra. Vira e mexe, meu tio vinha com um papo de que Fernando mandara eu terminar com meu namorado, que ele não era homem para mim, que eu tinha é que ficar com o prefeito, etc. Uma loucura.

O Marcelo foi muito importante para mim, uma pessoa muito linda, mas, desde o nosso primeiro beijo, nunca esqueci Fernando completamente. Acho que, por termos terminado de uma forma abrupta, a mando do meu pai, ficou um ponto de interrogação. Então, depois de mais de três anos de relacionamento, eu achei que o namoro não estava muito bom e acabei pedindo um tempo para o Marcelo. Passamos alguns dias separados e, neste intervalo, houve o aniversário do meu sobrinho, João Manoel, filho de Rosania. João Manoel, a quem eu chamo de Toquinho, também é meu afilhado. O Fernando foi junto com meu tio Roberto para a festa e passou o tempo todo na minha mesa. Na hora de ir embora, disse:

– A festa não termina aqui. Vamos para uma boate.

Uma tia e algumas primas minhas que adoram uma farra se animaram imediatamente. Eu disse que não queria ir, fiz algum corpo mole, mas, quando vi, já estava a caminho da boate. Dançamos bastante.

Não demorou muito e terminei de vez com Marcelo. Só que eu não fui procurar Fernando.

Para esfriar a cabeça, fui passar um fim de semana em Recife. Algumas semanas depois, conversei com minha mãe e disse que queria trabalhar. Eu já

cursava administração de empresas e não estava interessada em viver de mesada do meu pai. Eu queria ser uma mulher independente e achei que já era tempo de dar um primeiro passo para a emancipação. Papai era contra. Ele preferia que eu continuasse dedicando todo meu tempo aos estudos. Mamãe pensava diferente. Como, quase sempre, era dela a última palavra, disse que pediria um emprego a Fernando Collor. Afinal, eles tinham apoiado a candidatura dele para deputado federal. Nessa posição, Fernando tinha direito a indicar algumas pessoas para os chamados cargos comissionados, ou seja, vagas públicas abertas para pessoas de confiança. A mãe dele, Leda Collor, por exemplo, era superintendente da Legião Brasileira de Assistência (LBA). E foi nesse órgão assistencialista do governo federal que ele arrumou um trabalho para mim, como assistente administrativo.

Certo dia, eu estava na LBA e, como tinha chegado uns minutos antes do meu horário, passei no setor de telefonia para conversar com uma moça com quem eu tinha feito amizade. Estávamos trocando ideias quando o telefone tocou:

– Rosane, é para você. É Fernando Collor – ela disse.

– Pare de brincadeira. Desligue isso – respondi rindo. E fui para a minha sala, que ficava em outra área do prédio. Eu estava lá lendo uns processos com meu chefe direto quando o telefone tocou e disseram que era para mim.

– Rosane, tem um homem aqui querendo falar com você, dizendo que é Fernando Collor.

– É piada. Eu já sei. O pessoal da faculdade está organizando um aniversário para um amigo, estão ligando para todo mundo para ver quem vai e, na minha vez, resolveram tirar com a minha cara. Só pode ser. Passe aí o Fernando Collor – respondi em tom de piada.

Quando recebi o telefone, fui logo dizendo:

– Está bem, diz aí, Beto, você virou agora Fernando Collor? É isso? Que palhaçada! Olha, se você está querendo saber se eu vou mesmo ao aniversário, eu vou. Está tudo certo, só que agora eu não posso falar porque estou trabalhando, estou cheia de coisas para fazer e, daqui, vou direto para a faculdade. Ai falamos melhor.

Do outro lado, uma voz tranquila respondeu:

– Eu adorei ouvir tudo isso. Adorei saber que vai ter festa, mas aqui quem está falando não é o Beto, é o Fernando Collor.

– Fala sério. É mesmo? – respondi já meio sem graça.

– Sou eu. Vou lhe dizer uma frase para você ter certeza de que eu estou falando a verdade. Lembra que eu disse, em uma festa do interior, que você ainda ia ser a minha princesa e você respondeu que eu ia ser o seu príncipe e que iríamos nos casar? Pronto, sou eu.

– Meu Deus! Mil desculpas. Eu não imaginava que você fosse me ligar aqui! E faz tanto tempo que não nos falamos...

Ao mesmo tempo em que pedia desculpas, fui ficando roxa de tanta vergonha e constrangimento. Eu nunca imaginaria que ele iria me ligar. Muito menos no trabalho. Até porque, durante todo o tempo em que ficamos separados, nunca nos falamos por telefone. Eu achava que ele não gostava desse tipo de contato. Mais tarde descobri que, na verdade, ele ligava sempre, mas minha irmã

não deixava que ninguém passasse o telefone para mim.

– Estou ligando porque eu soube que você está solteira.

– Como você já sabe disso?

– Foi seu tio Roberto quem me disse.

– Olha, foi bom você ter me ligado porque eu precisava mesmo lhe pedir uma coisa. Você está com minha carteira de trabalho. Pode me devolver?

– Posso. No dia em que você vier buscar, ela será sua.

– Não posso. Estou cheia de provas na faculdade e, por isso, não tenho como buscar, mas estou precisando dela. Você não pode mandar alguém entregar para mim? Não pode entregar para o meu tio?

– Não. Só entrego quando você vier buscar.

No dia seguinte, ele ligou novamente:

– Olha, eu vou estar aqui na *Gazeta de Alagoas*. Se você quiser, eu posso mandar o motorista ir lhe buscar para trazer você aqui. Aí você pega a sua carteira.

Na época, Fernando comandava a Organização Arnon de Mello, o grupo de empresas de comunicação fundado por seu pai, Arnon.

– Ué, mas você não pode mandar o motorista me entregar a carteira?

– Não.

– Está bem. Eu passo aí depois do trabalho.

– Pois peça para minha mãe te liberar. Assim você pode vir agora.

Esse pedido era um absurdo. Embora Leda Collor fosse superintendente da LBA de Alagoas, eu não trabalhava diretamente com ela nem teria coragem de fazer tal pedido.

– Imagine! – Eu respondi.

– Então eu mesmo peço.

– Não faça isso.

– Então eu vou ligar para o seu chefe.

– Pare com isso. Quando terminar o trabalho eu vou, mas vou com uma amiga.

Quando eu cheguei ao jornal, tinha uma fila enorme de gente esperando em uma sala para ser recebida por ele. A secretária já era Ana Acioli, que viria a trabalhar com ele também durante a presidência. Envergonhada, apresentei-me a ela e informei que o deputado já sabia que eu viria. Imediatamente, ela disse para eu entrar, pois Fernando estava me esperando. Sem nem precisar fazer contato visual com aquelas pessoas, percebi os olhares indignados ao me ver furar a fila. E eu só pensava: “Meu Deus, meu pai vai saber que eu estive aqui!”

– Entre, por favor. Eu jamais faria você esperar – disse Fernando. Ele foi logo me dando um abraço cheio de segundas intenções.

– Minha esposa, vou casar com ela – disse à minha amiga, apontando para mim.

Daquele dia em diante, a gente não se largou mais. Depois de recuperar minha carteira, eu fui à faculdade, fiz uma prova, voltei para casa e esperei Fernando me buscar. Claro que ninguém sabia com quem eu estava saindo, mas, por quinze dias, namoramos escondido. Até que o divórcio dele finalmente saiu e, em um de nossos encontros, ele disse:

– Rosane, vou ter que viajar. Preciso passar mais alguns dias em Brasília, mas não quero deixar você aqui pensando que o que temos não é coisa séria. Então você vai ter que comunicar a seu pai sobre o nosso relacionamento e marcar uma data para eu ir a Canapi pedir sua mão em casamento.

Antes de viajar ele foi ao apartamento de meu tio Laércio Malta para preparar o terreno.

– Meu caro Laércio, antes que alguém lhe diga, eu mesmo vou dizer. Você sabe que, no passado, eu tive um namorico com sua sobrinha, a Rosane.

– Sim, eu sei. Só que foi muito rápido porque meu irmão intercedeu e não deixou ir além.

– Exato. Só que nós estamos namorando novamente. Eu a pedi em casamento, e ela aceitou. Estou lhe dizendo isso em respeito a você e ao João Alvino. No próximo sábado eu vou a Canapi pedir a mão de Rosane e levar as alianças. Pode comunicar ao seu irmão.

Meu tio ficou nervosíssimo. Ligou em seguida para mim:

– Como você faz uma coisa dessas? Você não tem juízo? Isso é uma irresponsabilidade! Como eu vou dizer esse absurdo ao seu pai? Mais tarde eu passo aí na sua casa para a gente conversar.

– Olha, tio, eu só peço que o senhor não conte nada para minha irmã por telefone. Fale pessoalmente.

Dias depois, partimos para Canapi, desautorizando o meu pai que havia dito que não queria nos receber. Em um só carro, fomos eu, minha irmã, Fernando, um primo meu e o motorista. Meu tio Laércio já tinha ido na frente para acalmar meu pai. No caminho, eu fui quieta, quase muda. Quem ocupava o silêncio do carro era Rosania, que tagarelava com Fernando. Ele estava tão nervoso que nos fez parar em um posto de beira de estrada para beber água. Quando paramos, não tinha nada para beber e ele acabou chupando um picolé.

Ao chegarmos a Canapi, papai não foi tão rude com Fernando como todos dentro daquele carro esperavam:

– Não é nada contra você, a quem eu admiro e respeito muito, Fernando. Mas esse relacionamento não é correto. Não é correto. Minha filha é muito nova, muito menina. Ela tem pouca experiência de vida, está começando uma facilidade agora... Um casamento tão cedo não é nada do que sonhei para ela.

– Mas eu vou casar com sua filha, João.

A conversa foi longa, mas sem grandes novidades. Meu pai pensava, andava de um lado para o outro e, ora concordava, ora discordava. Chegou a me levar para o quarto e pedir para eu pensar bem no que estava fazendo. Estávamos todos ali muito aflitos com aquela situação. Até que eu resolvi pôr um fim naquele vaivém:

– Papai, o senhor concordando ou não, eu vou me casar com Fernando. Então é melhor o senhor aceitar e parar com esse negócio de dar a minha mão a ele e depois tirar.

Ele finalmente acabou aceitando e, três meses depois, estávamos casados.

Noivamos na ponte aérea. Como Fernando era deputado federal, passava a semana em Brasília, mas voltava às quintas-feiras para me ver. Nesse tempo, que passou muito rápido, organizamos o casamento. Era para ser algo pequeno,

íntimo, mas não conseguimos. Fizemos uma festa para cerca de quinhentas pessoas na casa dos meus tios-avós, Célia e Ítalo, em Maceió. Escolhemos o lugar porque foi ali que eu passei boa parte da minha infância, tenho uma ligação muito forte com a casa deles. Além disso, como já tinha sido casado, Fernando não poderia fazer a cerimônia na Igreja. O problema é que meu pai queria que eu casasse no religioso. Para resolver esse impasse, acabamos chamando um pastor evangélico que realizou uma cerimônia muito linda. Entre os meus padrinhos estavam o Paulo Maluf, que naquele ano seria derrotado por Tancredo Neves na disputa pela presidência do país, o então governador de Alagoas, Divaldo Suruagy, e Guilherme Palmeira, o ex-governador do Estado que havia nomeado Fernando para a prefeitura de Maceió na gestão anterior.

Nosso casamento acabou sendo também uma espécie de aliança política. Com o apoio dos Malta no interior, Fernando conseguiu solidificar sua candidatura ao governo do Estado e, mais tarde, acabou sendo eleito. Os benefícios, porém, eram só dele. Minha família não precisava de apoio dos Collor e até acabou sendo prejudicada por isso. Tanto é que papai resistiu muito para autorizar nosso romance. Apesar disso e de todas as vezes em que ele pediu para eu avaliar melhor minha decisão, a verdade é que eu casei sem pensar muito bem no que estava fazendo. Eu mal conhecia Fernando. Fui conhecê-lo mesmo no dia a dia, depois de casada. Mas eu estava apaixonada, era nova e queria me entregar àquele sentimento, àquele homem tão sedutor que aparecera na minha vida. Eu precisava de liberdade para viver um amor que começou no meio da adolescência e foi interrompido. Era só isso o que eu queria. O resto eu resolveria depois. Assim eu pensava.

3.

Vida nova em Brasília

O ano em que nos casamos, 1984, foi especialmente turbulento para a política nacional. No primeiro semestre, os brasileiros viram a campanha pelas eleições diretas, iniciada no ano anterior, dar em nada. Em abril, a Câmara dos Deputados rejeitou a aprovação da emenda constitucional que permitiria aos cidadãos escolher diretamente o seu governante nas eleições que estavam por vir. Em vez disso, o novo presidente seria escolhido por um colégio eleitoral. Pelo voto indireto, portanto. Os holofotes voltaram-se, então, para a disputa interna entre os três nomes do Partido Democrático Social (PDS, antiga Arena) que eram cogitados para a candidatura presidencial: o deputado federal Paulo Maluf, o vice-presidente Aureliano Chaves e o ministro do Interior e coronel do Exército Mário Andreazza. O escolhido concorreria com Tancredo Neves, candidato de oposição pelo Partido pelo Movimento Democrático Brasileiro (PMDB, ex-MDB). Segundo Fernando, ele e os outros chefes do PDS alagoano tinham feito um acordo. Cada um apoiaria um dos três aspirantes à presidência por seu partido. Collor estaria com Maluf; Divaldo Suruagy, com Andreazza; e Guilherme Palmeira, com Chaves. O objetivo era que quem estivesse do lado do vencedor assumiria o compromisso de acolher os outros dois junto ao poder depois da eleição.

Esse era o clima da política nacional quando nos casamos e saímos em lua de mel. O plano era ficar uns dias em Buenos Aires, esquiar em Bariloche e depois seguir para Paris. Antes mesmo de partir, tive uma decepção. Fernando veio me contar que Paulo Octávio Pereira, um de seus melhores amigos de infância, e sua esposa, Márcia Pereira, nos acompanhariam na viagem. Empresário do ramo imobiliário em Brasília, Paulo Octávio tinha ido a Maceió para ser nosso padrinho de casamento e Fernando acabou convidando-o para a viagem.

– Vai ser bom, Rosane. Assim, você tem a oportunidade de conhecer a Márcia, com quem poderá conviver bastante depois, em Brasília – justificou.

Além do casal, ele convidou também Luiz Salles, da empreiteira OAS, e sua mulher. Fiquei muito chateada com isso. Afinal, da qualquer mulher, eu sonhava ficar a sós com meu marido na lua de mel. Achei, no mínimo, muito

esquisito ser acompanhada por outras pessoas, mas não tive a iniciativa de reclamar. Eu era muito jovem, inocente, nunca tinha tido um relacionamento assim e estava me casando com alguém quinze anos mais velho, que já havia sido casado e era bem mais experiente. Acabei ficando quieta e não posso dizer que foi uma viagem ruim. Nós nos divertimos, mas eu me sentia só. Por exemplo, nos primeiros três dias na estação de esqui, eu precisei de instrutor, pois nunca havia praticado este esporte antes. Já Fernando e os outros eram bem experientes. Ou seja, eles subiam a montanha, e eu ficava na base da pista por duas, três horas, com o professor. Só depois nos encontrávamos para almoçar. Era chato. Eu estava mesmo ansiosa pela segunda etapa da lua de mel, quando iríamos para Paris sozinhos. Mas, aí, veio a segunda decepção. Na Argentina, Fernando ficou sabendo que o Divaldo seria candidato a vice de Andreazza. Meu marido ficou preocupado, pois essa reviravolta poderia diminuir as chances de Maluf ser escolhido o candidato do PDS. Ele achava que as chances de Andreazza aumentavam com Divaldo na chapa. Tivemos de voltar às pressas para Brasília e Paris ficou para mais tarde. Na convenção do partido, porém, Maluf acabou sendo escolhido o candidato, deixando a chapa Andreazza-Divaldo para trás. Só que, em vez de se juntarem a Maluf, como Fernando dizia que havia sido combinado, Divaldo Suruagy e Guilherme Palmeira passaram a apoiar Tancredo Neves.

Ao retornar da viagem, mudei-me para Brasília. A mudança incluía a transferência da minha matrícula no curso de administração para a Universidade de Brasília (UNB). E assim eu fiz. Só que meus estudos acabaram sendo um grande transtorno para nosso relacionamento. Isso porque eu e Fernando tínhamos agendas muito distintas. Por causa dos compromissos do Congresso, com frequência ele chegava em casa de madrugada, lá pelas 3h ou 4h. Muitas vezes ele me acordava e depois passava a manhã dormindo. Já eu tinha que levantar cedo, por volta das 6h, para poder assistir às aulas. O desencontro seguia ao longo do dia: quando eu voltava para almoçar, ele estava saindo para trabalhar. Foi então que começaram as reclamações. Meu marido queria minha presença em casa sempre que ele estivesse lá e também que eu o acompanhasse em todos os eventos noturnos. Mas não dava. Chegamos a brigar feio por causa disso.

– Por que eu tenho que abrir mão dos estudos? – perguntei já muito brava.

– Porque somos recém-casados, eu quero que minha mulher me acompanhe – respondia ele.

– E minha faculdade? Estava tudo muito acertado que eu continuaria estudando. Agora você quer mudar o combinado só para eu ficar aqui todas as manhãs com você? E se eu não quiser dormir até tão tarde quanto você dorme? Eu vou ter que ficar trancada no quarto?

Eu não me conformava com o fato de ter de dar esse tipo de satisfações a alguém. Já havia morado sozinha em Maceió, tinha certa liberdade e decidia sobre minha rotina. Depois do casamento, eu era obrigada a obedecer a alguém?! Além disso, eu não via justificativa para tanta reclamação. A casa estava em ordem e eu encarava aquilo como uma fase. Logo a agenda dele ficaria mais leve e a faculdade terminaria. Mas Fernando não arredou o pé. Ele

queria ainda que eu o acompanhasse nas viagens, o que eu não podia fazer para não perder aulas. Acabamos decidindo que eu trancaria o curso por um semestre, só nesse período mais turbulento de início do nosso casamento e que antecedia a eleição de um novo presidente. Depois eu voltaria a estudar. No fim das contas, acabou sendo uma boa solução, porque tivemos tempo para nos conhecer melhor. Ainda assim, era uma fase difícil. Eu queria ter a liberdade de antes, mas não podia. Por mais que eu não estivesse estudando, com frequência Fernando chegava em casa e eu não estava. Ele ficava furioso, mas era impossível saber a que horas ele chegaria em casa. Afinal, num dia as sessões no Congresso terminavam cedo, no outro, terminavam tarde. Era difícil eu saber quando podia sair ou quando deveria ficar em casa esperando por ele.

Foi um período complicado, mas, aos poucos, fui me acostumando à nova rotina de casada, à nova cidade e à distância dos meus parentes. Chegou um momento em que pensei: “Tenho a opção de amar ou odiar este lugar. Então eu vou fazer tudo para amar. Eu vou facilitar a minha vida. Esta aqui é uma realidade diferente. Maceió está lá, tudo o que é de Maceió ficará lá. Isto aqui é outra coisa. Estou vivendo uma nova história e vou fazer de tudo para que ela dê certo.” E assim foi. Eu sentia falta da praia, por exemplo. Quando estava em Maceió, se ficasse triste, estressada, nervosa, eu vestia um biquíni e ia ver o mar. Pronto, o mau humor passava. Só que Brasília não tem praia! Então eu mandei trazer areia para a beira de um lago dentro da Casa da Dinda. Ali, eu colocava uma cadeirinha e ficava tomando sol para ter a sensação de que estava perto do mar.

À sua maneira – eu preciso ser justa – Fernando fez o que pôde para ajudar na minha adaptação. A Casa da Dinda, por exemplo, pertencia à mãe dele, dona Leda Collor de Mello. Para que eu não me sentisse uma hóspede em minha própria casa, ele fez questão de alugar a casa da mãe. Achei uma boa atitude porque, dessa forma, eu realmente me sentia à vontade.

O mais difícil era a saudade que eu tinha da minha família. Sempre fui muito ligada aos meus parentes, aos meus pais e meus irmãos, principalmente. Depois do casamento, porém, tive de aprender a ficar longe deles. Em famílias “normais” é comum que a esposa crie vínculos com a sogra, os cunhados e os sobrinhos. Esses novos laços ajudam, eu imagino, a superar a saudade dos parentes, mas Fernando se dava muito mal com a família dele. Quando os outros Collor de Mello passavam por Brasília, à exceção de Leda, nós raramente os encontrávamos. Não havia convivência. Nesse ponto, sempre fomos muito diferentes. Enquanto eu era apegadíssima à família, Fernando fazia questão de manter distância. Eu até tentava aproximá-los, mas era em vão. Durante todos esses 22 anos em que estive casada com ele, não me lembro de nenhum Natal que comemoramos junto com a família de Fernando. Não houve um único jantar em que estivessem todos os irmãos reunidos numa boa. Nunca houve.

Certa vez, logo nos primeiros anos de casados, participamos de uma festa para comemorar o aniversário de dona Leda, em São Paulo, na casa de seu primogênito Leopoldo. Casado com Regina, ele viria a ser um dos grandes entusiastas da campanha presidencial do irmão e ajudou muito a conseguir votos em São Paulo. Formado em direito, Leopoldo atuou como jornalista e foi

funcionário da Rede Globo. Ficamos hospedados no hotel Mofarrej e, na hora marcada, chegamos à festa. As primeiras horas foram tranquilas, tudo corria bem e eu não conseguia compreender por que Fernando tinha tanta aversão aos encontros familiares. De uma hora para outra, porém, percebi que eles começaram a ficar alterados. Uma conversa que parecia inofensiva virou uma baita discussão cujo motivo eu desconheço até hoje. Aos meus olhos, um queria ser mais autoritário do que o outro. Assustada com a confusão, procurei um refúgio. Achei uma saleta com uma televisão ligada e fiquei lá até a coisa se acalmar. Quando fomos embora, Fernando disse:

– Entendeu por que eu não gosto de encontrar minha família?

Apesar de ter vivido algumas situações como essa ao longo do meu casamento, eu nunca tive grandes problemas com os parentes de Fernando. Até mesmo com sua mãe, Leda, conhecida por ser autoritária, eu tinha um bom relacionamento. Como já mencionei, nós nos conhecemos antes de eu namorar Fernando, quando nós duas trabalhávamos na LBA, ela como superintendente de Alagoas, eu como assistente administrativo. Apesar de viver há um bom tempo fora do Rio Grande do Sul, onde nasceu, dona Leda fazia questão de carregar no sotaque sulista. Usava muito o “tu”. “Tu tens que fazer isso”, dizia. No começo, eu achava estranho e sentia falta de um “por favor” nessas frases, mas acabei me acostumando. O pai dela, Lindolfo Collor, era político e esteve no exílio duas vezes durante o governo de Getúlio Vargas, fato que minha sogra fazia questão de lembrar. Dona Leda tinha o hábito de me chamar para ir até o seu quarto conversar. Na verdade, nessas ocasiões, eu pouco falava. Estava ali só para ouvi-la contar sobre Getúlio. Confesso que muitas vezes eu tinha vontade de fugir daquela situação. Mas eu tentava me concentrar para escutar e aprender. Afinal, o falatório era, de certa forma, uma aula de história.

Seu jeito mandão poderia ter rendido desavenças entre nós, mas acho que eu soube lidar bem com as coisas. Com frequência ela se hospedava na Casa da Dinda quando ia a Brasília. Em uma dessas vezes, quando eu ainda era recém-casada, cheguei da academia e notei algo diferente na decoração das salas. Os porta-retratos estavam todos fora de lugar. Achei estranho. Os empregados não eram novos e não tinham autorização para mudar os objetos de posição. Olhei aquilo e logo chamei o Berto, meu mordomo.

– Berto, o que é isto aqui? Quem mudou minhas fotos de lugar?

Ele ficou em silêncio por alguns instantes e eu emendei:

– Será que a Vicentina resolveu mudar as posições dos porta-retratos durante a limpeza? Que estranho... Ela já trabalha aqui há algum tempinho e não é disso...

Então ele, meio acanhado, disse:

– Patroinha... Não foi a Vicentina, não. Foi a dona Leda quem mudou o lugar das fotos.

– Dona Leda? Minha sogra?

– Sim.

– E por que ela fez isso?

– Eu não sei, mas ela passou algum tempo aí mudando os porta-retratos de lugar.

– Tudo bem, Berto. Obrigada.

Ah, eu não gostei nada daquilo. Respirei fundo e imediatamente recoloquei tudo na posição anterior. Quando Fernando chegou, à noite, eu o chamei para uma conversa e contei o que tinha acontecido.

(Fernando e eu costumávamos nos chamar de “Quinha” e “Quinho”. Os dois apelidos eram corruptelas de “Pucununinha” e “Pucununinho”, que usamos por pouco tempo e depois abreviamos porque minha sogra achava feio.)

– Olha, Quinho, hoje aconteceu algo desagradável aqui em casa.

– O que foi, Quinha?

– Sua mãe tirou nossas fotos do lugar onde eu coloquei. Enquanto alugarmos a propriedade dela, a dona da casa aqui sou eu. Ela não pode chegar e ir logo mudando a ordem das coisas. Eu não teria coragem de fazer isso na casa dela.

– Você tem toda a razão de não gostar.

– Ora, mesmo que ela não concorde com a decoração, ela não pode mudar sem me consultar antes.

– Minha mãe tem dessas coisas mesmo. Eu vou lá falar com ela.

– Não. Deixe. Eu mesma quero falar.

Então, quando chegou a hora do jantar, eu me preparei para falar. Claro que eu não disse no meio da refeição, que é um momento sagrado em que as coisas devem estar tranquilas – isso minha mãe me ensinou e eu aprendi muito bem. Eu esperei que todos estivessem satisfeitos e, quando já estávamos tomando um cafezinho, disse:

– Dona Leda, aconteceu algo hoje quando eu cheguei da academia que eu não gostei.

– O que foi, bichinha? – era como ela costumava me chamar.

– A senhora trocou meus porta-retratos de lugar.

– Ah, minha bichinha, eu achei que ficava mais bonito ali. Achei que as novas posições valorizavam mais as fotos. São imagens tão bonitas, você de noiva...

– Olha, dona Leda, sua intenção pode até ter sido a melhor de todas, mas eu não gostei. Não gostei porque a senhora não me consultou e, por isso, eu coloquei tudo no lugar antigo. Depois, com calma, se eu achar melhor a sua mudança, eu posso até trocar. Agora eu entendo bem por que seu filho fez questão de alugar esta casa.

– Tudo bem, bichinha, eu não vou mexer em mais nada.

– A senhora me desculpe, mas eu realmente fiquei aborrecida e gostaria que coisas assim não se repetissem aqui.

Tivemos outro contratempo nessa fase. Logo que me casei, não sabia circular por Brasília. Por isso, Fernando comprou um carro para o motorista me levar aonde eu precisasse. Era um Ford Landau, o carro mais luxuoso fabricado no Brasil nas décadas de 1970 e 1980. Numa época em que a importação de automóveis era proibida no país, ter um Landau era muito chique. Alguns modelos já tinham, por exemplo, direção hidráulica e ar-condicionado, coisa rara por aqui. Ele foi o carro oficial da presidência até 1991, quando os dois exemplares a álcool comprados em 1982 foram trocados por ordem de Fernando. Ou seja, ter um Landau na década de 1980 era um luxo e chamava

atenção. Por causa disso, quando eu ia à faculdade, pedia que o motorista parasse alguns quarteirões antes e percorria o restante do trajeto a pé. Assim que eu me acostumei com o trânsito e os caminhos locais, Fernando fez uma surpresa para mim. No meu aniversário, ganhei de presente um carro mais jovial, um Escort azul, lançamento na época. Na placa, Fernando conseguiu dar um jeito de colocar um número que remetia ao dia do meu aniversário (2010), vinte de outubro. Recebi o presente amarrado com um laçarote. Fernando era muito romântico e costumava fazer surpresas assim. Fiquei muito feliz, amei aquele carro. Que mulher não gostaria de uma surpresa dessas? Só que, em seguida, fomos para Paris e dona Leda ficou em nossa casa. Quando voltamos, o carro não estava lá. Não me lembro qual foi a explicação que ela deu, mas o fato é que, em vez de usar o outro carro, ela pediu para o motorista sair com o meu e ele bateu o Escort, estraçalhando o meu presente. Eu fiquei muito triste, e o Fernando, furioso.

– Não se preocupem, eu já encomendei outro. Está para chegar – dona Leda disse, depois de contar o que havia acontecido.

– A senhora não fez mais do que a obrigação – respondeu Fernando.

– Não precisa ser grosseiro assim – eu o repreendi.

– Como não? A senhora por acaso comprou um carro igual? – perguntou à mãe.

– Não. Aquele não tem mais – disse dona Leda.

– Está vendo! Tem que ser da mesma cor, tem que ser igual!

Apesar dessas rusguinhas, nós duas nos dávamos muito bem e nos respeitávamos. A única vez em que ela tentou mandar em mim foi por um motivo bobo. Eu estava de férias em Maceió, hospedada na casa dela, e fui à praia. Voltei um pouco atrasada para almoçar, tomei banho, não sequei o cabelo, coloquei um *short*, uma camiseta e sentei à mesa. Não achei que ela estivesse me esperando para comermos juntas.

– Bichinha, cabelo molhado à mesa, não.

– Como é? Eu acabei de chegar da praia, está calor e eu vou ter que secar o cabelo para comer? Ah, não...

Ela não gostou nem um pouco.

Além de Leopoldo, Fernando tinha duas irmãs, Ana Luiza e Ledinha, e um irmão caçula, Pedro. Ledinha, um ano mais nova do que Leopoldo, foi casada com o diplomata Marcos Coimbra, pai de Marcos Antonio Coimbra, dono do instituto Vox Populi. Os dois, Ledinha e Marcos, frequentavam bastante a minha casa. Assim que eu e Fernando nos casamos, Ledinha passou uma temporada longa, mais de três meses, hospedada na Casa da Dinda conosco. Posteriormente, durante o seu governo, Fernando nomeou Marcos para ser secretário-geral da Presidência da República. Por tudo isso, convivíamos bastante com eles. Depois que me separei, no entanto, nunca mais nos falamos. Nem fui avisada da morte de Marcos, em janeiro de 2013. Já com Ana Luiza, a terceira filha de Arnon e Leda, que não casou ou teve filhos, era diferente. Ela não se dava com os irmãos mais velhos, só com Pedro. Por isso, eu mal a encontrava. Fernando vivia dizendo que ela tinha problemas psicológicos, que a irmã não era normal. Ela só se aproximou de nós depois da morte de Pedro, em 1994. Ana Luiza faleceu em

2013, vítima de insuficiência respiratória, mas eu também só soube da notícia pelos jornais.

O grande problema de Fernando era com Pedro. E o meu, com Thereza, a mulher dele, filha de João Lyra, um dos usineiros mais ricos do país e um homem muito influente na política alagoana. Em seu livro cheio de rancor *Passando a Limpo – A Trajetória de um Farsante*, publicado em 1993, sobre a rivalidade entre ele e o irmão, Pedro defende a tese de que Fernando dava em cima da cunhada. Eu não acredito nisso. Afinal, se fosse assim e se o caçula sabia das investidas do irmão contra sua esposa, por que tentava se aproximar de nós? Se eu estivesse na posição dele, cortaria relações, ficaria bem longe. Mas não era o que ele fazia. Pelo contrário, Pedro chegou até a me perguntar, certa vez:

– Sabe, Rosane, eu não entendo de onde vem esse bloqueio que Fernando tem comigo. O que eu posso fazer para me aproximar?

– Não é bem assim, Pedro, Fernando não tem um pé atrás com você. A verdade é que vocês dois têm um gênio muito forte e acho que falta mais conversa entre os dois. Além disso, seu irmão sente falta do seu apoio na carreira política dele.

Na minha opinião, Thereza é que gostava de Fernando e por isso fazia de tudo para chamar a atenção dele. Certa vez, antes de pedir minha mão em casamento ao meu pai, Fernando ligou para mim de Brasília. Ele queria contar sobre um episódio, no mínimo, muito esquisito:

– Rosane, aconteceu algo muito estranho.

– O que foi?

– Hoje, no aeroporto, quando eu já estava embarcando, vi Thereza correndo, ofegante, atrás de mim. Parei e perguntei a ela o que havia acontecido. Ela disse que tinha ido à minha casa e lá lhe disseram que eu estaria no aeroporto.

Perguntei a ele o que sua cunhada queria de tão urgente e ele contou, em detalhes, o que haviam conversado naquela ocasião:

– Fiquei sabendo que você vai se casar com essa tal de Rosane – disse Thereza.

– É verdade – respondeu Fernando.

– Você está louco, Fernando? Essa mulher não é para você.

– E quem é você para dizer com quem devo me casar, Thereza?

– Eu sou sua cunhadinha querida, você não disse que eu sou a sua preferida?

– Hum, sim, entre as morenas – (a outra cunhada dele era a Regina, mulher de Leopoldo, que é ruiva).

– Fernando, deixe de bobagem. Não faça uma besteira dessas.

– Olha, Thereza, eu não estou entendendo esse seu escândalo todo. Não é hora nem lugar para esta conversa. Eu preciso viajar.

Na época, eu era muito inocente, muito boba mesmo, e não percebi a malícia que havia por trás desse teatro todo. Quando Fernando me contou essa história pelo telefone, eu respondi:

– Puxa, Fernando, acho que ela está realmente preocupada com você. Como vocês se dão bem, como se gostam e ela não me conhece, deve estar

preocupada porque você se separou recentemente e já vai casar de novo.

– Mas eu não dou o direito de ela se meter desse jeito!

– Vamos ficar calmos, não há motivo para fazer confusão. Deixe para lá.

Eu era tão inocente que, em uma outra ocasião, nos encontramos por acaso em Paris: Pedro, ela, Fernando e eu. Naquela viagem, meu marido tinha feito uma grande surpresa para mim. Certa noite, quando chegamos no hotel, ao remexer o travesseiro, achei uma caixa. Olhei para Fernando como quem pergunta: “O que é isso?”

– Vamos, abra, veja o que há dentro – disse ele, ansioso.

Quando abri, havia um relógio Rolex de ouro, todo cravejado com diamantes. Era a peça que eu tinha ficado namorando na loja dias antes. Ele comprou sem que eu percebesse. Fiquei tão feliz com o presente que, ao encontrar meus cunhados, fui logo mostrando a novidade:

– Olha só que coisa linda meu marido me deu! Esse homem não existe, mesmo... – derreti-me toda na frente deles.

Foi uma burrada. Se eu já estivesse mais calejada, nem abriria minha boca. Pelo contrário, esconderia o relógio. Mas acabei mostrando e imediatamente notei a inveja nos olhos dos dois. No dela, porque sonhava estar em meu lugar. E, no de Pedro, porque certamente queria uma mulher tão apaixonada quanto eu e percebia o quanto Thereza se incomodava com as demonstrações de amor que Fernando tinha por mim. Acho que aqueles dois colocaram tanta uruca no meu relógio que ele acabou sendo roubado.

Outros episódios abriram meus olhos e fizeram-me ver quem era Thereza de verdade. Ela não perdia a chance de me colocar em situações constrangedoras. Certa vez, quando eu já era primeira-dama de Alagoas, fui para o Rio de Janeiro com uma amiga, Katherine Albuquerque, dona de uma butik em Maceió, para fazer compras. Fomos ao ateliê de uma dupla de estilistas que trabalhavam com roupas de couro, Frankie Mackey e Amaury Veras.

Ao chegarmos à loja, Frankie veio me cumprimentar:

– Que alegria lhe conhecer! Que bom que Katherine trouxe você aqui. Eu já conheço sua cunhada. Faltava conhecer você – disse o estilista.

– A Thereza? – Perguntei.

– Sim, a Thereza. Aliás, vou pedir um favor a você, Rosane.

– Pois diga.

– Diga a Thereza que ela comprou umas coisas aqui há meses e até hoje não pagou. Eu ligo para cobrar e ela não atende. Você pode dar o recado?

– Ah, mas eu não sou garota de recados – respondi – eu não tenho a menor liberdade de ligar para Thereza e dizer que ela está devendo para você. Agora, você não se preocupe que eu não vou fazer a mesma coisa. Eu não sou igual a ela em nadinha. E, se você tem essa preocupação, se acha que eu vou dar o calote, fique tranquilo. Pode descontar o cheque durante os dias em que eu estou aqui no Rio de Janeiro. Assim, se você tiver qualquer problema, sabe onde me achar.

Passei por cima disso, fiz minhas compras, curti minha estadia no Rio de Janeiro e voltei a Maceió. Quando cheguei, fui direto acompanhar Fernando em

uma festa, depois voltamos para casa já tarde da noite e dormimos. Nem deu tempo de colocar o assunto em dia. Na manhã seguinte, fui para a faculdade (eu continuei a graduação em Alagoas durante o período em que Fernando foi governador do Estado) e, depois, voltei para almoçar em casa, como sempre. Nesse momento, Fernando ligou:

– Quinha, vou subir para almoçar com você. Estou com pouco tempo, mas eu vou porque tenho algo importante para conversar com você.

E assim fez. Durante a refeição, perguntei:

– O que você tem de importante para falar comigo, Quinho?

– Quinha, o dinheiro que lhe dei para gastar na viagem ao Rio não foi suficiente?

– Foi, sim. Deu tranquilamente para comprar o que eu quis. Usei meus cartões, meus cheques e levei dinheiro também. Deu tudo certo.

– Tem certeza?

– Claro.

– Puxa, Quinha, você nunca mente para mim. Por que está mentindo agora?

– Eu não estou mentindo, Fernando. Não estou. De onde você está tirando essas bobagens? Por que e sobre o que eu estaria mentindo?

Fernando fez uma cara de desconfiado, hesitou em falar, mas abriu o jogo:

– Hoje de manhã, a Thereza foi ao Palácio e contou que você comprou umas roupas lá na loja do Frankie e do Amaury, no Rio, e não pagou. Meu amor, por que você não disse que faltou dinheiro? Eu teria mandado mais.

– Como é essa história? Espere um pouco.

Eu devo ter ficado roxa de tanta raiva que senti naquele momento. Como ela pôde inverter a história daquela forma e ainda ir falar com Fernando? Como? Fui imediatamente ao telefone e liguei para o Frankie:

– Oi, Frankie, aqui é Rosane Collor. Como vai?

– Tudo bem, Rosane. E você, como está?

– Eu estou bem, mas vou ficar melhor se você me responder uma coisa importante. Eu lhe devo algo?

– Não.

– O cheque que eu lhe dei, referente às compras que eu fiz com você, voltou, por acaso?

– Não.

– Então eu não devo nada, certo?

– Não...?

– Está certo, então repita isso a meu marido. E aproveite para contar a ele o que você me disse sobre minha cunhada, Thereza.

Fernando ouviu tudo meio envergonhado. Quando desligou, esbravejou:

– Está vendo? De novo essa mulher. Ela só cria intrigas! Eu tenho certeza de que ela vive dizendo ao Pedro que eu dou em cima dela. Tenho certeza!

Thereza e Pedro estavam vivendo uma crise conjugal. Estiveram prestes a se separar. E, como fiquei sabendo depois, ela frequentemente procurava Fernando. Eu tentei ligar a ela várias vezes para tirar satisfações sobre o episódio das compras no Rio. Eu já não era a bobona de quando me casei. Só que ela não atendia ao telefone. Pois eu fui até a loja de Katherine e pedi que ela ligasse para

Thereza.

– Alô, Katherine? – Ela atendeu.

Eu peguei na extensão e respondi:

– Não, não é Katherine, Thereza, aqui é a Rosane.

– Ah, oi, Rosane – ela murmurou sem jeito.

– Thereza, vou lhe dar um aviso e será uma só vez: pare de criar intrigas! O que você tem na cabeça para dizer ao meu marido que eu fiquei devendo ao Frankie? De onde você tirou essa mentira?

– Acho que está havendo um engano.

– Sim, o seu engano. Eu sei muito bem que você comprou lá e não pagou. E agora vem dizer que quem deve sou eu? Está maluca?

– Rosane... você não sabe como são os bichas?

Aí ela inverteu a história todinha. Disse que o Frankie e o Amaury é que tinham espalhado por aí que ela estava devendo, que eles é que não prestavam. De fato, eu não posso ter certeza de quem estava com a razão nessa história. Eu nunca soube realmente que confusão aconteceu entre Thereza e o estilista. De qualquer forma, acabou respingando em mim, e tive mesmo a impressão de que Thereza criou uma situação para causar constrangimento entre o Fernando e eu.

(É impossível não registrar a tragédia que marcou a dupla de estilistas, muitos anos depois. Em 2004, no que parece ter sido um crime passional, Amaury foi encontrado enforcado por uma echarpe, depois de ter sido golpeado na cabeça. Frankie foi acusado de tê-lo assassinado e está sendo julgado à revelia pela Justiça brasileira.)

Seja como for, eu fiquei em alerta contra Thereza para sempre. E, depois desse episódio, eu fazia questão de evitá-la. Se eu não precisasse sequer olhar para a cara dela, melhor ainda. Eu até me dava bem com Pedro e, durante algum tempo, tentei aproximar os irmãos. Mas, depois desse comportamento de Thereza, eu desisti. E ela não parou por aí.

Fernando e eu só nos mudamos para a casa em Maceió, onde eu vivo hoje, durante a campanha para presidente. Antes disso, pipocamos por outras casas. Primeiro fomos para a Dinda. De lá, nos mudamos para a residência de dona Leda em Maceió. Na época, ela vivia entre Alagoas e Rio de Janeiro e mantinha um quarto para Fernando em sua casa. Nós nos hospedávamos ali durante as férias ou sempre que precisávamos vir a Maceió. Quando eram só visitas esporádicas, eu não me importava, mas, assim que resolvemos nos mudar para a cidade, eu disse a Fernando que queria um canto nosso. Ele tinha dois apartamentos. Num deles morou com Lilibeth. No outro, passou o tempo de solteiro depois da separação e era para lá que levava todos os seus casinhos. Então eu não quis ir para nenhum dos dois. Com essas coisas, eu sou muito tradicional. Resolvemos alugar uma casa de uns amigos e lá ficamos até Fernando ser eleito governador, quando nos mudamos para o palácio do governo. Nesse vaivém, deixei algumas de minhas coisas empacotadas em um arquivo da *Gazeta de Alagoas*, o jornal da família. Eram louças caríssimas, quadros, tapetes e até alguns móveis. Quando ele resolveu se candidatar mesmo a presidente, alugamos esta casa (que mais tarde acabamos comprando) onde estou até hoje. Eu precisava, portanto, mobilá-la. Voltei à *Gazeta* para pegar meus pertences.

Foi quando descobri que eles não estavam mais lá. Um funcionário me informou que Thereza pegara tudo, dizendo que era dela. Fui tirar satisfações e a safada disse que Fernando havia dado as minhas coisas a ela. Ameacei fazer escândalo, mas meu marido pediu para deixar para lá, pois ele estava prestes a entrar para a campanha e esse tipo de confusão não ajudaria em nada. Fiquei furiosa e me contive em nome dele. Compramos peças novas.

Enfrentei baixarias ainda piores de Thereza. A mais nojenta de todas aconteceu na Barra de São Miguel, um município próximo a Maceió onde há muitos imóveis de veraneio. Lá, Ledinha e Marcos tinham uma casa com vários quartos, o suficiente para receber os irmãos e a dona Leda ao mesmo tempo. Alguns anos depois, acabamos comprando a casa. Fernando fazia questão de não ir quando sabia que Pedro e Thereza estariam por lá. Mas, certo dia, sem que soubéssemos, eles apareceram de surpresa. Ficou um clima tenso. Eu apostei que Thereza sabia que estávamos lá e fez a cabeça de Pedro só para nos criar constrangimento. E para se aproximar de Fernando, claro. Ainda assim, resolvemos ficar. Dona Leda, Ledinha e Marcos também veraneavam na casa naquela ocasião. Como se não bastasse ter chegado sem avisar, Thereza ainda veio me provocar:

– Você sabia que o Pedro acha que você afasta o Fernando de mim?

– Thereza, você conhece os nossos motivos. Eu não quero encrenca agora. Eu estou em paz – respondi.

– Puxa, Rosane, você ainda acha que eu fiz aquilo? – disse ela, referindo-se à encrenca com o Frankie.

– Eu não acho. Eu tenho certeza, Thereza. Certeza. E, olhe, eu não tenho o menor interesse em ser sua amiga. Nem tente porque eu não quero. Você vive no seu mundo, eu vivo no meu, está certo?

Naquele dia, saímos para jantar com alguns amigos. Pedro e Thereza não foram. Voltamos tarde e dormimos. Na manhã seguinte, o Fernando acordou mais cedo do que eu.

– Desço já, já – avisei.

– Tudo bem, mas eu lhe espero na praia porque conheço seu ritual para ficar pronta – ele disse antes de descer.

Todos os quartos da casa tinham vista para o mar. Enquanto me vestia, afastei a cortina para olhar a praia e vi Fernando deitado sobre uma cadeira, tomando sol sozinho. Era cedo, por volta das 9h, e, portanto, nenhuma das outras pessoas da casa havia descido ainda. Em seguida, vi Thereza chegando. Ela foi por trás e abraçou Fernando. Meu coração bateu forte naquele momento, fiquei louca de tanta raiva. Eu não conseguia acreditar no que estava vendo. Vesti o biquíni rapidamente. Acho que nunca na vida fui tão rápida para me vestir. Continuei olhando enquanto me arrumava. Fernando tomou um susto quando ela chegou. Levantou da cadeira e correu para o mar. Ela foi atrás. Eu não tive dúvida, desci as escadas correndo, ainda ajeitando o biquíni, e dei de cara com dona Leda na sala.

– O que aconteceu, por que você está correndo? – ela perguntou.

Minha sogra percebeu algo, também. Ainda escutei ela murmurar “Ai, meu Deus, ela vai ver. A Rosane vai ver”, enquanto eu descia as escadas. Nem

respondi e ela emendou:

– Você está aí há muito tempo?

– Há tempo suficiente, dona Leda. Suficiente – respondi enquanto corria para a praia.

– Quando me viu, Fernando começou a tremer de nervoso. Estava em dúvida sobre o que eu tinha flagrado e temia minha reação.

– Quinha, você chegou agora?

– Sim, cheguei – disse sem demonstrar muita emoção. Afinal, eu não queria dar o gostinho para ela, eu era superior a tudo aquilo.

Foi então que Fernando me abraçou, me beijou e me chamou para tomar um banho de mar. E ela ainda teve a coragem de vir falar comigo:

– Rosane, nossa, você chegou há muito tempo? Eu pensei que você estava dormindo. Você é tão dorminhoca...

– Pois é, Thereza, hoje eu resolvi acordar cedo e já vi cenas suficientes para um dia inteiro.

Depois disso, Fernando voltou para a casa para pegar uma bebida e eu fui atrás. No caminho, encontrei minha sogra com cara de quem espera uma bomba. Eu não disse nada, não queria passar recibo. Ficou um clima chato na casa. Quando ficamos a sós, Fernando disse:

– Vamos embora. Vamos embora.

– Fernando, eu vi tudo, tudinho.

– Pelo amor de Deus, Quinha, não crie confusão. Eu já não me dou nada bem com minha família, se descobrirem...

– Descobrirem o quê, Fernando? Você já teve algo com essa mulher? Pelo que eu vejo vocês já tiveram algo...

– Pelo amor de Deus, Quinha, não diz uma coisa dessas. Você já pensou se alguém escuta? Se alguém da minha família cria essa desconfiança? Já pensou no que pode acontecer?

– Ora, Fernando, faça-me o favor... O jeito como essa mulher lhe trata não é normal para uma cunhada. E o que eu vi hoje deixou muito claro que vocês têm ou tiveram algo diferente.

Fernando nunca me deu grandes explicações sobre aquela cena e, até aquele momento, eu duvidava que existisse algo entre os dois. Depois do que aconteceu na Barra de São Miguel, porém, eu passei a desconfiar. Acredito na tese de que os dois tiveram algo antes do meu casamento e Thereza continuou apaixonada. Eu também não duvido que tenha sido por Thereza, por essa obsessão que ela tinha pelo cunhado, que Pedro resolveu destruir o próprio irmão, trazendo à tona as acusações que acabaram levando ao *impeachment*. Os dois nunca se deram muito bem, mas, na juventude, conviviam. Moraram juntos em Brasília, quando tinham vinte e poucos anos, e trabalharam na Organização Arnon de Mello. Mais tarde, Fernando saiu da empresa para seguir carreira política como o pai, que fora senador, e Pedro continuou lá. Quando Fernando começou a crescer como político, Pedro fez pouco ou quase nada para ajudar nas campanhas. Aliás, o caçula fazia de tudo para dificultar a vida do irmão. Inclusive durante as campanhas.

A derrota de Maluf para Tancredo nas eleições de 1985 deixou Fernando em uma situação ruim. Foi quando ele começou a espalhar que fora traído pelos outros dois chefes do PDS, Divaldo Suruagy e Guilherme Palmeira. Segundo dizia, apesar do acordo feito com o trio, só ele permaneceu apoiando o candidato da situação. Os outros se bandearam para o lado de Tancredo. Só que eu não acredito que esse acordo tenha existido. Para mim, foi apenas uma desculpa para Fernando amenizar o vexame de ter apoiado o perdedor sozinho. Ele passou a precisar de uma saída para melhorar sua imagem e ascender na política.

Apesar da derrota e das dúvidas sobre o futuro da carreira de meu marido, estávamos livres para finalmente comemorar nosso casamento. Fizemos, então, uma lua de mel de verdade. Passamos um mês inteiro em Paris hospedados no apartamento de Ledinha, na Avenue Georges Mandel. Nunca vou me esquecer deste endereço. Foram 30 espetaculares dias que vivemos juntos. Lá eu pude conhecer um lado maravilhoso de Fernando – que existe, eu não posso negar. Como estávamos bem localizados e andávamos bastante a pé, tive a oportunidade de conhecer muito bem Paris. Fiquei apaixonada pela cidade e, durante algum tempo, nutri o desejo de morar ali. Eu era jovem, aquela era minha primeira viagem para a Europa, eu estava deslumbrada e só queria comprar, comprar, comprar. Ele dizia assim:

– Tudo bem, eu quero atender todas as suas vontades, mas precisamos aproveitar momentos de cultura também.

E fazia questão de incluir em nosso roteiro atrações culturais, sobretudo visitas a museus e teatros. Fomos até ao circo! Depois, ele passava um bom tempo me ensinando sobre o que havíamos visto. Durante os jantares, por exemplo, estudávamos. Fernando era muito generoso e eu aprendia com prazer o que ele tinha a me ensinar. Com ele, aprendi, por exemplo, a gostar de ópera, algo inimaginável para mim antes de casar. Depois, em qualquer cidade da Europa por onde passávamos, sempre íamos assistir a alguma montagem.

Durante a viagem, eu também tentava ser generosa ao meu modo. Se eu deixasse, ele gastaria todo o dinheiro daquela viagem com compras para mim, mas insisti para que ele tirasse um tempo para comprar coisas para ele também. Então fomos às lojas que ele costumava frequentar para comprar ternos e camisas sob medida. Em um dos nossos jantares, ele fez uma revelação:

– Vou deixar o PDS. Vou para o PMDB para sair como candidato ao governo de Alagoas.

– Você está louco, Fernando? Você não votou em Tancredo. O seu grupo político é rival do dele. Como você vai fazer isso?

– Eu vou fazer e você vai me ajudar.

– Acho isso uma loucura, mas, se é seu sonho, se é o seu projeto, vamos lá. Vou lhe ajudar custe o que custar.

Mudar de partido era uma forma de manter-se bem na política depois da derrota de Maluf. Eu só achava estranho querer se bandear justo para o PMDB. Ainda mais porque o partido já tinha um candidato ao governo do Estado, José Costa. Mas estava apaixonada e fiquei animada com o novo plano. Ao voltarmos para o Brasil, procurei as mulheres de outros deputados e estabeleci um relacionamento com elas para aproximar nossos maridos. Deu certo.

Rapidamente ele foi aceito no partido. Para sorte dele, logo depois da filiação, José Costa desistiu da candidatura e Fernando foi escolhido para substituí-lo como candidato do PMDB ao governo do Estado.

Nessa época, fazia pouco tempo que Pedro havia fundado uma produtora especializada em vídeos para campanhas políticas. Em qualquer família normal, seria esperado que um irmão favorecesse o outro nessa situação. Mas Pedro não era assim. Ao contrário. Ele só dificultava. Deixava para Fernando os piores horários na grade de gravações. Lembro que passávamos o dia viajando pelas cidades do Estado, fazendo campanha, e, quando chegávamos a Maceió, tarde da noite, exaustos, era a hora que Pedro tinha liberado para o irmão gravar sua propaganda política. Fernando ia para casa, tomava um banho e seguia para o estúdio. Muitas vezes eu o acompanhava e ficava admirada com a energia que ele conseguia ter para enfrentar aquela maratona. Ele era muito determinado, mas ficava chateado com o irmão. Fernando só conseguiu liberdade para gravar no momento que fosse melhor para ele depois que conseguiu dinheiro para investir na campanha. E o dinheiro só chegou depois que João Lyra, pai de Thereza e um dos entusiastas da candidatura de Fernando, levou Paulo César Farias, o PC, para ser seu caixa da campanha. Depois disso, meu marido montou uma pequena produtora para si e contratou a agência do publicitário Duda Mendonça.

Essa foi uma fase bastante cansativa, mas também divertida, porque adoro campanha política. Arregacei as mangas e ajudei muito a alavancar o nome de Fernando Collor em Alagoas. Voltei para Maceió, tranquei a faculdade novamente e participei ativamente da campanha. Sempre fui um ótimo cabo eleitoral. Adoro o corpo a corpo, converso com as donas de casa, com os aposentados pela rua... Comecei realizando esse trabalho no interior e depois voltei para a capital, porque era lá onde mais precisávamos crescer. Coloquei uma equipe de 70 mulheres para fazer um trabalho de porta em porta. Depois de Fernando ser eleito governador, convidei essas mulheres para trabalhar comigo, a primeira-dama do Estado, no Sopro Bem, o Serviço de Promoção do Bem-Estar Comunitário. Esse programa assistencial só existia na capital, e eu o levei para todos os municípios. Foi com ele que eu comecei a atuar seriamente com trabalhos assistenciais. Além disso, organizávamos comícios. Eu subia no palanque, pedia voto e explicava por que Collor era o melhor candidato.

Foi durante essa campanha que eu descobri outro lado interessante dele. Por incrível que pareça, Fernando não gostava de estar entre outros políticos. A politicagem o incomodava e isso o prejudicou muito ao longo de sua carreira. O negócio dele é ser aclamado pelo povo. Isso ele adora. Fernando fica em êxtase quando sobe em um palanque, discursa, fala, grita. Eu preciso ser honesta: enquanto boa parte dos políticos só chega perto dos eleitores por obrigação e tem até nojo se alguém encosta neles, Fernando faz isso com gosto. Se ele beija ou abraça alguém na rua é de verdade. Ele realmente se preocupava com os aposentados, com as crianças que o cercavam. Acho que esse contato com as pessoas alimenta o ego dele e lhe faz bem.

Fernando venceu as eleições e, pouco tempo depois, disse para mim:
– Eleito governador, serei agora presidente da República.

Retomei meus estudos em Maceió. Não era fácil. Por mais que eu tentasse me comportar como qualquer outra aluna, eu não era tratada assim. Muitos dos professores tinham cargos no governo, alguns eram secretários de Estado, e se referiam a mim como “primeira-dama”. Nessas ocasiões, eu esperava terminar a aula, ia até eles e explicava:

– Olha, professor, eu agradeço o tratamento, mas aqui na faculdade eu sou uma estudante como todos os outros. Não quero distinção. Aqui eu sou Rosane. Se nos encontrarmos em uma solenidade, em algum evento do governo, o senhor pode me chamar de primeira-dama, mas aqui eu sou apenas Rosane.

Quase sempre dava certo, mas às vezes eles escorregavam e eu ficava constrangida. Os alunos também me tratavam de forma diferente. Alguns não gostavam de Fernando e faziam questão de deixar isso claro para mim. Outros queriam se aproximar por interesse. Era complicado. Além disso, eu não podia me comportar como uma estudante comum. Eu tinha a obrigação de ter ótimas notas e não podia me dar o direito de farrear. Caso contrário, estaria nos jornais no dia seguinte. Apesar de todas essas dificuldades, eu fiz questão de continuar os estudos até o fim.

Às vezes eu tinha de faltar às aulas porque Fernando viajava muito enquanto era governador. A viagem mais marcante foi uma que fizemos para a China, poucos meses depois da posse, a convite do governo de lá. Levamos uma comitiva de umas dezesseis pessoas. Faziam parte dela, além de mim e Fernando, os casais Cleto Falcão, que mais tarde se tornaria deputado federal, e Ana Cristina; Renan Calheiros, então deputado federal pelo PMDB de Alagoas, e Verônica; Chico Mello, presidente da Assembleia Legislativa e primo de Fernando, e Helga; Francisco Hélio Jatobá, secretário de Indústria e Comércio, e Carmina ou “Tutu”, como a chamávamos; Pedro Paulo Leoni Ramos, um amigo de Brasília que mais tarde se tornou chefe da Secretaria de Assuntos Estratégicos do governo federal, e Luciana; e o assessor de imprensa Claudio Humberto e Thais. Foi uma viagem muito divertida. Ficamos todos em uma casa reservada para nós em Pequim pelo governo do país e, como a agenda de compromissos não era muito cheia, deu tempo de curtir. Havia uma porção de empregados, mas nenhum deles falava português ou inglês. Para nos comunicarmos, contávamos com a ajuda de um tradutor, o Li Ping, que ficava conosco o tempo todo. Vira e mexe, os homens resolviam tomar uma cervejinha e a colocavam no congelador. Quando iam pegar a garrafa, ela estava fora do gelo. Os empregados tinham tirado porque não era hábito na China tomar cerveja gelada. Então o Fernando ia até o Li e explicava que não era assim que eles gostavam:

– Li, explique para esses chineses que brasileiros gostam é de uma cerveja bem gelada – e nós caíamos na gargalhada.

Entre nossos compromissos, estavam os jantares típicos chineses. Comi muita coisa esquisita. Eles serviam de tudo, insetos, gatos... Provei até cobra! Foi uma baita saia justa. Estávamos em um evento com o então presidente chinês, Li Xiannian (1909–1992). Sentei-me à mesa, o tradutor ao meu lado, e fui servida pelo garçom. Um dos pratos era uma sopa. Provei, achei o sabor estranho e o aspecto ainda mais porque tinha uns pedaços de uma coisa muito esquisita boiando.

– Li, o que é isto aqui? – perguntei ao intérprete.

– Serpente, senhora – ele respondeu.

– Nossa! Meu Deus do céu! Não como mais isso, não! – e deixei o prato de lado.

Num outro dia, Li veio nos informar que havíamos sido convidados para um jantar servido só a pessoas muito especiais. Ficamos curiosos e ele nos explicou como funcionava. O prato principal era macaco. Aliás, tudo girava em torno do macaco. O primata era o grande momento da festa. Havia uma mesa especialmente feita para servir o bicho. Ela tinha um buraco no meio onde colocavam o animal preso com a cabeça para fora. Ao longo da noite, os convidados iam embebedando o macaco. Quando ele já estava bem tonto de tão bêbado, alguém pegava um martelo, dava um golpe na cabeça do bicho, que morria instantaneamente. Então, o corpo era aberto e os convidados comiam essa “iguaria” assim, crua. Imagine se ficamos para ver? De jeito nenhum! Só de ouvir a descrição de Li – que, aliás, o Cleto gravou em vídeo – já ficamos arrepiados.

Essa viagem foi longa, durou uns quinze dias. Foi lá que Fernando começou a falar em se candidatar à presidência. Quando terminou a programação oficial, estávamos em Hong Kong e vimos um anúncio em uma agência de turismo sobre Bali. Fernando lançou a proposta:

– Vamos nos divertir? Vamos a Bali?

Tutu, Chico Hélio, Luciana e Pedro Paulo nos acompanharam. Na volta, saímos para jantar com Cleto e Ana Cristina. Durante a refeição, Fernando foi enfático:

– Agora que fui eleito governador, quero ser candidato a presidente da República. O que acham?

– Rapaz, se você disser que vai ser papa eu acredito. Estou com você nessa – respondeu Cleto.

Suspeito que poucos naquela mesa acreditaram, de fato, que isso seria possível.

4.

Uma jovem primeira-dama

Fernando entrou para o cenário da política nacional em um momento histórico. A Constituição promulgada em 1988 garantiu o pluripartidarismo e, mais importante, que os brasileiros voltassem a eleger o seu próprio presidente, algo que não fizeram por quase três décadas. Graças às mudanças, surgiram nada menos do que 22 candidatos à presidência – e Fernando estava entre eles. Antes de entrar no páreo, porém, ele quis saber se tinha chance de vencer. Para isso, quando voltamos da China, procurou Marcos Antonio Coimbra, dono do instituto Vox Populi e filho do primeiro casamento de Marcos Coimbra, marido da minha cunhada Ledinha. A ideia era que o amigo realizasse uma pesquisa de opinião para saber se os eleitores brasileiros votariam em alguém com o perfil de Fernando Collor. Logo se descobriu que sim, mas havia muito a fazer para alcançar a vitória. Afinal, Fernando ainda não era uma figura conhecida nacionalmente. Precisávamos, portanto, divulgar o nome dele e suas ideias pelo país.

A julgar pelo que acontecia em Alagoas e no Rio de Janeiro, onde nasceu, não teríamos grandes problemas para torná-lo famoso. Nos dois Estados, onde quer que fosse, era reconhecido e aclamado. As pessoas o cumprimentavam, pediam autógrafos e posavam para fotos ao lado dele. Principalmente as mulheres. Algumas eram mais atrevidas e diziam coisas do tipo: “Vou votar em seu marido porque ele é um homem muito bonito.” Uma delas o agarrou e tascou um beijo. Eu só ficava com ciúme quando as eleitoras iam longe demais, como nesse caso. Mas em geral eu não ficava com ciúme, não. Dizia que elas tinham mais é que votar. Eu estava de olho nos eleitores. Já Fernando era mais ciumento quando eu recebia galanteios. E não eram poucos. Eu era uma primeira-dama de Estado muito jovem e bonita, com só 21 anos. Às vezes eu me incomodava porque, quando percebia, estava sendo abraçada com malícia por um homem que eu nunca tinha visto na vida. Foi então que Fernando me ensinou uma técnica para evitar que as pessoas passassem do limite. Nós dois passamos a adotá-la. Quando alguém se aproximava para nos cumprimentar, imediatamente estendíamos o braço, para apertar sua mão de longe. O gesto evitava que os mais espertinhos – ou espertinhas – se aproveitassem da situação para chegar mais

perto, abraçar e beijar. O fato de nós dois sermos jovens, eu mais ainda, contribuiu muito para a eleição de Fernando. Ele apareceu como um personagem novo, com ideias diferentes para um país cansado das mesmas caras e com desejo de mudança. Nossa pouca idade reforçava tudo isso.

Durante a campanha presidencial, eu ainda cursava a faculdade em Maceió e, portanto, não podia estar o tempo inteiro ao lado de Fernando. Ouvi críticas por estar estudando. Como se a minha formação não fosse importante. Não dei bola. Eu fazia questão de ter um diploma, uma carreira, custasse o que custasse. E assim eu fiz. Ficávamos a semana toda separados e, quando terminavam as minhas aulas – às quintas ou sextas-feiras – já tinha um avião me esperando para me levar aonde ele estivesse. Às vezes eu ia direto para o Rio, para São Paulo ou Amazonas, por exemplo. Onde quer que ele estivesse, eu ia ao seu encontro. Era um jatinho do João Lyra, geralmente pilotado por Jorge Bandeira, que mais tarde viria a se tornar sócio de PC em uma empresa de táxi aéreo. No voo, eu estudava. Não podia, de jeito nenhum, tirar notas baixas. Imagine a mulher do candidato à presidência tendo um desempenho ruim na faculdade? Todo mundo cairia matando, e esse fato seria usado para afetar a imagem do Fernando. Eu também não podia colar durante as provas. Então, o jeito mesmo era estudar quando dava. Para isso, às vezes eu tinha que pedir silêncio às outras pessoas presentes no voo.

Algumas pessoas estavam quase sempre comigo no jatinho. Uma delas era PC Farias, que, assim como na eleição anterior, para governador, exercia a função de caixa de campanha e logo se tornou o braço direito de Fernando. Eu já o conhecia bem da campanha estadual, quando ele oferecia alguns jantares em Maceió para os quais Fernando e eu éramos convidados. PC tinha sonhos tão megalomaniacos quanto os de Fernando. Enquanto meu marido queria ser presidente, PC almejava ser um grande empresário e viu nessa parceria uma boa oportunidade. PC era muito conversador, educado, inteligente e simpático. Tinha um papo ótimo e vivia fumando cachimbo. Nosso relacionamento era muito bom. Eu também gostava bastante da mulher dele, a Elma, e dos seus dois filhos, Ingrid e Paulinho. Aliás, até hoje encontro os dois e eles são sempre muito carinhosos. Foi PC quem nos convidou para assistir, no camarote, a um desfile de escola de samba no Rio, em 1988. O tema da Imperatriz Leopoldinense tinha a ver com os marajás e, como este era um mote da campanha de Fernando, ele resolveu cumprimentar a escola. Acabou recebendo aplausos do público reunido na Sapucaí. Foi muito emocionante.

No início da campanha, Fernando estava lá atrás nas pesquisas, com menos de 10% das intenções de voto. Mesmo assim, ele sempre disse que venceria. Em um de seus levantamentos, Marcos Antônio detectou uma ameaça: a popularidade de Silvio. Embora o dono do SBT ainda não tivesse anunciado que se candidataria, já havia um zum-zum-zum sobre essa possibilidade e, segundo Coimbra, o empresário seria um forte concorrente. Fernando teve muito medo de perder e decidiu marcar uma conversa com o apresentador. No encontro, perguntou se Silvio desejava se candidatar e ficou aliviado quando ouviu um “não” como resposta. Só que, meses depois, Silvio anunciou que estava no páreo. Pior: recebeu o apoio do então presidente José Sarney, a quem Fernando tanto

atacava. Meu marido estava crescendo nas pesquisas, mas ficou doente de raiva com essa notícia e lançou mão de um recurso que, mais tarde, acabou sendo muito frequente em sua vida: a magia negra. Para se ver livre do concorrente, ele encomendou um trabalho com a mãe de santo Maria Cecília da Silva, do qual eu não participei. Coincidência ou não, pouco tempo depois a candidatura do empresário das comunicações foi impugnada pelo Tribunal Superior Eleitoral. Entre os motivos do impedimento estava o fato de que Silvio deveria ter se afastado do cargo na TV três meses antes das eleições, coisa que ele não fez.

Como sua campanha estava numa curva ascendente, Fernando resolveu não participar das rodadas de debates com os presidencialíveis antes do primeiro turno das eleições. Isso poderia expô-lo desnecessariamente e espantar eleitores. Nessa fase, a estratégia para continuar na mídia era dar muitas entrevistas e tornar seu nome cada vez mais conhecido. Desde o começo, por exemplo, ele tentou ser entrevistado por Marília Gabriela. Nós já a conhecíamos, pois eu era amiga da irmã dela, a também jornalista Mariza de Macedo-Soares, de Brasília. Marília já tinha ido à Casa da Dinda algumas vezes, onde chegamos a tomar champanhe e a comer caviar informalmente, sentadas no chão. Nós também já tínhamos saído para jantar. Por tudo isso, Fernando achou que não haveria problema em ser entrevistado pela jornalista. Mas ele estava errado. Marília Gabriela não queria receber candidatos nancicos, aqueles na rabeira das pesquisas de intenção de voto, em seu programa Cara a Cara, na TV Bandeirantes. Não abriu exceção nem a um amigo. Quando ele disparou nas pesquisas, porém, ela o procurou. Foi então a vez de Fernando despistá-la. Eu concordei com a atitude dele na época. Afinal, não achei correto ela ter dado as costas a um amigo.

Fernando só resolveu fazer parte dos debates quando foi disputar o segundo turno com Lula. Nessa fase eu já tinha me formado na faculdade e pude participar mais ativamente da campanha. Antes disso era muita correria. Aliás, de tanto viajar pelo país, por pouco Fernando não conseguiu ir à minha formatura. Eu estava subindo para pegar o diploma quando ele chegou. Concluir os estudos foi um alívio porque, assim, eu pude acompanhá-lo nas viagens e passei a dar minha opinião com mais ênfase. Ocorreram dois debates na TV. Um na Manchete e outro na Bandeirantes. Eu fui aos dois e fiquei fazendo anotações sobre o desempenho dele. Nos intervalos, eu ia lá e dizia o que pensava. Na maior parte das vezes, Fernando seguia meus conselhos. Ele ouvia mais a mim do que a seus próprios assessores, o que causava muito ciúme por parte deles, é verdade. No primeiro debate, por exemplo, ele estava muito cansado e tinha feito tudo o que eles indicaram. Não deu certo e Lula se saiu melhor. No segundo, então, eu disse que achava que ele deveria passar as 24 horas que antecediam o evento sozinho, em casa, descansando. Ele acatou minha decisão. Não atendeu um telefonema sequer. Lembro que Zélia Cardoso de Mello, que já era sua assessora para assuntos de economia, ligou. Eu atendi e não passei o telefone. Disse que anotaria o recado, mas que Fernando só falaria com ela no estúdio da televisão. Deu no que deu, ele se saiu vitorioso e o debate foi decisivo para sua eleição.

Eu também tive um papel importante para manter na equipe Belisa Ribeiro, uma das jornalistas que faziam parte do comitê da campanha de Collor. Isso

porque, no segundo turno, a coisa ficou um tanto bagunçada. Meu cunhado Leopoldo, coordenador da campanha, queria algo mais contundente. Ele defendia que o irmão adotasse um discurso mais agressivo e pretendia usar todas as armas na propaganda eleitoral. Já Belisa liderava o grupo, integrado também pelo assessor de imprensa Cláudio Humberto, daqueles que eram partidários de uma campanha mais suave. A briga chegou a um ponto em que Leopoldo acusou Belisa de estar passando informações ao PT por meio do seu ex-marido, o ator Marcos Paulo, que era petista. Diante da acusação, a jornalista demitiu-se. Fui eu que conversei muito com Fernando e pedi que ela voltasse. Como ele concordou, liguei para Belisa, disse que ela estava fazendo um lindo trabalho e que tinha de voltar. Deu certo. Belisa acabou voltando para a equipe.

Eu sempre gostei de Leopoldo, mas ele realmente se excedeu no segundo turno. Foi nesse período que o comitê decidiu colocar no horário eleitoral na TV o depoimento de Miriam Cordeiro, ex-namorada de Lula e mãe de Lurian, a filha que ele teve antes de se casar com Marisa. Meses antes, Miriam tinha dado uma entrevista ao *Jornal do Brasil* contando sobre seu relacionamento com o petista. Foi a primeira vez que o país tomou conhecimento sobre ela e a menina, que Lula escondia até então. Durante a campanha presidencial, ela procurou Leopoldo e quis dar o tal depoimento, que foi gravado. Por alguns dias não se sabia o que fazer com aquilo. Alguns achavam que a divulgação do vídeo poderia ser um tiro no pé porque baixaria o nível da campanha e ninguém sabia que repercussão poderia ter. Outros tinham a opinião de que Lula estava se saindo como um falso bom moço e que Collor tinha a obrigação de acabar com aquela imagem. Caso contrário, perderia a eleição. Eu até concordava com essa ideia. O adversário não poderia passar como o bonzinho da história, mas eu achava que o vídeo de Miriam era pesado demais. A moça acusava Lula de ter oferecido dinheiro a ela para fazer aborto! Ainda assim, o depoimento foi ao ar. Por muito tempo disseram que Leopoldo pagou para que Miriam falasse. Teve até uma jornalista que fazia parte da equipe, a Maria Helena Amaral, que se demitiu e foi dizer essa história à imprensa. Mas eu não sei se é verdade. Nunca soube.

O fato é que Fernando elegeu-se presidente da República. Na noite em que foi divulgada a contagem dos votos, estávamos reunidos na Casa da Dinda. Eu nem lembro ao certo quem estava lá, só sei que foi chegando gente, gente, gente. Fernando ficou eufórico. Abrimos champanhes, ele soltou fogos na beira do lago. Era a realização de um sonho. Por mais que Fernando fosse um otimista, quando a campanha começou era difícil acreditar que ele pudesse vencer. Nos comícios, aparecia meia dúzia de gatos pingados. Só um ou outro empresário acreditava nele. Mas, aos poucos, a coisa foi crescendo, crescendo e deu no que deu. Ele conseguiu derrubar todos os adversários e foi eleito, depois de quase 30 anos sem uma eleição direta para presidente do Brasil. E eu, tão jovem, seria a primeira-dama do país.

Depois da eleição, fizemos uma viagem para espairar, sem avisar ninguém. A ideia era sair escondido mesmo, para não chamar atenção e poder descansar da maratona da campanha. Fomos, então, às ilhas Seychelles, de jatinho. A imprensa descobriu, mas pescou só uma parte da história: saíram algumas notas em jornais dizendo que o presidente eleito tinha viajado

secretamente com sua amante. E davam a entender que era a atriz Claudia Raia, uma das artistas contratadas para fazer a propaganda política. O mais engraçado é que eu estava ao lado de Fernando quando li a “notícia”. Ri muito. E disse a ele: “Quer dizer que você está tendo um caso com Claudia e nem me contou?! Mas que coisa, hein?!” E não foi a única vez que isso aconteceu. Numa outra ocasião disseram também que ambos tinham ido a Nova York, e que estavam hospedados no mesmo hotel. Acontece que quem estava lá era eu, mas, como não tinha nenhum compromisso oficial, resolvi ficar no quarto dormindo e ninguém me viu. Só isso.

Claudia Raia era minha amiga. Quando Fernando era governador, eu organizei um desfile de moda em Maceió e a convidei para desfilar. Foi assim que nos conhecemos. Na época, ela era casada com o ator Alexandre Frota e os dois vieram para o evento. Nós nos tornamos muito próximas. Fui para o Rio de Janeiro visitá-la e ela me levou para ver os bastidores das gravações da TV Pirata, um programa de humor da Rede Globo. Foi uma fase muito divertida. Acabei conhecendo também a Xuxa, a cantora Simone e sua então companheira, a atriz Ísis Oliveira, irmã da Luma de Oliveira. Fui eu que fiz amizade com todas elas e, depois, as apresentei ao Fernando. Tanto é que algumas delas acabaram ajudando na campanha para presidente. Mais tarde, quando Claudia se separou do Alexandre Frota, tentamos apresentá-la ao Paulo Octávio, cujo casamento com a Márcia recém tinha acabado. Mas não rolou nada entre os dois. Ou seja, essa história de que Fernando teve um caso com a Claudia Raia é puro boato e eu ria muito toda vez que saía algo na imprensa sobre o assunto.

Nessa época, eu estava era animada com a presidência. Depois de regressar das Seychelles, passei uma semana no Spa 7 Voltas, no interior de São Paulo, para perder uns quilinhos que ganhara durante a campanha. Fui com uma amiga, a Beth Luporini, e consegui emagrecer quatro quilos. Fora isso, não fiz grandes preparações para a cerimônia de posse. Quis manter meu cabelo longo, loiro e cacheado como antes. Era o corte da moda e eu gostava dele. Eu também nunca fui de exagerar em maquiagem e continuei assim. Só tive que incrementar meu guarda-roupa. Durante a campanha, eu estava sempre de calça *jeans*, camiseta, tênis, peças bem confortáveis. Depois, como primeira-dama, eu não podia mais me vestir daquela maneira. Então enchi meu armário de terninhos e *tailleurs*. Eu comprei o figurino da posse na Daslu, uma loja de luxo em São Paulo, logo depois de voltar do *spa*. Eu já era cliente da loja e não tinha dúvida de que ali eu encontraria a roupa certa. Foi a equipe da butique, incluindo uma *personal stylist*, que decidiu, por exemplo, que eu deveria usar azul-marinho porque era uma cor mais clássica.

Logo depois de Fernando assumir a presidência, comeci a ser alvo de críticas porque meus gastos aumentaram. Isso é uma bobagem tremenda. É claro que eu estava gastando mais! Afinal, eu passei a ter certas obrigações que não tinha como primeira-dama do Estado ou como esposa de um deputado federal. Uma primeira-dama do país gasta mais do que todas as outras, é óbvio! Até mesmo as roupas do dia a dia têm que ser muito alinhadas. Não se pode, por exemplo, comparecer a uma entrevista com um traje simplesinho. Para cada

um dos eventos, é preciso pensar em um figurino diferente. E tem ainda as viagens... Um país diferente requer roupas específicas. E eu sempre gostei de boas marcas. Minha estilista preferida na época era a Glorinha Pires Rebelo. Além dela, eu adorava vestir Chanel, Dior, Gucci e Prada. Eram lojas caras, mas esse tipo de gasto nunca foi um problema para Fernando, porque ele sempre teve uma condição financeira muito boa, mesmo antes de se tornar presidente. A principal fonte de renda da família, a Organização Arnon de Mello, dava bastante dinheiro para eles. Tanto é que eu continuei com os mesmos hábitos depois que saímos da presidência. Quando moramos nos Estados Unidos ou, depois disso, ao nos mudarmos para São Paulo, eu vivia indo às lojas da Chanel, Versace, Daslu...

Uma decisão importante que tínhamos de tomar antes da posse é onde moraríamos. Os presidentes costumam se mudar para a residência oficial, o Palácio da Alvorada. Mas nós já dispúnhamos de moradia própria em Brasília. A Casa da Dinda estava montadíssima para nos receber, tinha sido reformada há pouco tempo e os empregados, todos acostumados aos nossos hábitos, estavam lá. Em contrapartida, o palácio, por mais que fosse bastante confortável, era muito formal. Era grande, cheio de funcionários que não conhecíamos, tinha segurança para todo canto e, por isso, não dava para ficar muito à vontade. Lá eu não poderia descer à cozinha de camisola no meio da noite para tomar um leite, por exemplo. Não importava a hora, havia sempre alguém à disposição, pronto para perguntar:

– A senhora está precisando de alguma coisa?

E nós não queríamos isso. Ainda éramos recém-casados! Então a Casa da Dinda foi adaptada. Colocaram uma telefonista na guarita, os seguranças e alguns funcionários da presidência no entorno, mas dentro só entravam os meus empregados de sempre: a lavadeira, dona Maria; a Vicentina, que era sobrinha dela e arrumadeira; o Berto, meu copeiro; entre outros. Todos já conheciam o esquema: se eu estivesse na piscina, ninguém aparecia ali. O Palácio da Alvorada ficou para uso recreativo, vamos dizer assim. Jantávamos lá duas vezes por semana e assistíamos a um filmezinho. Às terças e quintas, eu fazia caminhadas pelo jardim, onde recebia meu *personal trainer*. Depois eu tomava sauna e recebia massagem. E, aos domingos, eu organizava uma missa. Ou seja, o palácio estava à nossa disposição, mas eu tinha a minha casa para morar de verdade. Era isso. Só que essa acabou sendo uma decisão equivocada porque, no fim das contas, não tínhamos privacidade na Casa da Dinda. Os muros eram baixos e, nas épocas mais tensas, havia fotógrafos e jornalistas subindo em todos os cantos. Foi uma loucura. Não tivemos paz.

Apesar da falta de privacidade e de outros incômodos, eu vivi experiências maravilhosas durante a fase em que Fernando foi presidente do Brasil. A começar pelas viagens. Desde criança, eu tinha o sonho de conhecer o mundo. Eu vivia pensando nos lugares para onde viajaria, imaginava coisas sobre eles. E sempre tive o desejo de morar fora. Meu pai dizia: “Essa menina é uma sonhadora!” Era mesmo, mas os meus sonhos viraram realidade e, ainda por cima, uma realidade melhorada. Isso porque eu pensava que viajaria com mochilinha nas costas, coisa de jovem, e acabei viajando com muitas pompas. Não tinha nada de mochileira. Como as viagens eram frequentes, adquiri o hábito

de manter uma *nécessaire* pronta, para emergências, o que faço até hoje. Além disso, eu fazia toda uma programação para levar uma mala perfeita, com tudo o que eu precisasse, sem excessos. Eu calculava o número de dias que ia passar fora, anotava todos os compromissos e separava, em araras, cada uma das roupas que eu ia precisar. Eu já separava o sapato, a bolsa e as joias que usaria em cada ocasião. Ai, pedia para minha empregada, a Vicentina, fechar as malas. Em uma eu levava as roupas de dia. Em outra, as de noite. Todas em um cabide bem fininho, para amassar o mínimo possível. Por cima iam as *lingeries*.

A imprensa fazia muito barulho em torno das tardes de compras que eu fazia em algumas dessas viagens, quando dava tempo. Ora, mesmo antes da presidência, viajávamos sempre em grande estilo. Parávamos em bons hotéis, comíamos em restaurantes estrelados e aproveitávamos a variedade de lojas de estilistas renomados disponível na Europa e nos Estados Unidos. Nas viagens oficiais, não precisávamos mais gastar com passagens aéreas, estadia e alimentação. Obviamente, sobrava mais para as minhas comprinhas. E que mulher não gosta de estar bem-vestida? Não havia nada de errado ou escandaloso nisso.

Em todos os lugares que visitávamos, éramos convidados de honra e, portanto, muito bem recebidos. Fomos a Cuba a convite de Fidel Castro. Ele nos proporcionou tudo: carro, casa, empregados à disposição por quinze dias. Passei muito pela ilha. Que lugar maravilhoso! Que praias! Não consigo esquecer de Varadero... Não vi Fidel pessoalmente, pois ele estava doente. Ele se encontrou apenas com Fernando, em segredo. Encontrei o presidente cubano em outras ocasiões, em compromissos pelo mundo. Ele fazia questão de se sentar ao meu lado e brincar sobre minha pouca idade.

– Esse presidente do Brasil é muito esperto. Arrumou uma esposa novinha e linda – ele costumava dizer de forma escrachada.

Fidel gostava muito de nós. Aliás, durante todo o tempo em que eu fiquei casada, mesmo após o *impeachment*, ele nunca deixou de enviar os melhores charutos cubanos para Fernando.

Na Suécia, fui recebida pela rainha Silvia pessoalmente. Na Noruega, pela rainha Sônia. Na Espanha, o rei Juan Carlos e a rainha Sofia não só nos receberam, como nos serviram um jantar privado, que não estava previsto no roteiro de nossa viagem, em que o próprio rei nos servia o vinho. Nos Estados Unidos, fui recebida por George e Barbara Bush, com quem eu troquei cartas. Ela até enviou um livro para mim depois. Isso tudo é um privilégio! Quantas pessoas tiveram as mesmas oportunidades no Brasil? Mas, de todas essas vivências, certamente a que mais me marcou foi ter conhecido a princesa Diana, esposa de Charles, o herdeiro do trono inglês.

Diana e eu nos conhecemos na entronização do imperador Akihito, do Japão, em 1990, e logo nos identificamos. Éramos as duas muito jovens. Eu tinha só 24 anos e ela era um pouco mais velha, tinha 29. Eu estava com um vestido feito pela Glorinha Pires Rebelo, do qual ela gostou muito. Diana chegou e disse:

– Estou sabendo que você é a primeira-dama do Brasil.

Fiquei roxa de vergonha e, ao mesmo tempo, feliz por ter sido abordada por aquela mulher lindíssima, educadíssima, e chique, muito chique.

- Sim, eu sou. Como vai?
- Nossa, você é tão jovem e já é primeira-dama!
- Ah, mas você também é muito jovem, deve saber bem como é.
- Sim, eu sei. Mas vim aqui para falar de outra coisa com você: sua roupa.

Onde você comprou esse vestido?

- Ah, é de uma estilista brasileira de quem eu gosto muito.
- Um dia eu vou visitar o Brasil e vou querer uma roupa dela!
- Isso não é problema. Eu lhe mando uma de presente.

Depois eu acabei mandando mesmo. Pedi para a Glorinha fazer um modelo especial e mandei via Itamaraty.

Ainda naquele evento, ficamos conversando, Fernando, o príncipe Charles e eu. Ele não tinha a menor obrigação de conversar conosco. Afinal, era a entronização de um imperador e o lugar estava lotado de outros chefes de Estado e suas esposas. Mas ele nos abordou e foi muito simpático. Enquanto falávamos, o príncipe nos pediu licença para chamar Diana para junto de nós. Quando ela chegou, disse para mim:

- Que surpresa! Você novamente por aqui!
- Vocês duas já se conhecem? - perguntaram Fernando e o príncipe.

- Sim. Ela é a mulher mais bonita da festa - Diana disse. Fiquei novamente ruborizada, mas me senti muito lisonjeada. Havia outras mulheres jovens na festa e ela foi elogiar justo a mim!

- Parabéns pela esposa. Ela é uma mulher muito bonita e jovem - disse Diana ao Fernando.

- Você tem toda razão - ele respondeu.

Eu já estava ficando vermelha demais e achei melhor mudar o foco da conversa:

- Você é que é perfeita. Sem defeito algum - eu disse a ela.

E a princesa, muito educada, afirmou:

- Eu quero ir ao Brasil.
- Vamos dar um jeito nisso - respondeu Charles.
- Vamos marcar uma data já - disse o Fernando, animado.

- Assim que chegarmos de volta à Inglaterra marcaremos uma data - retrucou o príncipe.

Nós quatro nos demos muito bem. Fernando e Charles ficavam falando sobre ecologia, um assunto que meu marido adorava. Eu e Diana tínhamos esses assuntos de mulher. Passamos alguns dias no Japão e, em cada evento que nos víamos, ficávamos juntos. Depois dessa viagem, não demorou muito para eles virem ao Brasil. Foi gostoso também, mas mais cansativo do que no Japão. Aqui tivemos muitos compromissos. E eu notei que ela estava mais apagadinha. Enquanto no Japão ela demonstrava alegria e dava para perceber certo carinho entre o casal, aqui ela estava abatida. Sempre muito simpática, mas abatida. Em determinada ocasião, depois de alguns compromissos oficiais, ela pediu para ficarmos sozinhas. Ela se sentou e me perguntou, em tom de desabafo:

- Você não se cansa?
- Canso, claro.
- Eu estou muito cansada. Muito.

A verdade é que eu cansava, mas tenho uma coisa dentro de mim que me faz aguentar bem essas situações protocolares. Acho que é um dom que Deus me deu. Quando eu tinha um dia cansativo, que exigia muito de mim física e psicologicamente, eu pensava: “Vamos lá. Eu não vou sentir dor, não vou sentir incômodo.” E pronto. Eu permanecia o tempo todo focada e realmente não sentia nada. Fazia aquilo com gosto. Mas Diana não demonstrava a mesma postura naquela viagem. Passamos aquele dia inteiro juntas, almoçamos, fomos a uma sessão de fotos e, à noite, ainda participamos de um jantar de gala. Esse tipo de evento faz parte da vida de uma autoridade, mas é realmente cansativo, principalmente para as mulheres que têm de ficar horas em pé, sobre saltos, sem perder a postura, para receber os cumprimentos de todos os convidados. Leva horas e a gente tem que ficar ali, plantada no mesmo lugar, esperando as pessoas virem falar conosco. Nessa parte, ela reclamou em tom de brincadeira diversas vezes. E, quando aparecia alguém da comitiva deles com quem ela tinha intimidade, ela puxava, dava beijinho e dizia:

– Pronto, quebrei o protocolo! – Ela era bem divertida.

Fiquei em choque quando eu soube de sua morte, em 1997. Eu já tinha lido muito sobre ela e sobre o príncipe Charles. Li diversas biografias. Foi uma história muito trágica. Afinal, ele amava Camilla Parker Bowles, sua atual mulher, mas não teve coragem de se casar com ela na juventude. Acabou se casando com Diana, mas o amor pela outra permaneceu. Ao mesmo tempo, ele foi criado para ser rei, mas casou-se com uma mulher que frequentemente ofuscava o seu brilho.

5. A crise dos sete anos

Eu poderia ter escolhido ser uma primeira-dama comum, que acompanha o marido em solenidades e viagens, realiza um ou outro trabalho social, promove alguns eventos. Mas eu decidi ir além. E, talvez, esse tenha sido meu grande erro. Entre as atribuições das esposas dos presidentes do país desde 1942 estava exercer o cargo de presidente de honra da Legião Brasileira de Assistência (LBA). A entidade foi criada por Darcy Vargas, mulher de Getúlio Vargas, para ajudar famílias de soldados que serviram na Segunda Guerra Mundial. Acabou sendo extinta em 1995 (três anos depois da minha gestão na entidade), no governo de Fernando Henrique Cardoso. Ao longo do tempo, o trabalho da LBA mudou, mas manteve o foco no assistencialismo. Quando assumi o cargo, contava com 9.400 funcionários e um orçamento de 1 bilhão de dólares ao ano para ser distribuído aos Estados, com a finalidade de desenvolver obras de cunho social para a população carente, como a distribuição de leite e enxovais para gestantes, entre outros projetos. Como já tinha trabalhado lá antes de casar, eu conhecia o funcionamento das coisas e sabia quais eram os programas em curso. Além do mais, eu havia acabado de me formar em administração de empresas e queria seguir minha carreira. Eu tinha os meus próprios sonhos! Então resolvi ser presidente de fato da LBA, não apenas de honra. É claro que alguém que se casa com um político sabe que terá de acompanhá-lo aonde quer que ele vá. Mas, para mim, isso não significava anular-me como pessoa. Assumir a LBA, portanto, parecia uma boa oportunidade de aliar a condição de primeira-dama com a de mulher moderna e independente. Fernando não gostou nem um pouco da minha decisão. Naquele momento, eu não entendia muito bem o motivo, mas logo descobri que ele não queria ser ofuscado por mim. Queria me manter à sua sombra.

Não dei bola para a opinião dele e assumi com garra o novo desafio. Uma das minhas primeiras ações administrativas foi descentralizar as superintendências estaduais. Antes, as licitações eram todas feitas pela presidência da LBA, em Brasília. Achei que isso não fazia sentido e tratei de delegar tal trabalho para cada um dos Estados. Além disso, criei um programa muito bonito chamado Projeto Minha Gente, que atendia crianças de zero a 14

anos. Funcionava assim: escolhíamos dois dos municípios mais pobres de cada Estado brasileiro e, para estes lugares, eu levava escolas, creches, microunidades produtivas (lavanderias comunitárias, por exemplo) e postos de saúde. Eu fazia tudo isso sem gastar nenhum centavo da LBA. Como? Conseguindo doações de empresários. O meu trabalho era ir até eles, divulgar o projeto e dar a garantia de que eu estaria presente no dia da inauguração e que, na pedra fundamental, estaria escrito qual foi a empresa que fez a doação. Eles gostavam disso, saía na imprensa, divulgava o nome do patrocinador privado e a LBA não gastava nada.

Eu, claro, cumpria mesmo a minha promessa de comparecer a todas as inaugurações. Fui a cada lugar! Lembro da dificuldade que tive, por exemplo, para chegar a Tefé, no Amazonas. Era preciso pegar barco, caminhar na lama... Nada disso era um impedimento para mim. A população ficava muito feliz com a minha presença. Imagine, nem a primeira-dama do Estado aparecia em cidades assim, mas eu, a primeira-dama do país, estava lá.

O Projeto Minha Gente deu tão certo que Fernando, como presidente da República, resolveu adotá-lo e acabou criando os Centros Integrados de Atendimento à Criança (Ciacs). Ele lançou a pedra fundamental desse projeto no Palácio do Planalto, com a presença de governadores e ministros. Na cerimônia, eu discursi e fui parabenizada por meu trabalho na LBA. Logo em seguida, foi criado o programa Ministério da Criança, que tinha por missão unificar as diferentes ações do governo em prol dos menores de idade carentes.

Profissionalmente, essa foi uma época muito boa. Trabalhei bastante e rapidamente os resultados começaram a aparecer. Artistas e outras celebridades me apoiavam e faziam campanhas para mim. Foi assim com Pelé, Xuxa e a cantora Simone, entre outros. Ganhei credibilidade e acho que fui mostrando que, ao contrário do que os outros pensavam, eu não era só uma primeira-dama jovem e bonitinha. Eu estava lá para fazer e acontecer, eu trabalhava duro. Por tudo isso, minha rotina era bastante apertada, obviamente. Eu acordava cedo, muitas vezes por volta das 5h. Pelo menos duas vezes por semana, eu me exercitava: costumava correr ou andar de bicicleta na pista de caminhadas que Fernando mandou construir perto da Casa da Dinda – um lugar que vivia cheio de populares, de repórteres e de fotógrafos à espera de uma oportunidade para ver ou registrar o casal presidencial em um momento de informalidade. Depois eu voltava para casa, tomava café da manhã, me arrumava e, por volta das 8h30, saía para trabalhar. Às vezes eu até pegava uma carona com Fernando no helicóptero. Quase sempre, eu só voltava à noite. Nem para almoçar eu saía da LBA. Em vez disso, mandava o motorista buscar o almoço que meu cozinheiro, o Berto, tinha feito em casa. Tudo para manter a dieta. Além da rotina pesada, eu viajava muito.

Esse ritmo começou a incomodar o Fernando. Ele dizia que eu estava ausente, que não podia acompanhá-lo como antes e quase nunca estava em casa quando ele chegava do trabalho precisando conversar. Por esse motivo, acabamos tendo várias discussões. Eu tentava me organizar para chegar mais cedo em casa, para trabalhar menos, mas nem sempre dava. Como eu ia fazer para abandonar um evento que tinha acabado de começar só para estar em casa cedo? Não tinha como!

Certa vez, nós chegamos a Brasília às 5h, de volta de uma viagem ao Japão. Fui para casa, tomei um banho, me arrumei e, por volta das 7h, saí para o Rio Grande do Sul acompanhada de alguns ministros para compromissos do Projeto Minha Gente. Fernando ficou furioso quando soube que eu sairia em seguida e tivemos uma briga feia por isso.

– Mas por que você vai viajar?

– Ora, são meus compromissos. Você não tem os seus? Nós não acabamos de voltar de uma viagem sua e eu lhe acompanhei? Então, eu tenho minha agenda também – respondi.

– Mas a minha viagem estava marcada antes. Você poderia ter reagendado a sua.

– Olha, Fernando, eu não estou entendendo por que você está tão bravo assim. Eu não lhe acompanhei? Eu estou mudando sua agenda por causa de um compromisso meu? Não estou, não é? Só quem está perdendo com isso sou eu, que fico mais cansada.

Ele dizia que se incomodava por eu não estar em casa quando ele chegava, por eu estar constantemente cheia de compromissos, mas eu acho que o maior problema era o fato de eu estar em evidência, de estar chamando mais atenção do que ele. Para completar, Fernando começou a demonstrar mais ciúmes do que normalmente. Em fevereiro de 1991, saiu na revista *Veja* uma foto em que eu aparecia de biquíni. Não tive culpa de ser flagrada pelo fotógrafo. Para falar a verdade, eu costumava tomar muito cuidado. Às vezes me pegavam de roupa de ginástica, mas eu estava sempre discreta. Naquele dia, eu fui à praia em Barra de São Miguel, na casa da Ledinha. Cheguei à areia, tirei o *short*, a camiseta e, sem que eu visse, fui fotografada de biquíni asa delta, que era moda na época. Nem sei como o fotógrafo conseguiu! Fernando ficou furioso quando viu a imagem na revista.

Onde já se viu uma primeira-dama de biquíni? O país inteiro vai ver! – Protestou.

O meu marido continuou, durante todo aquele semestre, reclamando por eu estar trabalhando demais. Piorou quando começaram a surgir notícias sobre irregularidades na LBA, algumas envolvendo parentes meus. A imprensa dizia que certas superintendências tinham recebido dinheiro para projetos que nunca foram realizados. Entre os acusados estava uma cunhada minha. Quando eu soube, fiquei surpresa. Afinal, nunca tomei conhecimento de nada disso. As superintendências regionais tinham autonomia para distribuir a verba que recebiam do governo federal. Eu sequer precisava assinar a autorização para esses projetos nos Estados. Cada superintendente estadual era indicado por uma liderança política da base aliada do governo. O de Alagoas, por exemplo, estava na cota de nomeações do meu cunhado Vitorio Malta. Claro que, quando apareceram as primeira notícias de projetos envolvendo o nome dos meus parentes, eu tratei de perguntar se as acusações tinham fundamento. Eles disseram que não, de jeito nenhum, e que iriam provar a inocência. De fato, nunca foi provado nada contra eles. Também houve denúncias contra outras superintendências da LBA, e sobre compras de leite em pó superfaturadas.

Eu não tinha nada a ver com aquilo, como ficou comprovado depois na

Justiça, mas Fernando temia que a confusão atrapalhasse sua imagem como presidente. Também me acusaram de ter usado dinheiro público para pagar o aniversário de uma amiga. Não era nada disso. Na verdade, tratava-se de um encontro com embaixatrizes no Palácio da Alvorada, em 5 de julho, organizado pelo cerimonial da Presidência. Um evento de praxe, portanto. Coincidentemente, era aniversário da Eunícia Guimarães, minha assistente pessoal e amiga na época. Acabei aproveitando o almoço para comemorar a data cantando parabéns para ela. Nada mais do que isso. A apresentadora Hebe Camargo (1929–2012) também estava presente nesse evento. A imprensa fez um auê tão grande que acabamos pagando do nosso bolso os custos para não ter mais incomodação.

Até que chegou o dia do nosso aniversário de casamento, 27 de julho, e um casal de amigos nossos, Joyce e Eduardo Cardoso, nos ofereceu um jantar de comemoração. Lembro que minha irmã e meu cunhado, entre outros amigos, também estavam presentes. Durante aquela noite, Fernando resolveu falar sobre nossos problemas abertamente. Na mesa do jantar, ele disse à minha irmã:

– Sabe, eu preferia quando a Rosane cuidava de mim. Quando eu chegava em casa cansado, precisando conversar sobre meus problemas, e ela estava lá para me ouvir, para dar sua opinião, para me animar. Agora ela vive ocupada... – disse.

– Ora, Fernando, eu também tenho coisas minhas para resolver. Finalmente estou colocando os meus sonhos em prática. Você está incomodado por pura falta de costume. Até há pouco tempo, eu estava à sua disposição. Agora você tem que me dividir com o trabalho – respondi entrando na conversa dos dois.

– Mas você não precisava ser tão ocupada. Veja, eu lhe dou todo o conforto que qualquer mulher gostaria de ter. Por que você insiste em trabalhar desse jeito?

– Fernando, não é disso que se trata. Quando eu me casei com você, eu ainda fazia faculdade. Acertamos, naquela época, que eu seguiria meus estudos e, mesmo assim, você se incomodou porque eu estava ocupada com outra coisa que não era você ou nosso casamento. Aceitei trancar o curso por um tempo para fazer as suas vontades. Só consegui me formar mais tarde por muito esforço próprio, mas sempre deixei claro que não queria ser só a sua sombra. Eu tenho minhas ambições. Eu quero construir uma carreira! Será que eu não tenho esse direito?

– Mas precisa ser tão exagerada? Precisa viajar tanto para esse projeto?

– Fernando, preste atenção: quando a gente planta alguma coisa, a gente precisa colher depois. Como eu posso ver o resultado de um trabalho se eu não estiver à frente dele? A minha presença agora é necessária. Mas essa é só uma fase. Logo as coisas se estabilizam e eu não vou precisar mais trabalhar tanto. Eu só lhe peço paciência.

– Pois eu lhe peço que saia da LBA. Deixe disso. Você não precisa.

Quando aquela conversa começou, eu achei que as mulheres presentes fossem me dar uma força, mas eu estava errada. Nenhuma delas me apoiou. Pelo contrário. Todas, inclusive minha irmã, disseram que o meu marido estava certo. Para elas, eu tinha uma vida de princesa e estava negando tudo em nome

de uma bobagem. Ninguém conseguia compreender o quanto era importante para mim ter uma carreira e ser uma mulher independente, apesar de ter casado com um homem poderoso. Ninguém. Foi então que Fernando começou a ficar ainda mais zangado, escancarando uma ameaça que nas semanas anteriores ele só vinha insinuando: que o nosso casamento estaria em risco se eu continuasse a trabalhar na LBA.

– Como minha mulher, eu espero que você seja apenas presidente de honra da LBA. Assim fizeram todas as outras esposas de presidentes da República até hoje. É assim que eu acho que você deve fazer. Não existe outra alternativa – afirmou Fernando.

– Rosane, preste atenção no que Fernando está dizendo. Você vai colocar a LBA na frente do seu casamento? – Minha irmã questionou.

– Rosane, veja bem, você está sendo precipitada. Você tem coisas que qualquer mulher gostaria de ter: é jovem, bonita, é casada com um homem que lhe dá uma vida de princesa e ainda é primeira-dama do país. Para que essa insistência em trabalhar? Vá curtir a vida! – Completou Joyce, resumindo o que todos ali pensavam sobre meu caso. Foi então que eu acabei aceitando, a contragosto, o desejo de Fernando.

– Ok, Fernando. Se é assim que você quer, eu vou fazer. Até porque o presidente da República é você. De um jeito ou de outro, eu tenho de lhe obedecer. Se você não me quer como presidente da LBA, o que eu posso fazer?

Só que, depois, eu mudei de ideia e continuei trabalhando. Fiz um esforço para tentar chegar mais cedo em casa, para estar mais presente, mas continuei na presidência da LBA. Até que, uns quinze dias depois daquele jantar, recebi um telefonema dele no final do dia.

– Estou indo para casa. E você? – Fernando perguntou.

– Eu também. Saio logo mais e já vou. Nós nos encontramos lá.

– Está bem.

Assim que cheguei, encontrei Fernando sentado na cadeira do escritório na Casa da Dinda.

– Eu quero muito falar contigo – ele disse, em um tom sério.

– Está bom, mas é algo muito importante? Eu queria tomar um banho antes – respondi.

– Tudo bem. Posso esperar. Vá tomar seu banho. Depois conversamos.

Tomei um banho, troquei de roupa e, quando voltei, ele estava no mesmo lugar, esperando por mim.

– Pronto, já estou aqui. Diga o que você tem a dizer.

– O nosso casamento acaba aqui.

– Como assim? O que você está falando?

– Isso mesmo que você ouviu: o nosso casamento acabou.

– Deixa eu entender: mas a gente não estava em processo de reconciliação?

– Estávamos, mas não vai dar.

– Olha, Fernando, você sabe que, assim como a sua, a minha personalidade é muito forte. Assim como você se ama, eu também me amo. Por isso, eu vou lhe deixar aqui no escritório pensando, colocando as ideias no lugar, e vou para o quarto. Vou ficar lá um tempinho, vou refletir, e depois eu vou voltar aqui para

fazer uma pergunta a você. De acordo com sua resposta, a gente vai decidir nosso futuro.

Então eu fui para o quarto, fechei a porta e sentei na beirada da cama. Eu não tive coragem de ligar para ninguém. Até pensei em conversar com minha irmã, mas ela estava em viagem com o meu cunhado, que era deputado federal na época. Eu poderia ter telefonado a meus pais, mas eu não quis preocupá-los. Também não tive vontade de falar com nenhuma amiga. Então fiquei ali quietinha, com Deus, pensando no que estava acontecendo com a minha vida. De uma hora para outra, eu fui do céu para o inferno! Até ali, eu era uma mulher bem casada, amava meu marido, era amada e estava realizando um trabalho de visibilidade, que dava frutos rapidamente. Da noite pro dia, porém, meu casamento e minha carreira estavam em risco. O que seria de mim?

Um tempo depois, eu voltei para a sala.

– E, então, Fernando, você pensou?

– Pensei.

– E você continua querendo a separação?

– Continuo.

– Então que seja feita, mais uma vez, a sua vontade. Mas, se você acha que eu vou chorar, se acha que vou me descabelar, está muito enganado. Só espero que você providencie tudo rapidamente para não perdermos tempo com isso.

– Fique tranquila. Cláudio Vieira vai lhe procurar para resolver tudo – Disse Fernando. Vieira era advogado e atuava como secretário particular do presidente.

– Sem problemas. Você sabe que eu sou muito tranquila em relação a isso. O que era seu antes do casamento continuará sendo seu. O que nós construímos juntos, a gente divide. Só faço um pedido: quero continuar aqui na Casa da Dinda. Você tem o Palácio para ir, eu não.

Eu imaginava que, com a decisão pela separação, ele se mudaria para o Palácio da Alvorada, mas não foi assim. Fernando continuou vivendo na mesma casa que eu, continuamos dormindo no mesmo quarto, na mesma cama. Só que ele no canto dele e eu no meu. Quando acordávamos, ele dizia:

– Bom dia, Rosane.

E eu:

– Bom dia, Fernando.

Abandonamos o apelido “Quinha” e “Quinho”, mas continuamos nos falando e levando uma vida bem parecida com a que tínhamos antes.

Passaram-se dias e nada de o Cláudio Vieira vir me procurar. Nada. Até que eu disse:

– Fernando, como é isso: você pede a separação, diz que vai mandar o advogado me procurar e nada acontece? Continuamos morando na mesma casa, tudo igual? O que é isso?

– Calma, Rosane, ele está muito ocupado, mas vai falar com você em breve.

Na sexta-feira seguinte, recebi um telefonema da Ana Acioli, secretária de Fernando:

– Primeira-dama, o presidente pediu para eu lhe avisar que os meninos estão chegando.

– Ah, é? Estão chegando? Eu não sabia que eles viriam... – respondi.

– Sim. Por isso ele pediu para eu lhe avisar e que, se possível, a senhora vá recebê-los. Eles vão passar a noite com vocês na Casa da Dinda e amanhã pela manhã viajam com o presidente.

– Puxa, eu não sabia nada disso, mas, tudo bem. Eu fico com os meninos.

Tratei de finalizar o que eu estava fazendo e fui para casa receber Arnon Affonso e Joaquim Pedro, os filhos de Fernando com Lilibeth. Eu gostava muito deles. Aliás, gosto. Desde que eu casei, fiz de tudo para mantê-los perto do pai. Sempre fui apaixonada por crianças e fazia questão de incluir os dois em nossa vida. Quando eu e o pai deles ainda éramos namorados, eu os levei ao circo com meus sobrinhos. Foi muito divertido. Na época, Fernando dizia não querer se apegar muito a eles porque era separado e só via os filhos esporadicamente.

– Isso não é forma de amar, Quinho! Isso é uma fuga. Você precisa fazer o contrário. Você precisa é passar mais tempo com eles. – E eu fazia de tudo para promover esses encontros. Tanto é que eles passaram a conviver mais com o pai depois que nos casamos.

Naquela sexta-feira, esperei por Arnon Affonso e Joaquim Pedro sozinha em casa. Quando chegaram, contaram que viajariam para Fernando de Noronha.

– Que delícia! Vocês vão adorar. Vão se divertir muito com o pai de vocês.

– Você não vem, tia? – Perguntaram.

– Não. Eu não vou. Eu vou ficar aqui descansando. Estou exausta.

Naquele momento, notei que Fernando não tinha dito nada aos meninos sobre a separação, o que me deixou muito constrangida.

– Então a gente também não vai. Sem você, não tem graça! – Disseram.

– Ah, vão, sim. Vocês vão fazer um fim de semana só de homens. Vai ser muito legal, podem apostar.

Um tempo depois, Fernando chegou. Estávamos os três na sala, e eu ocupava uma cadeira onde ele gostava de sentar. Desde o pedido de divórcio, não nos beijávamos. Só nos cumprimentávamos. Mas, naquele dia, ele me deu um beijo na testa. Não retribuí, não me levantei, não esbocei emoção alguma.

– Vou levar os meninos para Fernando de Noronha.

– Ah, é? Que bom! Vocês vão se divertir.

Os meninos chegaram a repetir o pedido para que eu fosse com eles e, novamente, tive de enfrentar a saia justa de dizer que eu ficaria em Brasília porque precisava descansar.

No dia seguinte, eles viajaram e eu fiquei. Quando chegou a noite, recebi um telefonema da mãe de santo Maria Cecília, que havia feito rituais de magia negra para Fernando durante a campanha para presidente e acabou se tornando minha amiga e comadre, pois sou madrinha de sua filha, Juliana. Até então, ninguém sabia que estávamos separados. Fiz questão de deixar o assunto em segredo porque não havia nada consumado e, ainda por cima, dormíamos na mesma cama.

– Minha comadre, está tudo bem? – Ela perguntou.

– Titubeei um pouco, mas respondi:

– Sim, está. Por quê?

– Tem certeza de que está tudo bem com você e Fernando?
– O que a comadre quer dizer com essas perguntas?
– É que eu estou aqui assistindo ao noticiário e vi uma imagem de Fernando sem aliança. Achei bem estranho. Ele sempre usa, não usa? Fiquei preocupada.
– Sem aliança? Quer dizer que ele tirou?!
– Foi.
– Bom, então agora ele tornou público.
Quando Fernando voltou da viagem com os meninos, tirei satisfações:
– Olha, Fernando, se você já está sem aliança, trate de arrumar a papelada porque eu não sou palhaça. E tem mais: meu pai vem a Brasília falar com você sobre a separação.

– Ok
– Outra coisa: eu não vou tirar a minha aliança enquanto a separação não se consumir. E espero que você me respeite enquanto formos oficialmente casados.
Liguei para meus pais, contei o que estava acontecendo e meu pai disse que iria a Brasília para falar com Fernando. Minha irmã e meu cunhado, Vitorio, também já estavam voltando à cidade. Os quatro marcaram uma reunião com Fernando para dali a alguns dias.

Apesar do desentendimento, continuamos morando na mesma casa e seguindo nossa rotina tal como antes. Até ginástica juntos no Palácio da Alvorada nós continuamos fazendo. Também seguíamos jogando tênis duas vezes por semana na casa de Joyce e Eduardo Cardoso. Havia respeito, ainda. Só fiquei muito desapontada quando, no dia 10 de agosto, um sábado, ele me disse que iria sozinho à feijoada que Cleto Falcão, então líder do PRN na Câmara, ofereceu para comemorar antecipadamente o aniversário de Fernando.

– Como assim, por que eu não posso ir?
– É só para homens – ele respondeu.

Mas depois eu fiquei sabendo que, além de Ana Cristina, que era dona da casa, mulher de Cleto e minha comadre (sou madrinha de sua filha Tainá), Marília Gabriela também havia sido convidada. Até hoje não sei por que a chamaram. Só sei que eu não fui à festa, mas Fernando voltou rápido para casa.

No dia seguinte, reatamos. A mãe de Paulo Octávio, dona Vilma, foi até nossa casa para conversar conosco. Ela conhecia Fernando desde menino e, quando soube que estávamos prestes a nos separar, se sentiu na obrigação de interceder. Conversaram por um tempo e ele veio me pedir perdão. Não aceitei de pronto. Eu estava arrasada com tudo o que tinha acontecido até então. Sentime desamparada, jogada na fogueira por meu próprio marido, que, além de não apoiar minha carreira, não moveu uma palha para me defender quando começaram as denúncias contra minha administração na LBA. Era como se eu tivesse um jarro de cristal muito bonito, muito raro, muito caro e, de uma hora para outra, ele se quebrasse. Havia como consertá-lo? Dona Vilma acabou me convencendo que sim. Aconselhada por ela, resolvi relevar tudo o que eu tinha passado naqueles dias em nome de um casamento que, dizia aquela simpática senhora, tinha tudo para ser muito feliz. Dona Vilma tinha razão. Ainda nos amávamos. Apesar de muito machucada, decidi aceitar os pedidos de desculpas. E assim foi. Mas, desde então, nunca mais vi Fernando com os olhos apaixonados

do começo de nosso relacionamento. Até aquela crise, o meu amor era todo dele, mas o jarro havia sido partido. Passei a notar seus defeitos e seu jeito egoísta de lidar com as outras pessoas, a vê-lo como um ser humano normal.

Nossa reconciliação, porém, não foi notada nem noticiada com a mesma rapidez que nossa crise. Pelo contrário. Na segunda-feira, dia 12, aniversário de Fernando, já estávamos bem. No Palácio do Planalto houve uma solenidade de cumprimentos ao presidente. Os parentes foram recebidos primeiro, no gabinete. Estavam lá dona Leda, Leopoldo, Pedro e alguns amigos. Eu cheguei em seguida, de helicóptero, e também fui recebida por meu marido em seu gabinete. Seguimos até o lugar onde seria o evento de mãos dadas, algo que não fazíamos há dias, mas nos permitimos ali porque havíamos reatado. Fernando recebeu os cumprimentos por um bom tempo. Seus familiares, alguns assessores e eu esperamos logo atrás dele. Afinal, já o tínhamos cumprimentado antes. Terminada a solenidade, Fernando voltou-se para nós e fez um gesto elevando as mãos para nos conduzir de volta ao seu gabinete. Distraída que estava, acabei compreendendo mal e achei que ele estivesse começando a nos cumprimentar de forma protocolar. Ergui minha mão, por reflexo, e, rapidamente, assim que me dei conta do engano, abaixei novamente. Mas é claro que havia fotografos a postos para clicar qualquer coisa. E é claro que flagraram essa imagem e a usaram para noticiar que ele havia sido grosseiro comigo em público ao deixar minha mão no ar. Não foi nada disso. Aliás, Fernando sempre foi muito cavalheiro comigo. Isso eu não posso negar.

Poucos dias depois de termos reatado, aconteceu um episódio muito engraçado. Apesar da reconciliação, a reunião de Fernando com minha família não fora desmarcada. Meu pai ainda queria garantias de que tudo estava bem e foi a Brasília, ao Palácio. Vitorio, Rosania e minha mãe chegaram primeiro. Fernando pediu que eles entrassem pela garagem privativa, no subterrâneo. Subiram para o gabinete, sentaram-se e começaram a conversar frivolidades, enquanto ele dava umas baforadas em seu charuto cubano enviado periodicamente por Fidel Castro. Até que entraram no assunto da separação. Como quem muda de postura corporal para falar de algo mais sério, meu cunhado cruzou as pernas. No mesmo instante, ouviu-se um estampido. Com o susto, Vitorio deu um salto da cadeira onde estava sentado e parou em pé. Ao mesmo tempo, o chefe da Casa Militar abriu a porta de supetão e invadiu a sala, seguido por vários seguranças. A julgar pela reação apavorada deles, acharam que minha família estava fazendo algo contra o presidente. Devem ter pensado que os Malta tinham armado um atentado contra Fernando! Mas, na verdade, era apenas a cadeira velha de madeira que havia se quebrado em pedacinhos com o movimento do corpo do meu cunhado. Foi um constrangimento só. Fernando quase engoliu o charuto e os seguranças começaram a juntar os pedaços da cadeira. Meu pai não estava na sala.

Como Fernando desistira do divórcio, eu achava que tinha entrado em um período de calmaria. Mas, na verdade, meu calvário estava apenas começando. Certa noite, Fernando chegou em casa com a cara amarrada.

– Quinha... Recebi uma notícia hoje...

– O que foi, Fernando? Diga – pedi que ele completasse a frase.

– Vieram me dizer que você está tendo um caso. Pior: que você está grávida do seu amante.

– Já sei. O Luiz Mário.

– Como assim, Rosane? Você tem coragem de me contar uma coisa dessas com tanta frieza?

– Fernando, faça-me o favor! Você acredita mesmo que eu tenho um amante? Acredita que eu estou grávida de outra pessoa?

– Isso é você quem tem que me dizer.

– Fernando, você não deveria ter a coragem de me perguntar uma coisa dessas. Eu lá tenho chance de ter um caso? Eu sou vigiada todos os dias, 24 horas por dia. Como eu poderia ter um caso?

Como primeira-dama, eu mal ficava sozinha para ir ao banheiro. Seguranças me acompanhavam o tempo todo. Além disso, eles tinham um livro onde anotavam tudo o que eu fazia para poder passar o serviço ao colega, na troca de turno. Para se referir a mim sem colocar as informações em risco, eles usavam um codinome. Ali ficava registrado a que horas eu saí para caminhar, quem me acompanhou, quando eu voltei, enfim... tudo. E Fernando poderia ter acesso a esse caderno se quisesse.

– Se você está em dúvida, vá descobrir sozinho a verdade.

É que me disseram que existem algumas gravações de conversas suas...

– Gravações? Que ótimo! Então vamos ouvir juntos essas fitas. E mais: vou à minha ginecologista para ver se eu estou mesmo grávida.

Eu sabia muito bem que os telefones eram grampeados. Se eu estivesse fazendo qualquer coisa de errado, não seria louca de fazer por telefone. As linhas do Fernando tinham um aparelhinho, um tal de *scramble*, que misturava as vozes e atrapalhava uma possível gravação grampeada, mas os meus não tinham nada disso! Marcamos de ouvir as fitas no dia seguinte, depois do jantar, no Palácio da Alvorada. Naquela tarde, liguei para Fernando.

– E, aí, já está com as fitas?

– Não. Vão trazer para mim daqui a pouquinho.

– Então está bem. Nós nos vemos mais tarde.

– Isso. Eu marquei um cinema para nós no palácio e pedi para prepararem um jantar com comida japonesa.

Eu estava segura. Sabia que nas fitas não haveria nada além de conversas protocolares. Luiz Mário de Pádua era um assessor do governo do Distrito Federal. Ele costumava estar presente em muitas solenidades às quais eu precisava comparecer como primeira-dama e foi ao meu gabinete pedir algum favor do qual eu não me lembro de tão sem importância. Alguém se aproveitou dessa “proximidade” para plantar um boato.

– Vamos, Fernando, vamos escutar logo essas fitas para não perder mais tempo – pedi assim que cheguei ao Alvorada.

– Calma, Quinha. Depois escutamos. Não quer relaxar primeiro?

– Ok Vou tomar um banho, então.

– Que tal uma sauna? – Sugeriu ele.

– Ok

Então tomamos sauna, depois um banho, jantamos, assistimos a um filme e

nada das fitas.

– Cadê as fitas, Fernando? – Perguntei no final da noite.

– Só vão entregar amanhã.

As fitas nunca apareceram. Ficou tudo bem entre nós novamente, mas ainda vivíamos uma fase delicada em nosso relacionamento. Eu continuava na LBA e Fernando não aceitava minha insistência. Resolvi sair de uma vez por todas. Apesar de toda a crise, de toda a decepção com meu marido, meu casamento ainda era algo mais caro do que meu emprego. E estava por um fio.

No dia 28 de agosto, houve uma missa na Catedral de Brasília para comemorar o aniversário de 49 anos da LBA. Era também minha despedida da entidade. Eu estava muito emocionada. Aquela cerimônia marcou o fim de um ciclo, o fim de um sonho e, assim eu esperava, também de uma fase muito difícil na vida a dois. Como é bem de seu estilo, Fernando marcou uma reunião ministerial justo no horário da missa. Assim, nem ele ou qualquer de seus ministros pôde prestigiar meu evento. Por isso, e por tudo o que eu vivera nos meses anteriores, não consegui segurar o choro. Teve até uma cena eternizada por fotos de jornais e revistas em que a dona Sarah, viúva do ex-presidente Juscelino Kubitschek, me dá um lençinho para enxugar as lágrimas. Fernando finalmente tinha atingido seu objetivo. Na semana seguinte, eu deixei oficialmente a LBA para nunca mais voltar.

Nessa fase eu estava tão cansada, tão estressada, que não sabia mais o que fazer. Ao deixar meu trabalho, voltei a ter o tempo livre novamente. Certa vez, o Fernando ia passar o dia todo fora e eu resolvi fazer uma visita à minha irmã. Eu nem me lembrava, mas eu era uma garota de vinte e poucos anos vivendo tudo aquilo sem poder fazer as coisas normais da idade. Era carga demais para mim! Ao chegar à casa da minha irmã, almocei, tomei um banho de piscina com ela, conversamos um pouco deitadas sobre a cama e peguei no sono. A ajudante de ordens que me servia ficou do lado de fora da porta e eu dormi o dia inteiro. Eu precisava de um pouco de paz.

Pensei, novamente, que essa calma seria mais constante na fase pós-LBA. Mas, mais uma vez, eu estava errada. Embora Fernando já estivesse renunciado de que eu não tinha um amante ou qualquer envolvimento com as denúncias contra superintendências da LBA, tais rumores chegaram a Canapi. Quando voltamos do desfile militar de 7 de setembro, um sábado, cheguei em casa exausta, pois tínhamos passado o dia em pé. Eu precisava me recuperar rápido porque, ainda naquela noite, pegaríamos um voo para a África. Fui tirar minha roupa para tomar um banho, quando Fernando me chamou:

– Quinha, venha cá. Quero falar contigo.

– Lá vem bomba – murmurei. E meu coração disparou.

– Sente-se aqui. Quero lhe dizer algo. Teve um problema em Canapi.

– O que foi? Diga logo, Fernando, eu não gosto desse suspense.

– Falaram mal de você lá na sua cidade. Seu irmão Joãozinho saiu em sua defesa e atirou no sujeito.

– O quê? Vou ligar agora para Nana para saber detalhes disso.

Imediatamente, passei a mão no telefone e liguei para minha irmã. Foi quando soube que o então prefeito de Canapi, Mauro Fernandes da Costa, andou

falando mal de mim pela cidade, dizendo que eu tinha um amante, que era corrupta. Meu irmão ficou sabendo e, quando o encontrou em um bar, resolveu tirar satisfações. Os Malta não levam desaforos para casa e, quando alguém provoca um parente, toda a família se sente atingida. Os dois, então, trocaram insultos e Joãozinho sacou uma arma e atirou no prefeito. Era só para dar um susto, tanto que o sujeito saiu ileso.

Desliguei e voltei-me para Fernando:

– É verdade. Meu irmão se meteu em confusão de novo.

– Está vendo? É sempre assim.

Não foi a primeira vez que Joãozinho aprontou. Meu irmão caçula era danadinho. Anos antes, ainda enquanto Fernando estava no governo do Estado, ele já tinha tido problemas com a polícia. Na ocasião, ele foi a uma festa com um tio nosso, o Paulo Malta. Aos 15 anos, Joãozinho nem poderia estar ali, já que se tratava de um evento para maiores de idade, mas nosso tio o colocou para dentro. Lá, Paulo foi provocado por um parente do prefeito, nosso adversário político. Começou um bate-boca e um amigo do encrenqueiro sacou uma arma e atirou contra meu tio. Meu irmão, então, revidou, atirou de volta e matou o homem.

Paulo Malta foi dali para o hospital, pois havia sido baleado, mas ficou bem. Já Joãozinho escondeu-se por alguns dias na fazenda de Geraldo Bulhões, então deputado federal por Alagoas e que depois se tornou governador do Estado. Eu sabia onde meu irmão estava e até cheguei a visitá-lo – escondida, obviamente. Eu nunca diria nada para Fernando. Afinal, como governador, ele deu início a uma caçada ao meu irmão. Colocou até aviões à procura dele. Imagine! Meu irmão era um simples adolescente e estava recebendo tratamento de chefe de quadrilha perigoso. Dias depois, nossa família resolveu levar Joãozinho para se apresentar à polícia. E aí vieram mais absurdos. O jornal e a TV da família de Fernando, comandados por Pedro Collor na época, mostraram meu irmão sem esconder seu rosto, como deveria ser feito com menores. Preso, ele foi para uma cela comum, em condições sub-humanas, mesmo sendo só um garoto. E foi uma luta para que conseguíssemos soltá-lo. Uma luta! Fernando achava que tinha que ser assim porque não poderia dar margem para as pessoas dizerem que ele estava protegendo o cunhado. Também fui aconselhada por muita gente a não visitar Joãozinho na cadeia. Ignorei os conselhos. Ora, ele era meu irmão, eu não poderia abandoná-lo em um momento tão delicado. Por mais que eu fosse a primeira-dama do Estado, a família vem sempre em primeiro lugar. Na cadeia, fiz o papel de irmã mais velha. Dei bronca, fiz com que ele visse a situação de uma maneira mais madura e pedi que tomasse mais cuidado antes de se meter em confusões. Afinal, seus atos estavam respingando em mim e em meu marido.

Fernando se referia a esse episódio quando veio me informar sobre a nova confusão armada por Joãozinho. Mas, naquele dia, eu não aguentei e joguei na cara dele algo que eu sabia há tempos, mas não comentava porque tinha consciência de que era um assunto que o incomodava.

– Olha, Fernando, nem comece a falar mal do meu irmão que a sua família tem problemas piores. O Joãozinho, pelo menos, estava me defendendo, algo que

você não teve a nobreza de fazer até agora. Já o seu pai atirou contra um senador por uma bobagem.

Era muito difícil para mim aceitar o fato de Fernando não ter me defendido publicamente de nenhuma das acusações que eu sofri até ali.

– O que você está dizendo? – Disse ele.

– Você pensa que eu não sei?

Quando Fernando era criança, o pai dele, Arnon Affonso de Mello, era senador. Ele tinha uma briga antiga com outro legislador, Silvestre Péricles, desde a época em que o sucedera como governador do Estado de Alagoas, em 1950. Em 4 de dezembro de 1963, depois de um longo período sem comparecer ao Senado, Arnon resolveu discursar. Levou consigo uma arma, pois sabia que Péricles estaria ali e já o havia ameaçado de morte. Quando começou a falar, ouviu o rival gritar:

– Crápula! – enquanto apontava um revólver para o pai de Fernando. Arnon revidou atirando da tribuna. Errou, porém, o alvo e atingiu o suplente José Kairala, que não tinha nada a ver com a história e acabou morto. Arnon foi preso (por pouco tempo), o que causava grande vergonha a Fernando desde a infância. Em sete anos de casamento, ele nunca tinha tocado no assunto comigo. E eu, em respeito, também me mantive quieta. Até aquele dia. Tudo porque ele tinha falado mal de minha família.

O momento de calma que eu tanto almejava ainda demoraria anos para chegar. A verdade é que o ano de 1991 deu início a uma fase muito turbulenta em nossas vidas, mas nosso casamento resistiu. Em dezembro daquele ano, foi concluída a sindicância aberta por Paulo Sotero, que me sucedeu na presidência da LBA, para apurar as denúncias feitas contra minha gestão. Como era justo, ficou claro que eu nada tinha a ver com as irregularidades. Mais tarde, a Justiça também me inocentou de todas as acusações. Fiquei aliviada porque eu sempre fiz de tudo para agir corretamente. Até meu salário de presidente da LBA eu doava, não ficava com nada para mim. Eu queria que fosse tudo limpo.

6. A queda de Fernando

Em 16 de março de 1990, dia seguinte à posse, Fernando e sua ministra da Fazenda, Zélia Cardoso de Mello, anunciaram o plano econômico que prometia reestruturar a economia do país, até então dilacerada pela inflação galopante. Tomei um susto quando ouvi o pronunciamento. Eu estava razoavelmente por dentro do que eles e a equipe planejaram durante toda a campanha presidencial. Eu sabia, por exemplo, que abririam a economia do país, facilitando as importações. Sabia também que haveria uma nova moeda, o cruzeiro. Mas, assim como todo o povo brasileiro, eu não fazia ideia de que haveria um confisco às poupanças. A partir daquele dia, o número de saques às cadernetas de poupança e contas-correntes ficou limitado a um valor máximo de 50.000 cruzados novos (ou 1250 dólares). Valores excedentes iriam para o Banco Central. O confisco pretendia reduzir a quantidade de moeda circulando no mercado e, assim, conter os preços.

Achei tudo uma grande loucura. Algumas horas antes do pronunciamento, eu e Fernando havíamos conversado. Ele estava bastante preocupado, porque Zélia não era sua primeira escolha para ocupar o Ministério da Fazenda. Quem ele queria mesmo era Roberto Campos. O economista havia participado da elaboração do plano e, antes disso, teve papéis importantes nos governos de Juscelino Kubitschek e de Getúlio Vargas (foi um dos criadores do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, o BNDES). Era, portanto, um nome de peso para assumir um ministério crucial para o bem do novo governo. Mas Campos acabou não concordando com os pontos finais do pacote de mudanças econômicas, como a ideia de confiscar o dinheiro dos brasileiros. Por isso, não aceitou o convite. Ou seja, Fernando teve de escolher Zélia de última hora e não estava certo de que ela daria conta do recado – como, de fato, não deu. Esta era a grande preocupação dele naquele momento.

Apesar de achá-la incompetente para assumir um cargo tão importante – e de ter dito isso a Fernando diversas vezes –, eu nunca tive problemas pessoais com Zélia. Ao contrário de alguns boatos que circulavam na época, nos dávamos muito bem. Mas fiquei boquiaberta quando ela foi à televisão explicar o plano e se atrapalhou toda. É verdade que se tratava de um assunto delicado e difícil de

transmitir para o povo, mas nem os jornalistas entendiam o que ela queria dizer. Ela parecia realmente não ter ideia do que estava fazendo. Tanto é que Fernando acabou precisando fazer um novo pronunciamento para explicar melhor o pacote. Uma vergonha! Eu só comecei a torcer o nariz para Zélia como pessoa depois do incidente com Bernardo Cabral, então ministro da Justiça. Na época do governo, os dois deram início a um caso de amor. Algumas pessoas suspeitavam, mas ninguém tinha certeza de que o romance estava acontecendo.

O relacionamento dos dois tornou-se assunto público em 19 de setembro de 1990, quando Zélia fez uma festa de aniversário. Ela convidou todo mundo, inclusive eu e Fernando, claro. Eu não pude ir. Tinha passado o dia fora de Brasília, no lançamento de uma pedra fundamental do Projeto Minha Gente, da LBA. Na cidade onde eu estava, caiu uma tempestade muito forte, com direito a granizo. Por isso, não pudemos decolar e eu tive de dormir por lá, de improviso. Fernando disse que, sem mim, não iria. Por telefone, tentei convencê-lo a comparecer. Eu sabia que Zélia se sentiria desprestigiada com a ausência do presidente, mas meu marido tinha este costume de só sair sem mim em raríssimas exceções. Mandou, então, um presente e ficou em casa.

No dia seguinte, soube pelos jornais que a festa tinha sido reveladora. Cabral apareceu sozinho, sem a esposa Zuleide, de quem eu gostava muito, aliás. Durante toda a noite, ele e a ministra deram bandeira, protagonizando ceninhas de ciúme. Para completar o vexame, dançaram o bolero *Besame Mucho* de rosto colado, escancarando o namoro. Pego de surpresa pelo noticiário, Fernando ficou furioso.

– Olha só o que esses dois estão fazendo! – disse Fernando, em frente à TV.

– Nossa! Ainda bem que não fomos, Fernando. Já pensou o nosso constrangimento?!

– Pois é. Mas agora vou ter que demitir os dois!

É claro que ele não fez demissões sumárias logo no dia seguinte. Afinal, tratava-se de dois ministérios muito importantes para o governo. Ao mesmo tempo, ele não poderia deixar aquela situação se alongar por muito tempo. Pegava mal manter, sob as barbas do presidente, um ministro casado que tinha um *affair* com outra ministra. Eu concordava com meu marido. Achei muita ousadia de Zélia protagonizar tudo aquilo. Aliás, acho que mulher casada alguma aprovaria um comportamento daqueles. Aos poucos, a situação para os amantes nos ministérios foi ficando insustentável. Fernando, então, pediu a cabeça dos dois. E eles se demitiram, cada um a seu tempo.

Meses depois, Cabral não se separou de Zuleide, como dizem que havia prometido à amante. Em vez disso, terminou o caso com Zélia. Ela, por sua vez, conheceu o humorista Chico Anysio durante uma entrevista. Namoraram, casaram, tiveram dois filhos e se separaram.

Pela péssima execução daquilo que ficou conhecido como Plano Collor, Zélia, para mim, está associada ao primeiro grande erro de Fernando como presidente. Na minha opinião, ela não estava preparada para o cargo de ministra, apesar de ser uma mulher muito inteligente e de ter ajudado muito na elaboração do programa de governo. Ali eu acredito que o governo perdeu muita credibilidade e tornou-se uma vitrine muito frágil para todas as pedras que foram

atiradas depois.

Já em 1990 começaram os rumores de que havia irregularidades na participação do ex-tesoureiro da campanha presidencial, Paulo César Farias, no governo Collor. Ao deixar a presidência da Petrobrás, Luís Octávio da Motta Veiga disse que sofria pressões de PC para favorecer empresários em licitações da estatal. Renan Calheiros também fez ataques ao vínculo de Collor com PC. Eu mesma ouvia histórias, mas não queria me meter porque tinha meus assuntos da LBA para tratar. Até o dia em que percebi que ele queria colocar suas mãos sobre a minha seara. Aí eu tive de agir. Ele e Fernando tomavam café da manhã na Casa da Dinda toda semana. Quase sempre eu estava junto. Às vezes eu só ficava um pouco e depois saía. Num desses encontros, PC começou a falar sobre as licitações da LBA, dando a entender que poderíamos privilegiar algumas empresas de interesse dele.

– Olha, PC, as pessoas têm dito muito sobre você ultimamente, não é? Se é verdade ou mentira o que estão dizendo, eu não sei. Não vou me meter onde não sou chamada. O presidente é Fernando e você é o homem de confiança dele, mas eu quero deixar uma coisa bem clara: na LBA eu não permito que haja irregularidades. Isso é coisa minha!

Com aquela malemolência típica de PC, ele continuou dizendo que poderia me ajudar porque eu não tinha muita experiência no assunto e tal, mas eu não engoli.

Foi nessa fase que Fernando e seu irmão caçula Pedro começaram a maior de todas as brigas que tiveram ao longo da vida. Eles dois nunca se deram bem. Em um ou outro período, até chegaram a ter alguma aproximação, mas sempre foram inimigos. Pedro tinha muita inveja de Fernando. Principalmente da atração nítida que Thereza sentia por ele. Deve ser muito difícil, mesmo, saber que a própria mulher gosta do irmão, mas a raiva que Pedro sentia por Fernando era algo fora do limite. Logo no início do governo, o caçula se mostrou feliz da vida porque acabava tendo benefícios indiretos por ser irmão do presidente. Pouco tempo depois, porém, Fernando começou a ficar zangado porque achava que o jornal da família, a *Gazeta de Alagoas*, não o apoiava como deveria. Ele estava certo. Afinal, saíam dali reportagens sobre as denúncias contra minha gestão na LBA e sobre irregularidades nos ministérios da Saúde e da Ação Social, por exemplo, sem o menor discernimento. Eu não me conformava com esse tipo de comportamento. Como pode um irmão usar o negócio da família para prejudicar o outro?! Fernando sabia que não adiantaria falar com Pedro a respeito do assunto e resolveu ele próprio montar o seu jornal. Ele dizia:

– Não dá para continuar assim. Por mais que a *Gazeta* seja um negócio meu, da minha família, quem manda ali é o Pedro. Eu preciso ter independência, preciso de um jornal onde eu fale o que quiser.

Aliado a PC Farias, Fernando começou a criar a *Tribuna de Alagoas*. Na época, ninguém sabia que se tratava de um jornal do presidente. O que se sabia era que PC e seus irmãos estavam montando um diário que, em teoria, concorreria com o jornal da família Collor. E que, por mais estranho que fosse, Fernando apoiava a iniciativa. Só isso. Mas Fernando estava, sim, envolvido no negócio. Tanto é que discuti com Pedro diversas vezes por causa disso. O caçula

temia que a *Tribuna* tomasse o mercado e os funcionários da *Gazeta*, e cobrava do irmão uma postura enérgica, pois sabia que PC era seu braço direito. Fernando se negou a fazer qualquer coisa, o que deixou Pedro furioso.

Em fevereiro de 1992, Pedro deu uma entrevista à revista *Vêja* chamando PC de “lepra ambulante” e declarando que tinha o tal dossiê contra PC. Nessa fase, ele e Thereza haviam brigado e estavam temporariamente separados. Em seguida, voltaram e, depois disso, Pedro ficou ainda mais contundente na sua revolta contra o irmão, pois a mulher incentivava a discórdia entre os dois. Foi então que dona Leda chamou Pedro para uma conversa. Ela queria fazê-lo parar. Como ele não aceitou o pedido da mãe, ela o destituiu do comando das empresas por meio de uma carta que acabou sendo divulgada pela imprensa. Ali ela dizia coisas como:

“...meu querido filho Pedro, repito, atravessa, nesse momento, uma séria crise emocional que o impede de avaliar a situação de expectativa ansiosa em que suas declarações apaixonadas vêm colocando nosso público leitor.” (...) “hoje sofredamente constrangida a reconhecer, preocupada também pela sua saúde, que deverá ele se afastar, temporariamente, das suas atividades, de forma a recuperar o quanto antes a clareza de visão que sempre o caracterizou.”

Uma semana depois, a revista *Vêja* publicou uma entrevista e trechos de declarações que Pedro gravou em um vídeo contra Fernando e PC. Ali ele afirmava o seguinte (entre parênteses, comento os trechos da entrevista):

- *“Houve tentativas que não deram certo, porque a intenção não era montar um jornal assim ou assado, mas montar um jornal para destruir o nosso.”* (Não é verdade. Fernando nunca quis destruir algo que era propriedade dele, também. A *Gazeta* pertencia a toda a família. Fernando só queria ter liberdade para publicar aquilo que bem entendesse, sem que a inveja de Pedro atrapalhasse e, nisso, ele estava certo. Fernando dizia claramente: O PC vai criar esse jornal para mim, para que eu possa publicar o que eu não posso na *Gazeta*. Não é um concorrente, mas eu preciso ter acesso a um meio de comunicação sem ter que lidar com o Pedro. Eu não sei se tinha dinheiro do Fernando no jornal, mas que era algo que o PC estava fazendo por ele, isso era);
- *“Eu não acho, eu afirmo categoricamente que sim. O Paulo César é a pessoa que faz os negócios de comum acordo com o Fernando. Não sei exatamente a finalidade dos negócios, mas deve ser para sustentar campanhas ou manter o status quo.”* (Fernando e PC tinham, sim, uma relação muito próxima. Tanto é que, como eu já disse, ele tomava café da manhã toda semana na Casa da Dinda para tratar de negócios dos dois. Eu não sei detalhes porque só participava das conversas triviais);
- *Que o Fernando tinha um apartamento em Paris.* (Quando íamos à França, nós nos hospedávamos no apartamento de Ledinha em Paris.

Depois que o Fernando se tornou presidente, passamos a ficar no hotel Ritz, mas nunca soube que Fernando tinha um apartamento na cidade. É verdade que ele chegou a procurar um para comprar, só que eu nunca tive notícias de que tivesse realmente comprado);

- *“Durante a campanha, nós (a família) não pagávamos as contas pessoais de Fernando. As empresas também não pagavam nada. Deveria ter alguma fonte e o mais natural é que essa fonte fosse o Paulo César. Já com o Collor presidente ele (PC) continuou fazendo isso. Dizia nas festas que pagava os cartões de crédito da primeira-dama Rosane Collor. Fazia isso para demonstrar intimidade com o poder e ter facilidade para extorquir, corromper, chantagear.”* (Eu não fazia ideia de que era o PC que pagava as minhas contas. Eu achava que era o Fernando, como sempre aconteceu desde que nos casamos. Eu nunca havia sequer precisado me preocupar com o saldo da minha conta no banco. Era o Fernando que cuidava disso);
- *“Eu tive envolvimento com drogas quando era jovem, induzido pelo Fernando. Ele era um consumidor contumaz de cocaína, e me induziu a cheirar; a aspirar cocaína. Apreendi ali, com aquele pessoal que ele me apresentou, aquela coisa toda. Houve também LSD, mas pouco. Mas, enfim, numa época específica da vida isso aconteceu. Isso foi em 1970, não me recordo, 70 por aí e tal. Era uma coisa ‘in’ dos jovens.”* (Da adolescência de Fernando eu não sei, mas, na época da presidência, quando saíram os boatos dizendo que ele usava drogas, eu cheguei a perguntar para ele se era verdade. A resposta foi a seguinte: “Você já me viu usando?” Eu realmente nunca vi nada, mas sei que ele mudava de humor com facilidade. Além disso, os olhos dele ficavam muito vermelhos. Ele costumava chegar em casa nervoso, com os olhos avermelhados e eu achava que fosse cansaço do trabalho ou efeito de um problema antigo de saúde que ele tinha: Fernando não enxerga bem do olho direito porque sofreu um acidente na juventude. Na ocasião, entrou vidro no olho, o que frequentemente causa irritação e uma certa facilidade para desenvolver terçol. O nervosismo e os olhos vermelhos se tornaram mais frequentes na fase das denúncias, mas Fernando sempre foi muito explosivo. Certa vez, no início de nosso casamento, estávamos de férias em Maceió, eu saí e, quando voltei, a porta do nosso quarto estava quebrada. Depois fiquei sabendo que Fernando a tinha destruído com um pontapé depois de bater boca com dona Leda. Coisas assim aconteciam com frequência, mas não posso garantir que tivessem a ver com o uso de drogas.)

Quando o depoimento de Pedro foi publicado, Fernando ficou surpreso. No fundo, eu acho que ele pensou que o irmão não fosse tão longe. Ele sofreu com isso porque a disputa familiar, entre dois irmãos que se odeiam, se transformou

em um escândalo nacional. Ainda assim, Fernando não perdeu o prumo.

Foi instaurada uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar as declarações de Pedro. A situação ficou ainda mais complicada quando Eriberto Freire França, motorista que servia a presidência, deu uma entrevista para a revista *IstoÉ* contando que havia uma conta fantasma movimentada por Ana Acioli, secretária de Fernando, com dinheiro de PC para pagar as contas da Casa da Dinda. Mais uma vez, surgia essa história de que era Paulo César que pagava as nossas contas. Eu não sabia de nada disso. Um tempo depois, o motorista, de quem eu mal me lembrava porque não tinha muito contato com ele, foi à CPI e repetiu seu depoimento. Dessa vez, Fernando ficou arrasado. O Pedro tinha motivações pessoais, emocionais, para fazer o que estava fazendo, mas o Eriberto, não. Que o irmão desequilibrado do presidente estivesse pondo em prática algum plano de vingança, ainda dava para entender. Mas o que o motorista estaria ganhando com isso? Como justificar sua postura? Ali, Fernando viu que estava perdendo o controle da situação e pediu 48 horas para se explicar. Ele precisava analisar melhor o que estava acontecendo porque, em um governo, tudo é possível. Eu acredito que Fernando não sabia de muitas coisas, mesmo. Coisas que talvez estivessem sendo feitas por suas costas, em seu nome. Até porque ele é um homem muito inteligente, ele não faria certas besteiras. Não deixaria tanto rastro.

Algo no pronunciamento que ele fez depois das denúncias, porém, não fazia sentido para mim. Ele disse, em cadeia nacional de TV e rádio, que não tinha nada a ver com PC, que nem o via há tempos. Isso era mentira. Eu não entendi qual a necessidade de ele dizer isso. “Por que ele não disse a verdade?”, eu pensava. Fernando e PC se viam o tempo todo! O ex-tesoureiro tinha até uma casa perto da Dinda! Eu achava que uma mentira tão deslavada como essa levaria os inimigos a procurarem por algo maior. Na época, eu até cheguei a dizer a ele:

– Você está dando armas para as pessoas desconfiarem de você, Fernando. Eu, por enquanto, estou acreditando, mas acho que você deveria agir de outra forma...

Daí para frente, eu nem consigo me prender mais nos detalhes publicados pela imprensa, porque todos os dias tinha alguma reportagem negativa sobre o governo. Vasculharam toda nossa vida. Uma vez, foram publicadas fotos aéreas da Casa da Dinda, mostrando nossos jardins e a piscina. De fato, nas fotos, parecia que vivíamos numa mansão gigantesca, mas não era nada disso. As fotos superdimensionaram o terreno. Havia cascata na piscina? Havia uma biquinha, uma coisa simples que colocamos ali e onde gostávamos de molhar a cabeça, deixar a água correr pelas costas para relaxar. Tinha outras casas em Brasília com cachoeiras muito maiores do que a nossa. E os peixes? Diziam que tínhamos um monte de peixes. Que nada! Eram uns peixinhos mixurucas. A verdade é que a Dinda era uma casa rústica, uma casa de campo que foi reformada para abrigar o presidente. Quando nos mudamos para lá, durante a campanha, ela estava cheia de problemas. Estava com mofo em alguns cômodos, por exemplo, e era desprovida de ar-condicionado. Tinha dia em que voltávamos de uma agenda cansativa e dormíamos na sala porque os quartos estavam em reforma.

O mais incrível é que Fernando é uma pessoa tão confiante que continuava acreditando que passaria incólume por aquele turbilhão. Eu tinha um pouco de medo dessa postura. Achava que ele tinha de fazer algo, tinha que dar justificativas plausíveis contra aquilo que estavam publicando. Foi então que o povo começou a ir para as ruas. Primeiro em manifestações isoladas aqui e ali. Fernando não se conformava e resolveu pedir à população que, no domingo que se aproximava, dia 16 de agosto de 1992, saísse vestida de verde e amarelo para mostrar que estava do seu lado. Ele realmente confiava no apoio popular. Fiquei com um frio na barriga quando ele fez isso.

– Fernando, você é maluco? Está tudo pegando fogo e você pede apoio do povo? Isso não vai dar certo... – eu disse.

– Não, Quinha, esse é o momento. É a hora de mostrar que os brasileiros estão a meu favor, que eles não acreditam nessa armação contra o presidente que eles elegeram.

– Mas, Fernando, tem que deixar a situação se acalmar...

Ele só se convenceu de que estava errado quando viu milhares de pessoas saírem às ruas de preto em todo o Brasil, numa clara afronta ao seu pedido. Estávamos na Casa da Dinda quando o pessoal da equipe dele começou a telefonar dizendo o que estava acontecendo. Ligamos a televisão e Fernando ficou maluco com o que viu.

– Meu Deus! Os papéis se inverteram! Estão usando o povo contra mim!

Assistimos um pouco à televisão para ficar por dentro do que acontecia. Depois de um tempo, eu o convenci a desligar tudo. Coloquei a ópera Turandot no toca-discos e tentei acalmá-lo. Ele precisava de serenidade para enfrentar aquela tempestade.

– Vamos, tudo vai passar. Você precisa ficar calmo para decidir como agir.

– Você acha mesmo que vão fazer justiça?

– Sim, mas você precisa de uma estratégia. Precisa conquistar aliados.

Um dos grandes erros de Fernando durante o seu governo foi não construir uma base sólida que o apoiasse. Ele não fortaleceu o seu partido, não firmou alianças com os outros e acabou sendo apunhalado pela oposição sem que houvesse um escudo para protegê-lo. Esse descuido pode ser explicado por uma característica muito particular de Fernando: ao mesmo tempo em que ele ama estar entre o povo, odeia contato com políticos. Odeia. E não se faz política sem troca de favores. Tanto é que até gente que o apoiava, como o então deputado Ulysses Guimarães, acabou rompendo com ele. Um presidente que, como aconteceu com ele, não tem grande apoio junto à Câmara dos Deputados, ao Senado, ao Congresso, está frito. Aquele movimento de rua era a prova da falta que isso fez. É claro que tinha uma minoria insatisfeita com o governo. Isso sempre tem. Mas quem avolumou as ruas do país foram os partidos de oposição ao governo Collor. Ora, outros governos fizeram coisas muito piores e ninguém protestou. Além disso, Fernando era ovacionado em qualquer lugar que fosse. Eu sou testemunha disso. Como, de uma hora para outra, o povo lhe deu as costas? Estava claro que se tratava de uma manobra política. Era óbvio que seus opositores estavam não só incitando, mas até pagando, a população para que fosse às ruas protestar.

No meio desse turbilhão, Pedro, que tinha ido passar um tempo em Miami com a família, voltou ao Brasil e deu uma entrevista ao *Jornal do Brasil*, repetindo as acusações ao irmão. Segundo minha cunhada, Ana Luiza, dona Leda leu a notícia e sentiu-se mal. Ela estava perplexa com a briga dos filhos e não sabia mais o que fazer para que o caçula parasse de atacar o mais velho. Ficou tão nervosa com o que lera que, em vez de tomar um remédio, tomou outro e acabou tendo paradas cardíacas. De ambulância, minha sogra foi levada para a Clínica Pró-Cardíaco, no Rio de Janeiro, onde ficou na Unidade de Terapia Intensiva. Quando Fernando soube, resolveu visitar a mãe. Havia uma multidão na porta do hospital que nos vaiava e xingava. Mas havia também um grupo pequeno de apoio a ele. Outros presidentes brasileiros depois de Fernando também foram vaiados e xingados, o que foi considerado um escândalo, uma falta de educação. Ele, para piorar, ouviu as ofensas não num estádio de futebol, por exemplo, mas na porta do hospital onde sua mãe estava internada. Ainda assim, poucos foram os que criticaram na imprensa a grosseria do gesto.

Nessa fase, Fernando começou a esmorecer. Ficou abatido e muito magro. Eu estava preocupada. Seu governo estava mesmo ruindo. Apesar disso, ele arregaçou as mangas para conseguir apoio e impedir que a Câmara dos Deputados votasse por seu afastamento, no dia 29 de setembro. Organizamos um jantar na Casa da Dinda para angariar votos favoráveis a ele. Fernando passou o dia anterior ao pleito pendurado ao telefone, ligando para deputados em busca de aliados. Fez e refez as contas e chegou à conclusão de que ganharia. Fomos para a cama muito tarde naquele dia. Não dormimos, mas ele estava confiante.

Durante a votação, Fernando fez questão de permanecer em seu gabinete. Eu fiquei em casa, acomodando pela televisão, com minha irmã e duas amigas. A cada voto pelo afastamento, ele ligava para mim:

– Quinha, você viu?! Esse sujeito jantou aí em casa, ele disse que estava comigo!

– Calma, Fernando, calma. Vamos ver os próximos.

Eu pedia calma, mas, na verdade, estava morrendo de nervoso. Toda vez que o telefone tocava, eu corria para o quarto, porque era para o número do quarto que ele ligava. Era inacreditável o que estava se passando no plenário. Meu cunhado, Vitorio Malta, na época, era deputado federal. Eu liguei para ele durante a votação:

– E, aí, como estão as coisas?

– Rosane, está difícil, muito difícil. Estão fazendo muita pressão.

Ele tinha uma relação boa com as bancadas de Sergipe e Pernambuco e me contou que havia gente pagando para quem votasse contra Fernando. Não adiantava mais nada, todos estavam contra o presidente. Até Augusto Farias, irmão de PC, se absteve. O único deputado de Alagoas que ficou para votar contra o afastamento foi Vitorio. Foi uma cena muito bonita. Ele conta que, no plenário, quando estava se aproximando do microfone para votar, os outros deputados ensaiaram uma vaia. Foi então que o deputado Roberto Freire, da oposição, colocou a mão sobre seu ombro, num gesto de consolo, e os outros parlamentares se calaram, em respeito. Quando meu cunhado pegou o microfone, olhou para a mesa e viu o presidente da Câmara, Ibsen Pinheiro, e o

deputado Ulysses Guimarães, rindo. Ele interpretou a expressão como sendo um sorriso de vitória. Ao pegar o microfone, Vitorio pediu atenção:

– Senhor presidente! – Pinheiro voltou-se para ele. Vitorio continuou. – Pelo Brasil, por Alagoas e pelo direito de defesa, meu voto é “não”.

Vitorio desceu, voltando ao plenário, e seus “colegas” abriram passagem para ele, em silêncio.

Quando a votação foi chegando ao fim, eu disse:

– Fernando, entregue nas mãos de Deus.

– Como? – Respondeu ele, chorando.

– Quem sabe, Fernando, não está acontecendo isso para você ter tempo de parar, de se fortalecer para depois voltar. Assim você vai poder buscar as provas necessárias para poder se defender adequadamente e recuperar um posto que é seu por direito.

– Você acha mesmo, Quinha?

– Acho. Mas não fique sozinho agora.

Então mandei que um assessor fosse ficar com ele. Eu tinha medo do que ele pudesse fazer.

Naquela noite, por 441 votos a 38, a Câmara determinou o afastamento temporário do presidente e autorizou o Senado a abrir um processo contra ele por crimes de responsabilidade. Fernando ordenou que recolhessem seus objetos pessoais do gabinete para a Casa da Dinda e foi embora.

No dia 2 de outubro, voltamos ao Planalto para que o presidente recebesse oficialmente a citação de afastamento. Depois, descemos a rampa juntos e seguimos até o helicóptero. Houve quem quisesse que saíssemos pelos fundos para evitar as vaias, mas nós nos negamos. Entramos na Presidência pela porta da frente. Saímos pela porta da frente. Durante o voo, vivemos uma cena terrível. Fernando pediu ao piloto que sobrevoasse uma área onde estava sendo construída uma escola perto da Casa da Dinda. Antigamente, a região era uma favela e, na época, estava sendo urbanizada. Estava ficando bonito mesmo.

– Quero ver como estão as obras – pediu.

– A ordem é levar o senhor do Planalto para a Casa da Dinda. Estamos sem combustível para alterar o trajeto. Acabou.

Foi uma maldade muito grande terem feito essa humilhação com ele. Para quê? O que custava atender aquele último pedido? Ao ouvir o “não”, Fernando apertou minha mão com força. Estava emocionado e profundamente constrangido. Quando chegou em casa, chorou, chorou muito.

– Naquele momento, eu percebi que não sou mais nada – disse ele.

Como sempre, consolei meu marido.

Com o afastamento de Fernando, Itamar Franco, seu vice, tomou posse. Sempre me dei muito bem com ele. Fernando e ele também se davam bem. Lembro apenas que, depois de um tempo de governo, Fernando começou a se incomodar um pouco com Itamar. Segundo meu marido, seu vice era uma pessoa demasiadamente sensível, que tem um ego dependente de elogios, de afago. Por qualquer coisinha, Itamar se chateava e, para que isso não acontecesse, alguém precisava sempre elogiá-lo, valorizá-lo. Fernando odiava tal comportamento.

Nos três meses entre o afastamento e a data marcada para o início do julgamento de Fernando pelo Senado, vivemos um inferno. Tínhamos algumas armas em casa e fiz com que elas sumissem. Durante todo o tempo em que estivemos casados, ele me dizia que, se eu o largasse, ele se mataria. Nunca levei essas ameaças muito a sério. Naquele momento, porém, meu temor de que meu marido pudesse atentar contra a própria vida tinha outras motivações. Eu não parava de lembrar de Getúlio Vargas (1882–1954) que, pressionado a deixar o governo, acabou se suicidando. Não que meu marido tenha falado em se matar ou dado alguma pista de que cometeria algo assim, mas eu tive medo porque ele estava realmente mal, tudo estava fora dos eixos. Fernando e eu trocávamos a noite pelo dia. Íamos para a cama quando amanhecia e acordávamos no início da tarde. Ele passava a madrugada toda trabalhando em sua defesa. Dormíamos à base de remédio. Eu tinha medo de deixá-lo sozinho um minuto sequer. Se ele acordasse para ir ao banheiro, eu já despertava e perguntava:

– Fernando, onde você está? O que está fazendo?

– Calma, Quinha, está tudo bem. Eu só vim ao banheiro.

Emagrecemos muito. Ele perdeu aquele porte atlético e ficou miudinho.

Estava claramente deprimido, muito mais do que em qualquer outro período de sua vida. Sim, porque as crises de depressão de Fernando eram frequentes. Assim como as de euforia.

Desde que nos casamos, notei que Fernando tinha um temperamento muito diferente do meu. Primeiro porque ele é extremamente metódico, perfeccionista. A irmã dele, Ledinha, contava que, quando criança, ele vestia uma roupa de marinheiro toda branca, com sapatos e meias combinando, e não podia ter nada amassado, nada fora do lugar. Ele era tão exigente que eu precisava ter uma empregada só para cuidar das coisas dele. As minhas podiam ficar mais ou menos, eu não ligava, mas as dele tinham de ser impecáveis. Outros exemplos da sua obsessão pelos detalhes: ele tinha o hábito, aprendido comigo, de usar um xampu diferente em cada dia da semana para que o cabelo não se acostumassem com uma determinada fórmula; gastava o sabonete até o fim; e se negava a dividir a pasta de dentes comigo porque eu apertava o tubo no meio. Além de muito metuculoso, Fernando tinha uns arroubos que me assustavam bastante. Em determinado instante ele é calmo como um lago suíço e, no seguinte, tem uma explosão de raiva. Certa vez, ele bateu em um empregado nosso em Maceió porque o sujeito não trouxe o pão que ele queria comer. Foi logo pela manhã. O empregado voltou da padaria com o pão errado. Fernando ficou irritado, começou a discutir e encheu o moço de porrada. A briga foi tão feia que derrubou banco, quebrou mesa e arrebentou a cadeira da cozinha. Em seguida, ele proibiu os empregados de me contarem o que tinha acontecido. Eu só soube depois de muito tempo. Ele é um homem que pode se comportar como um lorde, com toda a educação do mundo e, ao mesmo tempo, dizer publicamente grosserias como aquela que ficou famosa, quando disse que tinha nascido “com aquilo roxo”, durante um discurso em Juazeiro do Norte (CE), em resposta a manifestantes que o rechaçavam, já na presidência. Eu achei a expressão horrorosa, e disse isso a ele:

– Está querendo dar uma de nordestino macho, Quinho? Mas você é

carioca!

Suas crises de agressividade eram famosas em Maceió. Enquanto ele esteve casado com Lilibeth, comentava-se que durante brigas do casal ele batia na mulher. Fernando nunca confirmou essas histórias e nunca perguntei à Lilibeth. Eu só posso dizer que, contra mim, ele nunca levantou a mão. Às vezes discutíamos e um tentava falar mais alto do que o outro, mas nunca fui agredida fisicamente. Certa vez, logo no início do casamento, brigamos feio. Acho que foi por ciúme, porque ele era extremamente zeloso nessa fase. Quando começou a subir o tom e passar do limite, eu agarrei o vaso mais próximo do meu alcance e avisei:

– Não se atreva a levantar a mão que eu quebro este vaso na sua cabeça.

– Calma, eu nunca faria isso com você.

– Não sei. Ouço sempre que você era agressivo com a Lilibeth e eu vou logo avisando, comigo não!

Passados alguns anos, comecei a ouvir sobre os portadores do transtorno bipolar, um problema psíquico que faz com que o indivíduo alterne momentos de euforia com fases de depressão, e achei que as descrições tinham muito a ver com a personalidade de Fernando. Nunca soube, porém, se ele chegou a ser diagnosticado como bipolar ou se fazia algum tipo de tratamento contínuo nesse sentido. Sei apenas que tomava antidepressivos durante a presidência, na fase em que estávamos em Miami e também em alguns outros períodos da vida. Aliás, ele sempre foi de tomar muito remédio. Até injeções para o rejuvenescimento, prescritas por uma médica de Araxá (MG), ele chegou a receber.

Por tudo isso, eu temia qual seria a reação de meu marido naquela fase difícil que precedeu o julgamento dele pelo Senado. Amigos, assessores e advogados tentaram convencê-lo a renunciar. Tanto eu como ele éramos contra essa ideia. Eu achava que abandonar o cargo seria, de certa forma, um atestado de culpa. Eu não conseguia ver de outra maneira. Ele tinha esperança de recuperar seu cargo. Até que conversei com os advogados com calma e eles me explicaram que as chances de Fernando tornar-se inelegível eram altíssimas caso o julgamento, marcado para o dia 29 de dezembro daquele ano, realmente acontecesse. A renúncia seria a única saída para evitar o julgamento e, consequentemente, a perda dos direitos políticos.

Na noite de 28 de dezembro, organizamos um jantar na Casa da Dinda. Primeiro Fernando conversou a sós com Luiz Estevão, um caro amigo nosso que não nos abandonou nem nos piores momentos daquela fase tão terrível de nossas vidas. O objetivo dele era convencer Fernando a optar pela renúncia. Depois, recebemos o ministro Affonso Camargo, os senadores Odacir Soares e Ney Maranhão, o deputado Roberto Jefferson e o governador de Alagoas Geraldo Bulhões, o jornalista Etevaldo Dias que, poucos meses antes, havia assumido o cargo deixado por Cláudio Humberto como porta-voz da presidência, o advogado José Moura Rocha e Marcos Coimbra. Eles conversaram sobre a possibilidade de levar Fernando à sessão do Senado no dia seguinte para denunciar que o julgamento já estava decidido previamente e, quem sabe, adiar a sessão e ganhar tempo de virar o jogo.

No fim da noite, quando os convidados estavam indo embora, pedi a Luiz

Estevão, Etevaldo Dias e Marcos Coimbra que ficassem mais um pouco. Disse a eles sobre minha preocupação com a resistência de Fernando quanto à renúncia. Eu já estava convencida de que seria a melhor saída, mas meu marido mal me deixava tocar no assunto. Eles contaram que também tinham dificuldade em falar com ele sobre isso, mas Estevão me deu esperanças, pois Fernando tinha sido menos resistente na conversa que tiveram no início daquela noite. Resolvi que falaria novamente com meu marido antes de irmos para a cama.

Não dormimos. Quando amanheceu, Fernando decidiu pela renúncia, convencido por mim. Foi algo de última hora, a única saída para aquela situação pavorosa em que se encontrava. Ele redigiu a carta da renúncia no escritório da Casa da Dinda, na companhia de Luiz Estevão, e mandou que fosse entregue ao advogado José Moura Rocha. Um pouco mais tarde, chegou Etevaldo Dias. A carta foi levada ao Congresso e lida ainda naquela manhã, meia hora depois de começada a sessão de *impeachment*. Assistimos à leitura pela televisão do meu quarto. Fernando estava arrasado. Baixou a cabeça e disse:

– Agora está tudo perdido.

– Não está nada perdido. É só uma etapa que se encerra. E uma nova vai surgir – respondi.

Apesar da renúncia, o Congresso deu continuidade ao julgamento e Fernando ficou inelegível por oito anos.

Naquela época, eu não tinha dúvida de que ele era totalmente inocente. Eu era muito nova, pouco experiente e acreditava no meu marido. Eu achava normal que as pessoas ajudassem Fernando espontaneamente, como fazia PC Farias. Ao longo do tempo, porém, algumas dúvidas foram surgindo.

7.

Sonho americano

Passamos cerca de um ano e meio numa espécie de exílio doméstico na Dinda. Fernando estava desmotivado de tudo, nem queria sair de casa. Entrara em depressão. Sem nada a fazer, eu vivia em busca de entretenimento para ocupar meu tempo. Li algumas obras de Frederick Forsyth, *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel García Márquez e todos os livros de Sidney Sheldon e de Zíbia Gasparetto numa rapidez impressionante. Além disso, praticava exercícios físicos e estudava inglês e francês. Para manter a vida social ativa, começamos a jogar pôquer. Formamos uma turma e, pelo menos duas vezes por semana, nos reuníamos para jogar. Eu também organizava jantares em casa para compensar a falta de vontade que Fernando tinha de sair. Nessa fase, não existia mais qualquer vestígio dos problemas conjugais pelos quais passamos na presidência. É engraçado, mas eu acho que o *impeachment* e aquele sofrimento todo que meu marido estava vivendo fez com que nos uníssemos. Eu tinha a impressão de que ele precisava de um conforto que só eu poderia dar. Por mais que ele tenha sido cruel e injusto comigo quando sofreu todos aqueles ataques por minha gestão na LBA, eu não tinha coragem de abandoná-lo em um momento tão difícil. Pelo contrário, meu instinto, minha vontade, era ficar perto, consolar e dar força para que ele se levantasse.

Aquele também foi um tempo difícil. Conseguimos superá-lo graças à ajuda de alguns bons amigos e de minha família, que esteve sempre comigo. Logo depois do julgamento pelo Senado, os bens de Fernando foram congelados e nossos gastos estavam muito altos porque ele tinha de pagar advogados. Luiz Estevão e a mulher, Cleucy, por exemplo, nos ajudaram financeiramente. Ronaldo Monte Rosa, que foi presidente da Embratur, e sua mulher, Silvana, além de Joyce e Eduardo Cardoso, também não viraram as costas para nós. Estavam sempre por perto para nos animar. O secretário de Assuntos Estratégicos Paulo Leoni Ramos e a Luciana era outro casal que demonstrou grande amizade nessa época, assim como a jornalista Mariza e seu marido Hélio de Macedo-Soares. O senador Ney Maranhão, que ficou famoso por usar terno branco e chinelo no Senado, também foi muito querido nessa fase.

Por outro lado, teve muita gente que nos decepcionou. Aliás, tivemos mais

decepções do que alegrias nessa fase. Uma das grandes surpresas foi com Cleto Falcão, que nos virou as costas. É verdade que, meses antes, Fernando ficara muito bravo com ele. Mas ele tinha seus motivos. Afinal, no meio de toda a crise, o deputado dera uma entrevista à *Veja* em que afirmava receber ajuda de “amigos” para cobrir seu alto custo de vida, que incluía uma casa à beira do Lago Norte com pier, *jet-skis* e ovelhas. Na reportagem publicada pela revista, o líder do PRN na Câmara deu o nome de um desses “amigos”: Paulo César Farias. Com tudo o que estava acontecendo, Cleto ainda se saía com essa? Era motivo de sobra para que o presidente se irritasse. Ainda assim, Fernando nada teve a ver com a saída de Cleto da liderança da bancada. Foi o próprio Cleto quem abandonou o cargo.

A maior das decepções que tivemos, porém, não foi essa. Foi com Paulo Octávio e Anna Christina, sua segunda mulher e neta de Juscelino Kubitschek. Ele ficou contrariado porque esperava ser o candidato para disputar as eleições para o governo do Distrito Federal, mas Fernando acabou escolhendo Joaquim Roriz. Ainda assim, não há justificativa para o que aconteceu depois. Um belo dia, passado o *impeachment*, Fernando disse que ele e Paulo Octávio tinham conversado e que o amigo – agora ex-amigo – tinha dito que se afastaria porque sua mulher não se dava bem comigo. Fiquei muito triste na época. Afinal, quem acolhera Anna Christina em Brasília fui eu. Ela havia chegado de Nova York, era a nova namorada de Paulo Octávio, que se separara de Márcia, e nosso círculo de amizades não foi muito receptivo a ela logo de cara. Embora eu gostasse muito de Márcia, já sabia que ela estava bem, que vivia um novo relacionamento e não achei correto o “gelo” que estavam dando em Anna Christina. Por isso e até por amor a Paulo Octávio, que era um dos melhores amigos de Fernando desde a juventude, abri as portas da minha casa a ela. Eu mesma organizei um chá de panela para o casal. Além disso, ela estava sem emprego e, como eu sabia que era uma jovem competente e que tinha morado fora do país por anos, resolvi contratá-la para ser a superintendente de Brasília na LBA. Nosso relacionamento era ótimo e, por tudo isso, aquela história me chateou demais. Para completar, certa noite fomos a uma festa na casa de um juiz que conhecíamos e eles estavam lá. Fernando foi cumprimentar Anna Christina e ela o ignorou. Segurou uma mão com a outra para não apertar a dele. Achei aquilo um desrespeito absurdo e também uma atitude oportunista porque, quando o Fernando era presidente, o casal estava sempre em volta da gente.

Muito tempo depois, eu fiquei sabendo que a história contada pelo Fernando não era bem aquela. O problema da Anna Christina era com ele, não comigo. Ela realmente acreditou em todas as acusações que fizeram contra ele durante a presidência e achou que ela e o marido deveriam romper conosco. Um dia, por meio de uma amiga em comum, Anna Christina enviou uma carta para mim. Ali ela pedia desculpas por ter se afastado, contava seus reais motivos e dizia que gostava muito de mim. Consegui perdoá-la, mas nunca mais nos falamos.

Em dezembro de 1994, Pedro Collor faleceu. Mesmo após o *impeachment* e tudo pelo que Fernando passou, ele não havia acalmado sua ira. Em 1993, publicou o livro *Passando a Limpo – A Trajetória de um Farsante*. Nunca li. Fernando não deixava e eu não tinha interesse mesmo porque, pelo que soube por

meio da imprensa, era algo repulsivo, raivoso, mentiroso e cheio de rancor. Não havia motivo para eu ler algo do tipo. Soube que ali meu cunhado falava muito mal de mim e de minha família. Dizia, por exemplo, que eu era tão burra que confundia “pistola” com “estola”. Imagine se eu, uma pessoa criada no interiorzão nordestino, onde todo mundo tem armas, iria fazer uma confusão dessas?! Se ele precisava inventar alguma coisa para dizer que eu sou inculta, poderia ter dito, por exemplo, que confundi “*escargot*” com “caramujo”. É tudo a mesma coisa! E, confesso, eu só fui conhecer *escargot* depois de casar com Fernando. Antes eu nunca tinha provado. Mas “estola” com “pistola”?! Ele também escreveu que, em meu primeiro encontro social com ele e Thereza, um jantar no restaurante Gstaad, em Maceió, ao qual também estavam presentes minha irmã Rosania e meu cunhado Vitorio, eu falei pelos cotovelos e dei uma porção de gafes. Mentira. Eu passei a noite toda quieta. Quem falava era minha irmã. Eu lembro até o prato que pedi: era um filé com caviar por cima. Gosto de carne, mas não digiro bem o alimento. Por isso, preciso mastigar muito lentamente. Então, comi devagar, enquanto todo mundo conversava. Todos terminaram a refeição e eu ainda continuei comendo. Minha memória sobre aquele dia é bastante clara, já a do meu finado cunhado parece ter falhado bastante.

No ano de sua morte, Pedro havia se candidatado a deputado estadual em Alagoas. Perdeu. Em seguida, submeteu-se a exames e descobriu que tinha câncer no cérebro: quatro tumores. Ou seja, na época da presidência, quando minha sogra disse que ele tinha problemas mentais e, por isso, o afastaria da presidência das empresas, ela estava correta. Foi ele quem mentiu ao dizer que estava saudável. Mas ele preferiu esconder a doença para não enfraquecer suas denúncias contra o irmão. Com o diagnóstico nas mãos, ele e Thereza mudaram-se para Nova York em busca de um tratamento. Foi aí que fotografaram Pedro magro, com um pano branco na cabeça, uma cena muito forte, muito humilhante.

Nessa época, o irmão mais velho deles, Leopoldo, convidou Fernando para visitar o caçula, pois tinha sido informado de que ele tinha poucos dias de vida.

– Quinha, Leopoldo me ligou. Ele acha que devemos ir a Nova York porque a situação de Pedro piorou. Ele está nas últimas. – Fernando disse para mim, à noite, quando chegou em casa.

– E o que você achou disso?

– Não sei. Fico pensando se não tenho que passar por cima de tudo o que aconteceu. Afinal, ele é meu irmão e está morrendo.

– Olha, Fernando, eu acho que você tem que fazer aquilo que o seu coração mandar. Se você acha que tem de ir, vá. Não hesite. Agora, se o seu coração diz que é para ficar, fique. Eu não posso interferir em uma decisão tão pessoal, tão delicada como esta. Vou apoiá-lo seja lá o que você decidir.

No dia seguinte, pela manhã, ele parecia mais sereno e disse:

– Eu refleti muito essa noite e decidi que vou. Hoje mesmo ligo para Leopoldo e acerto os detalhes da viagem.

– Tudo bem. Só me avise quando e eu me arrumo para ir com você – respondi.

– Não. Eu vou sozinho. O Leopoldo acha melhor irmos só nós dois. E eu concordo.

– Sem problemas. Se vocês acham melhor assim, eu fico.

Os dois chegaram a marcar data para ir e, uns dois dias depois, Fernando veio com uma notícia diferente:

– Não vou mais para Nova York

– Mas o que foi que aconteceu?

– Leopoldo conversou com Thereza e disse que iríamos. Ela respondeu que ele pode visitar Pedro, mas que não me deixaria entrar no quarto.

– Mas como assim? Quem ela pensa que é para separar dois irmãos dessa forma?

– Pois é. Será que ele está morrendo mesmo, Quinha? Estou com o coração apertado.

Ele ficou realmente triste com toda aquela notícia e com o fato de não poder mais ver o irmão, mas não adiantaria ir até lá para arrumar confusão. Pedro foi enterrado em Maceió. Não fomos ao velório.

Dias antes, tivemos uma boa notícia depois de tantos meses vivendo o luto do *impeachment*. Por cinco votos a três, o Supremo Tribunal Federal absolveu Fernando das acusações de corrupção passiva. Era hora de renovar nossa rotina. Decidimos, então, fazer uma viagem. Fomos para a Europa. Nosso plano era, ao final do roteiro, escolher um lugar para morar um tempo fora do Brasil, talvez uns seis meses em Paris. Chegamos até a visitar alguns apartamentos. Mas eis que Ronaldo e Silvana Monte Rosa nos convidaram para conhecer uma ilha chamada Mustique, no Caribe. Era Carnaval, estávamos com a volta ao Brasil programada e, por isso, Fernando titubeou. Já eu fiquei animada.

– Puxa, Quinha, mas já estamos viajando há tanto tempo. Será que não é hora de voltar para casa? – Ele disse ao perceber minha animação.

– Para casa, Fernando?! Mas é Carnaval, você e eu odiamos Carnaval. O que vamos fazer no Brasil nessa época?

Ele ainda resistiu um pouco, mas acabou aceitando. Partimos primeiro para Nova York, onde nos encontramos com o Ronaldo e a Silvana, e depois para Mustique. Lá, fomos recebidos na casa de Bethy Lagardère, ex-modelo mineira que foi casada com um dos homens mais ricos da França, Jean-Luc Lagardère. Bethy sempre nos oferecia jantares lindíssimos quando estávamos em Paris e, ao saber que iríamos a Mustique, onde ela tem uma casa maravilhosa, não demorou para nos convidar. Foi uma viagem muito agradável.

Na volta, planejávamos ficar um ou dois dias em Miami antes de voar para o Brasil. Foi então que encontramos o jornalista Rony Curvelo. Ele conhecia Fernando porque o entrevistara no Brasil ainda na época do *impeachment*. Ficaram amigos. Rony morava em Miami e nos recebeu com muito carinho. Logo de cara, arranjou ingressos para irmos a *shows*, planejou passeios para nós e acabou nos convencendo a esticar nossa estada. Até então, víamos Miami como um lugar chato e brega, feito para novos-ricos brasileiros. Mas, ao passar uns dias por ali, conhecemos uma Miami muito interessante: tranquila, bem organizada e bonita para morar. Além disso, tinha praia, algo de que eu sentia muita falta desde que me mudara para Brasília, e ficava bem pertinho do Brasil –

nossa ideia não era mesmo passar muito tempo longe da minha família. Acabamos decidindo mudar para Miami em meados de 1995.

No meio da viagem para o Caribe, no sábado de Carnaval, Fernando recebeu um telefonema do Brasil. Dona Leda morreu. Desde que passara mal, durante o auge da briga entre os filhos, ela estava inconsciente em uma cama de hospital. Fora transferida do Rio para São Paulo e lá ficou. Chegamos a visitá-la algumas poucas vezes, mas era uma situação muito horrível vê-la em estado vegetativo, na cama. Além do mais, morávamos em outra cidade, o que tornava as visitas ainda mais difíceis. Ao receber a notícia da morte da mãe, Fernando nem pensou em vir ao Brasil para o enterro. Não o julguei. Afinal, simbolicamente ela já tinha morrido há muito tempo. Aquela era só a constatação oficial da morte. Mas mandamos rezar uma missa para ela em Miami, quando voltamos de Mustique.

Com a morte de Pedro, Thereza vendera todas as ações da Organização Arnon de Mello. Parece que mais tarde ela até foi cobrada pelos filhos, que ficaram sem nada das empresas. Depois, quando dona Leda morreu, o patrimônio foi dividido entre os irmãos. Fernando tratou de comprar o máximo de ações que pode. Chegou a ter 98%. Os outros 2% ficaram com Ana Luiza, e, mesmo assim, quem administrava a parte dela era o irmão. A família também repartiu os outros bens. A Casa da Dinda ficou conosco e o apartamento do Rio, com Thereza, porque ela quis e ninguém disse nada contra.

Era com os rendimentos da Organização Arnon de Mello, cerca de 100 mil dólares ao mês, que bancávamos nossa vida em Miami. Vivemos lá durante mais ou menos quatro anos, entre as idas e vindas. Certamente, até agora, aquele foi o melhor período da minha vida. No início, nos hospedamos em um hotel. Depois, compramos e montamos nossa casa em Bay Harbor, um bairro chique da cidade. O imóvel era muito confortável. Ficava em um terreno de mil metros quadrados, com um gramado que terminava no mar, de frente para a ilha mais charmosa de Miami, Indian Creek, onde morava Julio Iglesias. Não se tratava de uma casa enorme, mas era compacta e muito arrumadinha. Logo na entrada, havia uma sala pequena e, ao lado, uma sala de jantar para doze pessoas. No térreo, ficava também uma salinha de televisão com um *home theater* e um aparelho de som; uma outra sala de estar; a cozinha, onde fazíamos as refeições do dia a dia em um ambiente separado por um biombozinho; e um quarto de empregada com banheiro. Uma escada levava aos quatro quartos, no andar de cima. Todos eram suítes, tinham sacada para a piscina e eram cobertos por papel de parede de cores diferentes: o meu era salmão; o segundo, para visitas, era verde; um terceiro, onde ficavam minhas sobrinhas quando me visitavam, era rosa; e o dos filhos de Fernando era azul. Lá fora ficava a piscina, um espaço com equipamentos de academia e uma sauninha, de que eu gosto muito. Todas as minhas casas tiveram sauna, exceto a de São Paulo, para onde nos mudamos depois dos Estados Unidos. A de Miami era a menor delas, mas eu fiz questão de ter. No frio, era muito gostoso passar um tempo ali para depois sair já quentinha, bem agasalhada.

A casa era muito bem equipada, toda automatizada. Não tinha essa história de um controle remoto para cada coisa, como ocorre no Brasil. Era um só para

tudo. Eu até tive alguma dificuldade para aprender a usá-lo, mas Fernando me incentivou.

– Vamos, vamos aprender, Quinha – ele dizia.

Por um painel, controlávamos tudo: o aquecimento central, o som, a televisão e até as cortinas. Tínhamos muitas cortinas porque a casa era toda de vidro e, sem proteção, ficaria transparente. Quando mudamos, eu quis modificar algumas coisas. As peças dos banheiros, por exemplo, eram todas pretas. Eu achava muito masculino e mandei trocar. Também compramos novos metais para as pias, todos dourados. O da minha suíte tinha a forma de cisne. Na época, andou saindo na imprensa que se tratava de peças de ouro. Quanta bobagem! Eram douradas. Quem, em sã consciência, usaria torneiras de ouro?! Só se eu fosse idiota. Ah! E as reportagens também citavam nossas iniciais gravadas nos lençóis. Tinha isso mesmo. Esse foi um hábito que adquiri quando casei. Eu mandava bordar “F” e “R” em tudo. Acho bonito e pronto. Outra coisa que saiu na imprensa brasileira é que eu tinha um Porsche. Tinha mesmo. E qual é o problema? Ter um Porsche no Brasil é difícil e caro, mas, em Miami?! Qualquer um tem. É algo normal. Minhas amigas todas tinham Mercedes, por exemplo.

Gastamos também um bom dinheiro para construir a proteção contra furacões, acionada por um botão. Eu tive a experiência de passar por uma dessas tempestades assustadoras. Morávamos a menos de cinco minutos do *shopping* Bal Harbour Shops e estava lá quando recebemos o alerta de furacão. Corri para casa. Só que o Fernando estava no escritório que ele montou em Brickell, o maior bairro empresarial da cidade, um lugar de risco a trinta minutos de casa de carro. Para chegar, ele teria de pegar uma ponte. Liguei para meu marido e descobri que estava no meio do caminho quando souo o alerta. Fiquei muito apavorada. Pela televisão, via os carros voando. Fiquei com ele na linha até que chegasse em casa. Naquela época, já tinha telefone com viva voz nos carros americanos. Enquanto falávamos, eu olhava pela janela.

– Fernando, o mundo está acabando! – Eu disse, desesperada, ao ver uma árvore voando e caindo direto em nossa piscina. Fez um barulhão.

O vento era absurdamente forte. Eu nunca tinha visto nada igual. Os empregados da casa, que já estavam acostumados com aquilo tudo, tentaram me acalmar.

– Fique tranquila, dona Rosane, não vai acontecer nada, não. É assim mesmo.

Mas eu estava em pânico. Eu sentia a casa balançar e não conseguia parar de pensar no que poderia acontecer com o Fernando na rua. Até que ele chegou. Nunca mais quero ter uma experiência como aquela!

Uma dificuldade nos Estados Unidos era manter empregados. No começo, tentei contratar gente lá, mas era complicado. Depois, levei dois brasileiros daqui, mas também não deu certo. Depois encontramos um casal de italianos, o Lorenzo e a Ingrid, e foi muito bom. Eles trabalhavam de segunda a sábado e, aos domingos, tivemos de nos adaptar à realidade local e ficar sem ninguém. Foi um pouco estranho logo no início, porque eu nunca tinha vivido sem empregados, mas logo nos acostumamos. Eu ia para a cozinha e Fernando também. Ele adorava fazer massas e era muito organizado. Depois de cozinhar, deixava tudo

limpinho, uma beleza! Ou seja, nossa vida era modesta e tranquila. Eu dirigia meu carro numa boa, sem pensar em segurança. Eu ia para o supermercado fazer compras e o Fernando empurrava o carrinho. Adorávamos ir ao cinema durante a tarde. Às vezes assistíamos a um filme atrás do outro.

Nessa fase, recebíamos muitos amigos e familiares vindos do Brasil. Levei minha mãe, minha irmã e meus sobrinhos para a Disney e fomos a todos os parques. Era muito divertido! Também fizemos bons amigos por lá. Em frente à minha casa, morava uma mulher casada com um judeu. O nome dela era Lisa Wolfs. Ela me levava para todas as festas e eventos mais bacanas da cidade, onde eu acabei fazendo um círculo de amigos locais muito legal. Tive muita sorte de conhecê-la. E tinha os brasileiros, claro. Fiquei amiga do artista plástico badaladíssimo Romero Britto. Ele até me presenteou com diversos quadros. Cheguei a fazer uma festa beneficente cujos rendimentos foram revertidos para os projetos de caridade que ele conduz por lá. Fiquei bastante amiga também da corretora de imóveis brasileira Daniela Papa e seus pais. Nos fins de semana, eu e Fernando saíamos para passear, às vezes de helicóptero, às vezes na lancha que ele comprou.

Durante a semana, nos dedicávamos a aulas de inglês. Ele queria aprimorar o idioma porque estava dando palestras em universidades americanas. Parte do dia Fernando ficava em seu escritório, o Collor's Office, onde trabalhava uma secretária portuguesa, Fernanda, e o Rony Curvelo, que acabou virando uma espécie de assessor de imprensa. Era ali que Fernando recebia muitos jornalistas que iam entrevistá-lo, por exemplo.

Sem Pedro, o único irmão com quem se dava bem, e sem a mãe, com quem morava, Ana Luiza ficou só. Para piorar, começou a ter problemas com Thereza. Logo de início, tentou procurar Ledinha, mas não teve jeito. A vida toda elas se odiaram, não era naquele momento que a irmã iria acolhê-la. Imagine, Ana Luiza chamava a mais velha de “general”. “Ah, o general chegou”, ela dizia ao ver a irmã se aproximando. Foi atrás também de Leopoldo, mas acabaram tendo uma briga tão feia que até se estapearam. O único parente que restara era Fernando. E ele aceitou a irmã mesmo sabendo que ela apoiara Pedro durante todas as confusões e denúncias. Ele tinha bastante interesse nessa aproximação. Ana Luiza não era casada nem tinha filhos. Resolveu propor a ela um acordo em que ele ficaria com quase tudo o que ela tinha da Organização Arnon de Mello. Ela seria então presidente de honra, dona de 2% das empresas, e receberia o apartamento que tínhamos em Maceió, no edifício Michelangelo, e usávamos apenas para receber visitas. Concordei com a negociação e nem me importei de abrir mão do imóvel. Naquele momento, eu não pensava que pudesse vir a me separar. Hoje me arrependo.

Depois de reatarm, convidamos Ana Luiza para passar uns tempos conosco em Miami. Ela era obesa, depressiva e convivia com um complexo por causa da sua orelha rasgada por um brinco. Recebi minha cunhada de braços abertos e estabeleci como meta fazer com que ela gostasse de si. Ensinei-a a emagrecer. Fazíamos exercícios juntas, coloquei a mulher numa dieta. Ela perdeu peso, ficou magrinha e bonitinha. Também levei-a a um cirurgião plástico e resolvemos o problema da orelha. E, claro, fomos às compras muitas vezes.

Ela aprendeu e passou a gostar de se cuidar. O único problema que persistiu foi a depressão. Mesmo com toda a mudança, tinha dias e dias que Ana Luiza passava trancada no quarto, sem querer nada, e eu não fazia ideia de como agir. Eu não sabia lidar com uma depressão tão severa quanto aquela.

Também aproveitei a temporada em Miami para me livrar de algumas coisinhas que me incomodavam mentalmente. Lá, fiz terapia com o psiquiatra espírita Brian Weiss, especialista em regressão, reencarnação e vidas passadas. Nunca, em nenhuma das sessões, cheguei a ficar inconsciente. Ele conseguia fazer isso com a maior parte de seus pacientes, mas comigo não funcionou. Também não é verdade que eu descobri ali ter sido dançarina e cantora em Paris, como andou saindo na imprensa. Eu lembro, sim, de ter recuperado algumas lembranças de infância. Em uma delas, por exemplo, eu era pequenina e estava de vestidinho vermelho com florzinhas e detalhes brancos. Ouvia adultos dizendo entre si que tinham de esconder a seguinte história de mim: a gravidez de meu irmão caçula, o Joãozinho, era de risco, e os médicos tiveram de decidir se salvariam a minha mãe ou o bebê. Felizmente os dois foram salvos, mas a cena realmente aconteceu. Quando eu voltei para casa, depois daquela sessão, liguei para Rosania e contei sobre a minha lembrança recuperada. Ela confirmou que aquilo era verdade.

O mais interessante é que, graças ao tratamento do doutor Weiss, consegui perder alguns traumas. Eu tinha pavor de cobra, por exemplo. Não podia nem assistir a uma cena de filme em que o réptil aparecia. Eu passava mal com isso. Quando era adolescente, meu primeiro namorado achava que eu estava fazendo frescura e, certo dia, pegou uma cobra de borracha e jogou em mim. Eu desmaiei e demorei a recuperar a consciência. Durante uma das sessões com Weiss, eu vi uma cena em que eu era bebê e estava no berço coberto por um mosquito. Havia uma cobra sobre o suporte do mosquito, pelo lado de dentro. Eu chorava. Minha mãe veio em meu socorro e entrou em desespero ao ver o bicho. Chamou meu pai. Aí, com uma esperteza e uma coragem que só pai e mãe têm, ele disse a ela que afastaria o pano para que, rapidamente, minha mãe me tirasse do berço antes da cobra cair em cima de mim. E assim eles fizeram. Imagine! Se a cobra tivesse caído antes, eu já estaria morta. Depois daquele dia em que revivi essa cena, nunca mais tive medo de cobra. É verdade que eu não gosto, mas não sofro mais quando vejo uma.

Outro trauma do qual me librei foi o de escuro. Até então, eu entrava em pânico quando faltava energia elétrica, por exemplo. Ficava extremamente nervosa. Foi aí que doutor Weiss me fez lembrar de um episódio em que, ao brincar de esconde-esconde na casa de uma amiguinha no interior, eu acabei presa dentro de um armário minúsculo e sem luz. Eu não conseguia sair e ninguém me encontrava. Quando descobriram que eu estava dentro, não conseguiram achar a chave. Foi um sufoco até que eu pudesse sair dali. Graças ao resgate dessa lembrança, eu também nunca mais fiquei aflita ao me ver no escuro.

Nesse período que passamos em Miami, não ficávamos só na cidade. A cada três meses, mais ou menos, vínhamos ao Brasil e também viajavamos pelo mundo. As vezes, aproveitávamos alguma palestra que o Fernando daria em

algum lugar fora dos Estados Unidos, como a Suíça, para onde íamos sempre, ou a Noruega... e emendávamos uma viagem. Um lugar que visitávamos com frequência era Aspen, no Estado americano do Colorado. Desde que casei, me empenhei em aprender a esquiar e acabei ficando craque no esporte. Fiquei tão viciada na modalidade quanto o Fernando. Íamos todas as temporadas e, às vezes, levávamos meus enteados e minhas sobrinhas, que eu tratava como se fossem minhas próprias filhas, Rafaela, a Rafinha, que é filha da minha irmã, e Gabriela, a Bibi, filha do meu irmão Pila. Costumávamos alugar a casa do ator George Hamilton, que fez *O Poderoso Chefão 3*, por uns quinze dias.

Certa vez, quando estavam todos conosco, o aeroporto de Denver, de onde partíamos, fechou por causa do mau tempo. Só os aviões pequenos poderiam voar. Esperamos por quase um dia todo para ver se a situação mudava e nada... Foi quando Fernando teve a ideia de alugar um jatinho para nos tirar de lá. Todo mundo adorou a iniciativa. Ninguém aguentava mais ficar ali, aguardando. Estávamos mal acomodados, comendo só porcaria. Quando estava tudo pronto para o embarque, alguém se deu conta de que a aeronave era muito pequena para tanta gente e, principalmente, tanta bagagem. Afinal, além de nossas roupas e afins, estávamos levando os equipamentos de esqui, que são grandes, e as pranchas de *snow board* dos meninos. Quem esquia esporadicamente costuma alugar essas coisas, a vestimenta inclusive. Mas, como a gente ia sempre, compramos tudo e levávamos a cada viagem. Diante daquela confusão, tínhamos três alternativas: desistir do jatinho e esperar até que o tempo melhorasse; deixar as malas para trás e, ao chegar em Aspen, comprar ou alugar tudo; alugar uma segunda aeronave. Quando essa terceira ideia passou pela cabeça de Fernando, ele não pensou duas vezes. E todos nós agradecemos. Assim, em um jato foram as malas e, no outro, os passageiros. Parece uma extravagância, mas não foi. Qualquer um que tivesse dinheiro para adotar essa solução faria a mesma coisa. Eu tenho certeza. Claro que, se o aeroporto não estivesse interditado, nada disso seria necessário e poderíamos usar o dinheiro do aluguel dos jatinhos em outra coisa. Mas, como não era esse o caso, resolvemos assim e ficamos muito felizes com a solução encontrada.

Também esquiávamos em Courchevel, na França, a mesma estação onde o alemão Michael Schumacher se acidentou. Eu também me machuquei esquiando lá. Não foi nada tão grave quanto o que aconteceu com o ex-piloto de Fórmula 1, mas, na hora, eu pensei que tivesse morrido. O dia estava ruim. Se fôssemos mais prudentes, não deveríamos ter saído. Estávamos eu, Fernando, nossos instrutores e minhas duas sobrinhas. Subimos até a pista *black*, a mais difícil de todas, e começamos a descer. Quando eu já estava na vermelha, que é um pouco mais fácil, uma criança atravessou o meu caminho. Nevava muito, a visibilidade estava ruim e, ao desviar do menino, eu não enxerguei os *bumps*, blocos de neve feitos para dar saltos no ar com uma técnica específica (quem não está preparado, se arreventa mesmo). Caí. Durante a queda, pensei que estivesse morrendo porque vi tudo azul na minha frente. Um esqui foi parar de um lado e o bastão saiu rolando. Perdi meu gorro, meus óculos... Fiquei no chão, sangrando, à espera do socorro, que chegou rápido. Fernando vinha logo atrás de mim e viu tudo. Quando abri os olhos, expliquei que estava tudo bem, mas vi no

rosto dele que meu estado era péssimo. Ele parecia atormentado. Eu tinha cortado o lábio, quebrado o punho e ficado toda arranhada. Só que não percebi a fratura e continuei esquiando. Horas depois, ao parar para o almoço, percebi que minha mão estava inchada. Meu corpo esfriou e vieram as dores também. Parece loucura, mas na mesma temporada esquiei novamente. Coloquei uma tala no braço e voltei às pistas. Por mais que aquela viagem se repetisse todos os anos, eu não poderia perder a temporada de neve!

Numa dessas nossas viagens pelo mundo, fomos ao Taiti. Lá resolvemos participar de uma atração turística para casais muito simpática: um casamento típico. De helicóptero, fomos de Moorea para o Club Med de Papeete, onde duas canoas feitas de tronco de árvore nos esperavam para nos levar ao local onde seria a cerimônia. Lá havia outros casais estrangeiros. Quando chegamos, fomos separados pelos organizadores. As mulheres se reuniram em um grupo, e os homens, em outro. Recebemos massagem, nos vestimos com roupas típicas, arranjos de flores para a cabeça e fomos para a praia esperar os “noivos”. Eles chegaram também vestidos com roupas locais, flores e uma espécie de tatuagem, acho que de hena, que saía logo. Um morador da ilha que fazia o papel de sacerdote deu as bênçãos aos nubentes com água de coco e brindamos com espumante, que foi servido em metades de cascas de coco. Para finalizar, assistimos a números de danças típicas e nos foi servido um delicioso almoço. Achei tudo muito divertido. Foi como casar pela segunda vez. É claro que a emoção do primeiro casamento é insubstituível, mas eu curti aquela cerimônia, também.

Estávamos nesse clima de férias e namorico no Taiti quando, no dia seguinte, ficamos sabendo da morte de PC Farias, no Brasil. Desde o *impeachment*, já tinha acontecido de tudo com o ex-tesoureiro de campanha. Em junho de 1993, com sua prisão preventiva decretada, ele fugira da Polícia Federal para a Argentina. Meses depois, foi encontrado por um repórter em Londres, ocasião em que chegou a dar uma entrevista para o Jornal Nacional, da TV Globo. Novamente, PC teve sua prisão preventiva decretada, dessa vez pela polícia britânica, mas fugiu para Bangcoc. Foi finalmente capturado no fim daquele ano por policiais tailandeses e levado de volta ao Brasil, onde ficou preso primeiro em Brasília e depois em Maceió. Enquanto estava preso, sua mulher, Elma, morreu. Um pouco antes disso, ela dera uma entrevista afirmando que, de todo o dinheiro captado pelo marido nas negociações ilícitas durante o governo Collor, 30% ficava para PC e 70% com o chefe, se referindo a Fernando. Aquela declaração mexeu comigo. Acho que ela não diria algo do tipo se não tivesse algum fundamento. Fiquei com a pulga atrás da orelha.

Meses depois de ficar viúvo, ainda na prisão, PC conheceu Suzana Marcolino, uma garota que foi levada até ele por uma de suas funcionárias. Os dois começaram a namorar. Quando foi libertado, em dezembro de 1995, ele e a moça foram viver juntos. Parece que tudo ia bem até que PC conheceu outra mulher e Suzana teve ciúme. No dia 23 de junho, o casal foi encontrado morto sobre a cama de PC na casa de praia dele, em Guaxuma, Maceió, cada um com um tiro. Segundo a história que se conhece sobre o caso, horas antes do crime, tinham estado na casa dois dos irmãos de PC, Cláudio e Augusto Farias, e a

namorada deste último. Jantaram e, no início da madrugada, o casal foi deixado sozinho, apenas na companhia de dois seguranças e outros empregados. Na manhã seguinte, foram encontrados mortos.

O julgamento que pretendia solucionar a morte dos dois levou dezessete anos para ser concluído e, ainda assim, nunca se chegou a um culpado. Foram levantadas várias teorias. Em uma delas, Suzana teria matado PC por ciúme, depois de uma briga, e, então, cometido suicídio. Em outra, teria matado o namorado e, em seguida, teria sido assassinada pelos seguranças dele. Uma derradeira versão ainda levantava a possibilidade de se tratar de um crime encomendado, em que uma terceira pessoa teria matado o casal. Ao longo de quase duas décadas, as investigações foram recheadas de passagens assustadoras. Praticamente todas as testemunhas ouvidas apresentaram mais de uma versão para o mesmo depoimento. Houve acusações de que os investigadores estavam sendo pagos para tirar conclusões, inocentando um ou outro suspeito, como os seguranças de PC e o seu irmão, Augusto.

Em maio de 2013, o julgamento final concluiu que os seguranças não eram os assassinos, embora tivessem culpa indiretamente no caso por não terem impedido a morte – segundo eles, nem sequer ouviram os tiros. Para os juízes, as provas existentes sustentam que o casal foi assassinado por uma terceira pessoa, não por Suzana. Porém, a falta de evidências não permite incriminar nem os seguranças, nem qualquer outro indivíduo.

Na manhã seguinte ao nosso casamento turístico no Taiti, Fernando recebeu um telefonema. Não lembro do horário exato, mas era bem cedo. Do outro lado da linha, uma pessoa no Brasil anunciava a morte de PC Farias. Eu não sei quem fez a ligação, mas provavelmente era algum funcionário de Fernando, alguém de muita confiança, porque pouquíssima gente sabia de nossa viagem ao Taiti. Assim que Fernando desligou, virou-se para mim, nervoso. Estava claramente transtornado.

- O que foi? – Eu perguntei.
- Mataram o PC – ele respondeu ainda atônito.
- O quê?
- Sim, mataram o PC e a namorada.
- Como assim, Fernando? Conte essa história direito.

Então ele me contou que não tinha muitos detalhes, apenas que, segundo lhe contaram, a Suzana havia atirado em PC e depois tinha se matado.

- Ai, que loucura! Meu Deus, como é que pode, Quinho?
- Eu estou preocupado.
- Por quê?
- Porque eu estou fora do país.
- Não estou entendendo.
- Podem achar que eu tenho algo a ver com isso.
- Fernando, você está dizendo que vão te acusar de ser o mandante? Por que alguém pensaria numa coisa dessas?
- Bom, as pessoas já inventam tudo. São capazes de falar que eu fiz isso, também.
- Você acha que vão te acusar de ter feito uma queima de arquivo? De jeito

nenhum.

- Eu acho.
- Não, Fernando. Deixa disso.
- Tem razão, Quinha.
- Não deixe isso estragar o seu dia.

Eu entendia a preocupação do meu marido que, mesmo estando em uma ilha a milhares de quilômetros de distância do local do crime, tinha medo de que o envolvessem na história. Afinal, quando Elma, a mulher de PC, faleceu, também não faltaram os irresponsáveis que insinuaram que ele, Fernando, estaria por trás da morte. Elma havia dado aquela entrevista acusando Fernando de ficar com 70% do que PC arrecadava e, segundo a lógica de quem via conspiração em tudo, ela poderia ter sido vítima de queima de arquivo. Um absurdo, claro.

Mas eu tinha razão. Fernando não tinha motivos para deixar aquilo estragar o seu dia. Tanto é que a Justiça nunca sequer cogitou associá-lo à estranha morte de PC Farias.

8. Nossa volta ao Brasil

Miami foi nosso refúgio. Ali eu pude ser eu, pude curtir a vida como acho que deve ser curtida. Por mim, eu nunca voltaria. É verdade que eu sentia falta do Brasil, dos amigos e, principalmente, da minha família. Mas estávamos tão próximos que, quando a saudade apertava, era fácil dar um pulinho em Alagoas para matá-la. Infelizmente, aquela fase acabou. Em 1998, com a proximidade do fim do período em que estava proibido de participar da vida pública e a possibilidade de encurtar este tempo lançando-se candidato à prefeitura de São Paulo, Fernando quis ensaiar sua volta. Fiquei chateada, mas aceitei a decisão. Achei que poderia ser bom renovar os ares. Mal sabia que, depois de uma fase tão boa, eu viveria novamente uma tempestade em minha vida. Dessa vez, ao contrário do que ocorrera anos atrás, o mau tempo foi chegando de mansinho até se transformar em uma verdadeira tormenta.

Nessa época, eu e Fernando tivemos uma conversa séria. Eu já tinha conhecimento da existência de um menino em Maceió que dizia ser filho dele. Até onde eu sabia, pela idade do rapaz, ele teria sido gerado durante o casamento de Fernando com Lilibeth. Ou seja, tratava-se de um assunto delicado e que não dizia respeito a mim. Por isso, nunca tentei falar sobre o tema. Foi Fernando quem começou o papo:

– Quinha, isso já deve ter chegado aos seus ouvidos, mas agora eu é que preciso falar. Existe um menino em Maceió que dizem ser meu filho.

– Sim, eu já ouvi essa história. E é seu mesmo?

– Eu não sei. Não sei se é meu ou do Pedro.

– Oxente, como assim, Fernando?

– Acho que tanto eu como ele tivemos algo com essa moça, essa tal de Jucineide.

– E você tem certeza de que é a mesma pessoa?

– Eu acho que sim. Certamente, no meu caso, não passou de uma noite.

– Bom, Fernando, você deve estar querendo saber o que eu acho disso, não é?

– Exatamente, Quinha.

– Olhe, já que você quer voltar para a política de uma forma limpa,

transparente, então eu acho que você tem que esclarecer esse assunto.

– Você acha?

– Acho. Faça um teste de DNA, descubra se esse filho é seu mesmo e, se for, acolha-o.

– Mas, e os meus filhos?

– Bom, você vai precisar conversar com eles, não? Eles não devem ser prejudicados, mas, se esse garoto for irmão deles, tem os mesmos direitos. Não é justo ignorá-lo.

– Você acha mesmo?

– Acho.

Outra mulher poderia ter tentado barrar a vontade do marido conhecer um filho. Eu, não. Nunca fui egoísta. Para mim, a divisão do patrimônio pouco importava em um momento como esse. Dei toda a força e o apoio de que Fernando precisava para realizar esse encontro. Em uma de nossas idas ao Brasil, então, ele entrou em contato com o garoto, chamado Fernando James. Na época, ele tinha 18 anos. Soube que o menino ficou feliz da vida. Era um sonho ficar perto do pai. Logo os dois fizeram o teste de DNA, que deu positivo. Assim que o resultado saiu, Fernando chamou o rapaz para uma conversa a dois. Em seguida, informou a novidade aos seus outros filhos, que reagiram normalmente. Para alegria do pai, o garoto tinha interesse por jornalismo e por política. E, desde pequeno, tinha na figura de Collor um verdadeiro ídolo.

No ano seguinte, Fernando completou 50 anos. Resolvi fazer uma grande festa para ele em Maceió. Eu não queria que uma data tão importante passasse em branco. Ainda mais justo na fase em que ele estava voltando ao país depois de sair derrotado. Era a hora de recuperar sua imagem, refazer laços e mostrar a cabeça erguida. Preparei, então, uma recepção para 750 pessoas em um bufê da cidade. Convidei amigos de todos os cantos, de Miami, de Maceió, de São Paulo, do Rio... No dia anterior, preparei um jantar menor em nossa casa só para aqueles que vieram de fora. Entre os convidados, estava Levy Fidelix, do PRTB-SP, aquele que ficou famoso por propor a construção de um aerotrem quando candidatou-se à prefeitura de São Paulo, em 1996. Durante o jantar, o político fez uma sugestão:

– Presidente, por que o senhor não lança sua candidatura para a prefeitura de São Paulo pelo nosso PRTB?

Fernando não deu uma resposta imediata, mas gostou da ideia e passou a pensar no assunto. Pouco tempo depois, começou a trabalhar em sua campanha para disputar a liderança do município paulista.

Para a festa do dia seguinte, eu preparei algumas surpresas para meu marido. Chamei o cantor Reginaldo Rossi, um dos prediletos do aniversariante, para fazer um *show* particular. O artista foi levado de jatinho de Ribeirão Preto a Maceió só para animar nossa festa. Chegou de madrugada e deixou Fernando muito alegre. Tanto que ele até se arriscou a cantar *Yesterday*, dos Beatles, junto com Rossi, no finalzinho do *show*. Além disso, com a minha ajuda, Joaquim Pedro preparou um vídeo muito emocionante com cenas marcantes de toda a vida de Fernando. Começava com fotos da infância dele. Depois, vinham depoimentos de seus três filhos – James Fernando inclusive – ao som da música

Pai, na interpretação de Fábio Júnior. Foi também uma oportunidade para apresentar James à sociedade. Em sua fala na gravação, o garoto disse: “O dia em que conheci o senhor foi o mais feliz da minha vida.” Lindo. Para finalizar, separei imagens de Fernando em campanha, sendo aclamado por eleitores do Brasil inteiro com a música *Amanhã*, de Guilherme Arantes, ao fundo. Ficou tão bom que ele chorou de soluçar ao assistir.

Até aí, ia tudo muito bem, mas, com a volta de Fernando à política, minha vida se transformou em uma correria só. Reformei e remobíliei minha casa em Maceió. Para isso, fui algumas vezes a Miami, onde mantivemos nossa casa com os empregados. Lá, comprei tudo o que precisava para o novo imóvel. Como meu marido já estava ocupado com seus compromissos no Brasil, quem me acompanhava nas viagens e nas compras era minha mãe. Assim que reuni tudo o que era necessário, aluguei um contêiner e trouxe para o Brasil. Saiu muito mais barato do que se eu tivesse feito as compras aqui. Até a decoradora veio de Miami para me ajudar a mobiliar a casa. Ela ficou contente em ganhar a viagem e nem cobrou pelo serviço.

Já que Fernando estava se candidatando a prefeito de São Paulo, precisávamos ter também um endereço na capital paulista. Logo de início, ficamos três meses hospedados no Hotel Maksoud Plaza e alguns dias na casa de amigos. Depois, alugamos uma residência na Cidade Jardim. Dava um trabalho cuidar de três casas – a de São Paulo, a de Maceió e a de Miami. Ainda mais que uma delas ficava fora do Brasil. Minha vida era ir de um lado para outro, cuidando de tudo. Uma loucura. Mas eu fazia tudo com gosto e, modéstia à parte, com muita eficiência.

Não bastasse a administração das residências, assumi uma empreitada importante em Maceió. As empresas da Organização Arnon de Mello estavam passando por uma fase complicada financeiramente. Gastava-se demais. Nós sabíamos que havia algo errado, mas Fernando não tinha paciência para resolver o problema, que daria muita mão de obra. Ele resolveu fazer uma limpa e me colocou à frente deste trabalho. Escolhi como braço direito Vitorio, meu primo e cunhado. O primeiro passo foi contratar auditores para diagnosticar a origem dos problemas. Chamei uma dupla de especialistas que conheci em Miami e sabia que prestava serviço a várias empresas paulistas. Feito isso, passei a convocar todos os diretores da Organização para uma conversa. Pensando em garantir sigilo máximo, essas reuniões eram marcadas na casa da minha irmã, Rosania. Eu pegava as pessoas de surpresa, mesmo. E dizia:

– Olha, eu estou aqui em Maceió e gostaria de conversar sobre a empresa. Será que o senhor poderia me encontrar no endereço que vou lhe dizer?

A pessoa, claro, comparecia e era sabatinada. Nessas ocasiões, além de todas as perguntas que eram feitas, eu olhava nos olhos do sujeito e tentava entender quais eram suas intenções. Muitas vezes eu já sabia que havia algo de errado e estava só esperando ele contar. Aos poucos, fui descobrindo várias irregularidades. E demiti muita gente. Até o primo de Fernando, Euclides Mello, que estava no comando da OAM, eu tirei. Um exemplo do que acontecia de errado: por causa de permuta (troca de publicidade por serviços), tínhamos direito a várias passagens gratuitas da extinta empresa de aviação Transbrasil. Só

que ninguém usava os bilhetes. Os funcionários viajavam por outras companhias e acabávamos pagando por isso. Tudo por pura falta de organização! Além disso, os gastos com restaurantes e hotéis eram altíssimos. E o mais incrível: quase todas as viagens aconteciam nos fins de semana. Para quê? Estava na cara que, de trabalho, elas não tinham nada. Os funcionários estavam se divertindo à custa da empresa.

Vitorio, que foi nomeado superintendente do grupo, cuidava de toda a parte institucional e das relações com o mercado. Como ele não entendia de editorial, fez algumas reuniões com Fernando a fim de compreender melhor o que o cunhado queria. Além disso, todos os dias, ele via a pauta do jornal para saber o que estava acontecendo na redação. Fazia a mesma coisa na TV e na rádio. Ele também identificou que tínhamos muitos impostos atrasados, que deveríamos renegociar o contrato de publicidade com a Globo, da qual éramos retransmissores, e criar uma nova fonte de venda. Conseguimos inverter o jogo. A cada anúncio vendido, a emissora passou a ficar com 30% e nós com 70%. Também paramos de aceitar permutas na publicidade. Tínhamos vários imóveis recebidos como pagamento por anúncios. Para quê? Prédios davam gastos. Precisávamos de dinheiro, não de propriedades. Além disso, criamos uma arena de eventos onde chegamos a realizar vazejadas, vendas de veículos e *shows* de artistas bacanas. Com a diversificação dos negócios, começamos a faturar de novo. Nossa administração foi tão boa que Fernando fazia elogios aos quatro ventos.

Meu trabalho não parou por aí. Passei a cuidar das finanças da família, também. Gastávamos demais. Controlei cartões de crédito, reduzi gastos com os funcionários das três casas, limitei as mesadas dos filhos dele. E nossa vida financeira começou a fluir novamente.

Em São Paulo, as coisas não iam tão bem assim. Apesar de toda a motivação de Fernando, sua candidatura foi impugnada pela Justiça Eleitoral de São Paulo às vésperas da votação. Paulo Maluf, seu principal concorrente naquela campanha, o PSTU e a coligação Respeito por São Paulo, encabeçada pelo PSDB, apresentaram a ação de impugnação baseando-se no argumento de que Fernando só completaria o período de inelegibilidade em 30 de dezembro daquele ano, 2000. As eleições, porém, ocorreriam antes, em outubro – apesar de a posse só se dar no ano seguinte. O juiz aceitou a seguinte analogia, utilizada como argumento por aqueles que estavam contra meu marido: embora qualquer um possa se candidatar a vereador, a idade mínima para a candidatura é 18 anos completos antes das eleições. Fernando e Levy Fidelix até recorreram da decisão, mas, às vésperas das eleições, perderam. Com isso, restava a ele pensar na campanha de 2002, para presidente, senador ou governador.

Nas nossas idas e vindas para os Estados Unidos, certa vez, em Miami, Fernando comentou comigo sobre uns documentos que incriminavam gente do PSDB, partido com o qual tinha uma relação que fora do amor ao ódio absoluto.

No início de sua carreira até se tornar presidente da República, ele era um grande admirador do PSDB e, especialmente, de Mario Covas (1930–2001). Sua simpatia pelo político era tanta que, ainda quando governador de Alagoas, na fase em que a candidatura à presidência era apenas uma ideia mal-acabada, ele me

disse:

– Quinha, se Mario Covas se candidatar, deixo de lado essa história de ser presidente e apoio a candidatura dele.

Foi uma das raras vezes em que o vi realmente entusiasmado em criar uma aproximação política. Mais tarde, ao se tornar ele mesmo presidente, meu marido manteve o apreço pelo PSDB e convidou Fernando Henrique Cardoso para ser seu ministro das Relações Exteriores. Foi aí que os problemas começaram. FHC não aceitou o convite. E o pior: quem o barrou foi justamente Mario Covas, o que feriu os brios de Fernando e maculou para sempre sua admiração pelo partido. Foi um verdadeiro baque para ele. Não bastasse isso, no *impeachment*, os tucanos fizeram a linha de frente contra Collor. José Serra até discursou em favor do afastamento.

Por tudo isso, Fernando, que tem um espírito bem vingativo, ficou animado com a possibilidade de dar o troco nos tucanos. A descoberta dos tais documentos, segundo ele, seria uma grande oportunidade para isso:

– Quinha, estamos prestes a pegar uns documentos quentes.

– Xi, Fernando, do que se trata?

– São papéis que comprovam que a nata do tucanato tem contas em paraísos fiscais.

– Como assim?

– Eu e Leopoldo conhecemos uns empresários brasileiros aqui nos Estados Unidos. Eles nos ofereceram esse material. O Fernando Henrique, o José Serra, o Sergio Motta e o Mario Covas estão no rolo.

– Fernando, isso é mesmo verdade? Estão lhe pedindo dinheiro por esses papéis?

– É, estão.

– Olha lá o que você vai fazer...

– Calma, Quinha, não somos loucos. Eu e Leopoldo vamos primeiro analisar tudo. Se for quente mesmo, compramos. E tem mais gente envolvida, mais gente que vai investir nisso. Olha, se for verdade, acabamos com eles. Estarão fritos!

Dias depois, voltamos a Maceió. Eu estava em casa, Fernando, não. Ele me ligou:

– Quinha, o Leopoldo está chegando aí. Receba-o, por favor, vamos falar sobre aquela história dos papéis que lhe contei em Miami.

Esperei por meu cunhado. Leopoldo sentou-se comigo na varanda da minha casa e contou, satisfeito:

– Rosane, agora eu acho que temos várias ferramentas. Estamos prontos para acabar com eles.

Leopoldo tinha estado em Nova York para formalizar a compra dos tais papéis, que, depois, ficaram conhecidos como Dossiê Cayman. Entre os documentos, havia uma carta endereçada ao então ministro da Saúde José Serra dizendo que ele, o também ministro Sergio Motta (Comunicações) e o governador de São Paulo Mario Covas eram sócios do presidente Fernando Henrique em uma empresa aberta nas Bahamas. No nome dessa companhia haveria uma conta bancária com 368 milhões de dólares. Havia também uma porção de papéis que mostravam movimentações de contas nas Ilhas Cayman. A

visita de Leopoldo à minha casa tinha um grande objetivo: apresentar os tais documentos a Fernando e pensar numa estratégia para divulgá-los por meio da imprensa.

A compra daquele material foi um erro sem fim. Assim que o tal dossiê chegou às mãos da imprensa, já se percebeu que a carta que seria a prova mais bombástica das acusações era falsa. Afinal, tratava José Serra como ministro, mas datava de uma época em que ele ainda não ocupava o cargo. Além disso, os papéis foram apresentados a um perito em grafia, que concluiu que as assinaturas tinham sido “coladas”. Ou seja, era tudo falso. A imprensa rapidamente noticiou que os nomes de Collor e Leopoldo, assim como o de Paulo Maluf, já estavam incluídos na lista de suspeitos de montar, comprar ou espalhar o dossiê.

Em 2003, Fernando e Leopoldo chegaram a ser indiciados por evasão de divisas por causa do episódio, mas nenhum dos dois foi condenado. Não me lembro de terem falado sobre números na minha frente, mas, pela imprensa, fiquei sabendo que os dois gastaram 2,2 milhões de dólares com a compra dos documentos, pagos por uma conta movimentada por Leopoldo nas Bahamas.

O dossiê acabou levando Leopoldo à bancarrota. Segundo ele, Fernando nunca o ressarcia. Depois que me separei, ele começou a me procurar. Eu gostava de Leopoldo, tinha carinho por ele e, nas primeiras vezes, atendi seus telefonemas. Só que ele queria que eu fizesse uma denúncia formal contra Fernando. Também tinha a intenção de me levar junto para as entrevistas que dava à imprensa falando do dossiê. Ele repetia:

– Por favor, Rosane, me ajude. Eu quero destruir o Fernando.

– Não falo. Eu não acho que esse é o caminho certo. Esqueça.

– Rosane, pare de ser burra, você tem que denunciá-lo.

– Leopoldo, eu não tenho condições de ficar falando sobre essas coisas com você. A cada vez que nos falamos, eu fico com mais ódio em meu coração. Eu estou em um trabalho espiritual, tenho ido muito à Igreja, tudo com o objetivo de tirar qualquer coisa ruim que tenha dentro de mim em relação a seu irmão. Quero que a justiça seja feita, sim. Mas esse não é o meu jeito de ser, e continuar falando com você está me fazendo muito mal. Pare.

Ele não parou. Amigos que temos em comum me contaram que, durante o enterro de um outro amigo, Georges Gazale, ele olhou para o defunto no caixão e disse que só sossegaria depois que visse o irmão naquele mesmo estado.

– No dia em que meu irmão morrer, eu vou dar uma festa. Mesmo que eu não tenha dinheiro, eu peço emprestado para poder comemorar.

Era muito ódio! Chegou a um ponto que eu acabei trocando de número de celular para que não me encontrasse mais. Eu estava em uma fase muito ruim, brigando com Fernando na Justiça, e aquilo estava começando a me fazer mal. “Quem vai acabar doente com isso tudo sou eu”, pensei.

Em 2013, Leopoldo morreu no Hospital do Câncer, em São Paulo. Ele havia se separado da mulher, e os filhos ficaram ao lado dela. Em uma das últimas vezes em que nos falamos, ele me disse que estava sozinho e em uma situação financeira muito difícil. Como tinha perdido tudo com o dossiê, vivia em um apartamento pago por uns poucos amigos que restavam. Eles também faziam

uma espécie de vaquinha para comprar comida e roupa ao mais velho dos irmãos Collor. Não posso afirmar se essa situação se manteve depois que deixei de falar com ele. Eu sempre tive carinho por ele, pela esposa e pelos filhos. Soube da morte pelos jornais. Acho até que alguém me ligou para contar, mas eu já tinha lido a notícia. Senti muita pena.

9. A máscara caiu

Depois de quase dois anos reestruturando a Organização Arnon de Mello, passei o posto para o filho de Fernando, Joaquim Pedro. Durante algum tempo, permaneci ao lado dele, numa espécie de transição. Depois que saí, meu cunhado, Vitorio, que era superintendente, ainda dava algum apoio ao rapaz. Nessa época, Arnon Affonso já morava em Maceió. Formado em economia pela Universidade de Chicago, o primogênito do casamento com Lilibeth fora eleito presidente do Centro Sportivo Alagoano, cargo que Fernando também exercera quando jovem, antes de se tornar prefeito da cidade. Ou seja, aos 23 anos, estava pronto, com toda a energia, para trilhar o caminho do pai. Eu, por outro lado, já tinha cansado do ir e vir. Afinal, dividia meu tempo entre São Paulo, onde Fernando estava fixado, e Maceió. Para cuidar da Organização, pelo menos a cada quinze dias eu tinha que fazer uma viagem. Era exaustivo!

Com a mudança definitiva para São Paulo, resolvemos comprar uma casa. Aquela onde morávamos até então era alugada. O problema é que não estávamos em uma situação financeira que nos permitisse adquirir outro imóvel com muita tranquilidade. Então, Fernando decidiu vender nossa residência em Miami. Fiquei muito triste logo de cara. Eu gostava daquele lugar, mas concordei. Era demais mesmo manter tantos endereços.

– Quinha, eu sei que você não vai gostar, mas, para comprarmos algo em São Paulo, precisamos vender a casa de Miami – Fernando anunciou certo dia.

– Ai, Fernando, eu não vou dizer que fico feliz. Você sabe como gosto de Miami, mas, se essa é uma condição para deixarmos de pagar aluguel aqui, eu concordo. Sem problemas.

– Que bom.

– Eu aceito vender a casa, mas tenho duas condições.

– Diga.

– Eu quero voltar uma vez para Miami, para me despedir.

– Sim, claro, sem problemas. E qual é a outra?

– Olha, Fernando, eu já estou com mais de 30 anos, nunca construí nada para mim, vivo à sua sombra. Eu gostaria que você me desse a metade do dinheiro que ganharmos com a venda da casa.

Eu estava começando a entrar numa crise existencial porque os meus 40 anos estavam se aproximando e, ao olhar para trás, eu só via o Fernando, sua carreira, seus planos, suas ambições. Nada do que eu vivera até então parecia ser exclusivamente meu. Eu não tinha construído nada, nadinha para mim. A minha vida toda, desde jovem, tinha sido acompanhar o meu marido. Eu queria tentar algo. Quem sabe um negócio próprio? Ainda estava em tempo de eu começar.

– Combinado. Metade do dinheiro vai para a sua conta. É seu.

– Verdade? Combinado? Posso confiar?

– Palavra minha.

– Ótimo. Mas, de qualquer forma, quero ir para lá para passar uns quinze ou vinte dias. Quero me despedir. Mesmo que você não possa ficar comigo todo esse tempo.

– Tudo bem. Eu não vejo problema nisso.

Passou algum tempo, não falamos mais no assunto. Até que o Fernando chegou em casa um dia e disse:

– Coloquei a casa à venda. E já tem algumas pessoas interessadas. Precisamos ir ao consulado assinar uma papelada para dar início às negociações.

Concordei. Não havia motivo para não concordar. Afinal, já tínhamos combinado que fariamos a venda. No consulado, porém, eu não li o que assinei. A vida inteira tive de assinar muito papel para o Fernando. E confesso que eu não lia tudo. Para mim, se ele lesse, estava tudo certo. Eu confiava no meu marido. Simples assim. Passados alguns dias, perguntei se o negócio estava dando certo. Eu queria organizar minha viagem. Fernando respondeu que tinha um esportista interessado e que, ao que tudo indicava, daria certo, sim.

– Olha lá, hein, não vai esquecer que eu quero ver a casa pela última vez..

– Tudo bem, tudo bem, Quinha.

Um dia, cheguei em casa e encontrei uma porção de caixas.

– O que é isso? – perguntei ao mordomo.

– São as coisas da senhora de Miami, dona Rosane.

Naquela hora, fiquei até meio zozza de tanta raiva. Fernando não estava em casa, então eu liguei para ele.

– Fernando, o que é isso? O que são estas caixas aqui?

– Calma, Quinha, calma que eu estou chegando aí e vou explicar tudo a você.

Quando ele chegou, eu estava ainda mais nervosa. Ele me pediu calma.

Pensei que ele tivesse esvaziado a casa para vender antes da minha despedida, mas não era bem assim. Era pior.

– Fernando, o que é isso? O que aconteceu em Miami que eu não sei?

– Não deu para esperar, Rosane.

– Não deu para esperar o quê, Fernando?

– Eu tive que vender.

– O quê? Como assim? Nós não tínhamos um acordo? Não estava tudo certo que eu ia para lá antes de você vender?

– Tínhamos, mas não deu para esperar. Foi uma urgência. Eu estava precisando do dinheiro.

– E por que você não me avisou? Por quê? Não deu tempo também?

– É, Quinha, foi tudo corrido. O Rony e a Fernanda fizeram um leilão às pressas. Vendi tudo. Só pedi que separassem as suas coisas, suas roupas e mandei enviarem para cá. É isso o que está nas caixas.

– Eu não acredito que você fez isso. Eu não acredito. Isso é uma traição! E as louças que eu gostava tanto? E os objetos de decoração?

– Foi tudo embora. Não tivemos tempo de separar.

– Eu não acredito! Eu não acredito! Meu Deus!

– Quinha, não exagere.

– Bom, e cadê o dinheiro? Cadê a parte que você falou que ia me dar?

– Eu já gastei. Eu precisei e gastei. Ponto.

A casa também estava no meu nome. Aliás, tratava-se do único bem que pertencia a nós dois no papel. Os outros todos estavam só no de Fernando. Por isso ele precisou da minha assinatura no consulado. Era a confirmação da venda e eu, inocente, não conferi o que estava assinando. Daquele dia em diante, nunca mais confiei em meu marido. Ali, a máscara dele caiu completamente. É verdade que, desde nossa crise durante a presidência, desde que ele não me apoiou quando sofri todas aquelas denúncias infundadas por causa de minha atuação na LBA, deixei de acreditar nele cem por cento, mas eu ainda o amava e, claro, queria acreditar. Com o tempo, fui recuperando a confiança e a admiração. Nosso período em Miami foi fundamental para isso. Viver a experiência de morar fora, de ter somente um ao outro, nos fortaleceu muito como casal. Agora sei que eu estava sendo ludibriada o tempo todo. Fernando só não tinha feito nada que me prejudicasse até então porque não precisou. Na primeira oportunidade, porém, passou a perna em mim sem grandes pudores, com a maior cara de pau. Dali para frente, passamos a brigar por tudo. Ele até tentou me consolar com presentes. Ganhei carro, joia, mas nada tirava de mim aquela sensação de traição que ficou depois daquela venda. Eu só pensava: “Meu Deus, estou com quase 40 anos. Logo mais esse homem não vai mais precisar de mim. O que ele será capaz de fazer?”

Até hoje eu não sei para que ele usou o dinheiro que conseguiu com a casa de Miami. Suas ganstanças eram famosas. Eu mesma vivia tendo que cortar suas asas. Dizem que ele ficou devendo meses de aluguel da Casa da Dinda para a mãe, dona Leda, quando era deputado. Não duvido. Ele gastava sem saber se tinha dinheiro para bancar e, depois, tinha que fazer essas maluquices para cobrir a conta. Um dia, nosso mordomo em São Paulo veio me chamar.

– Dona Rosane, preciso que a senhora venha ver urgente o que está acontecendo – ele disse.

– O que foi?

– Tem alguém na porta da casa fazendo um escândalo, uma baixaria.

– O quê?

– Tem um homem cobrando algo do doutor Fernando com um alto-falante.

– Oxente, como assim? Deixe-me ver.

Quando eu fui averiguar, era o pintor que tinha feito um serviço lá em casa cobrando seu pagamento. Passei a maior vergonha. Fernando mandou pintar a casa, mas não pagou. Dei o dinheiro para o sujeito ir embora logo, mas fiquei muito constrangida com aquilo. Muito. O pior é que, na mesma época, ele levou

o faqueiro para dar banho de prata. Como pode? Tem dinheiro para pagar o faqueiro, mas não tem para o pintor? Ele fazia coisas assim, sem o menor cabimento.

Um pouco antes disso, ainda morávamos em Miami e viemos ao Brasil resolver alguma coisa quando ele disse:

– Acho que vou precisar vender a casa da Barra de São Miguel – se referindo à casa de praia que era de Ledinha, para onde todos os irmãos costumavam ir, e que depois havíamos comprado.

– Oxente, mas por que, Fernando?

– Tenho que pagar uma conta de cartão de crédito.

– Cartão de crédito?! Uma casa para pagar a fatura do cartão de crédito?!

– É, cartão de crédito. Gastei demais.

Ele vendeu uma casa para pagar uma fatura de cartão! O pior de tudo é que ele fez negócio rapidamente e vendeu o imóvel com tudo dentro. Tinha várias coisas ali, objetos de decoração e móveis, por exemplo, de que eu gostava. Eu não queria me desfazer daquilo e nem tive a oportunidade de pegar.

Nessa época, demos início a um projeto em conjunto que há muito protelávamos: ter filhos. Essa era uma vontade antiga nossa, mas sempre havia algum impedimento. Logo que nos casamos, a barreira era minha pouca idade. Eu era jovem demais, ainda cursava faculdade, não estava na hora de ter um bebê para cuidar. Depois, quando Fernando tornou-se presidente, íamos tentar engravidar, mas surgiram os primeiros problemas com a LBA e logo a crise em nosso casamento. Em seguida, veio o baque do *impeachment* e não havia clima para a chegada de uma criança. Em Miami, até pensamos no assunto, mas ali nosso objetivo era curtir a vida, sem muito com o que nos preocupar. Quando voltamos ao Brasil, Fernando quis se candidatar à prefeitura de São Paulo, e, mais uma vez, nosso sonho foi adiado. Quando ele não pôde levar a candidatura para frente – ufa! –, concordamos que seria o momento ideal para finalmente eu engravidar. Fui, então, em busca de um tratamento com o doutor Roger Abdelmassih, especialista em reprodução assistida, porque o sonho de Fernando era ter gêmeas e nada melhor do que um tratamento em que você pode escolher logo o sexo dos bebês. No início, eu queria um casal, mas Fernando já tinha três meninos e eu acabei concordando com a ideia dele.

– Vamos fazer uma fábrica de mulheres. Vamos ter duas logo de uma vez – eu dizia, animada.

O doutor Roger era nosso amigo. Frequentávamos a casa dele, e ele, a nossa. Houve até um Natal em que assistimos a uma missa em sua casa antes de ir para a festa na residência de Patsy Scarpa (falecida em 2012, aos 82 anos), mãe do Chiquinho Scarpa, onde comemorei a data por três anos. Aliás, eu era amiga de toda a família Scarpa. Cheguei a passar um *réveillon* em Angra, no barco do Alcides Diniz, que era casado com Renata Scarpa, irmã de Chiquinho Scarpa. (Alcides também era irmão de Abílio Diniz, do Grupo Pão de Açúcar, e faleceu em 2006.) Enfim, éramos próximos de Roger. Tanto é que fiquei muito assustada quando vieram à tona as histórias de mulheres que dizem ter sido abusadas por Roger durante as consultas. Comigo, pelo que eu posso me recordar, nunca aconteceu nada. Mas é difícil ter certeza e entendo a angústia

das outras tantas mulheres que fizeram tratamento com ele, porque muitas vezes ficávamos sedadas e sozinhas na sua presença.

O fato é que eu engravidei de duas meninas, como tanto queríamos. Eu me sentia bem, não tinha grandes desconfortos, mas havia a orientação de não viajar nas primeiras semanas de gravidez, porque era tudo muito delicado. Só que houve uma ocasião em que o Fernando precisava ir a Maceió e, de lá, para Brasília, e queria minha companhia. Eu disse que não poderia ir, mas ele insistiu e resolveu ligar para o doutor Roger para pedir autorização. Eu acho que faltou pulso do médico, pois ele acabou me liberando e eu viajei. Era uma gravidez de três meses, mas como eu estava bem magrinha na época, já tinha até uma barriguinha saliente, bem bonitinha, aparecendo. Fernando vivia acariciando-a. Já estávamos até pensando em nomes. Eu gostava de Maria, Mariana e Letícia.

Passamos um dia em Maceió e seguimos para Brasília. Durante o voo, houve um problema, uma pane, se não me engano. Fiquei apavorada. Eu via a cara de medo nas outras pessoas e só conseguia pensar: “Deus, não me leve justo agora que estou para realizar meu desejo de ser mãe. Não me leve.” Fiquei muito nervosa. Todos tentaram me acalmar, mas não tinha jeito. O avião, então, pousou. Assim que desembarcamos, havia uma ambulância esperando, o que me deixou ainda mais temerosa. “A coisa foi pior do que eu achava”, pensei. Meu coração disparou novamente e eu percebi que havia algo de errado. Eu estava tendo um sangramento.

Fomos imediatamente para a Casa da Dinda. De lá, Fernando ligou para o doutor Roger.

– Caro, a Rosane está tendo um sangramento. O que eu faço?

– Como ela está agora?

– Está com medo. Deitou na cama.

– Bom, ela tem que fazer repouso absoluto. Tem que ficar deitada, com as pernas para cima e não pode sair para nada. Nada.

– Ok Faremos isso.

Eu fiquei dois dias sem sair da cama. E o sangramento cessou. Depois, o doutor Roger quis que eu viesse para São Paulo. Segundo ele, como se tratava de um procedimento muito específico, só seria possível me examinar, cuidar de mim e continuar o tratamento em sua clínica. O jeito era eu viajar novamente, o que me deixou muito apreensiva.

Não tive nada durante a viagem, mas, passados alguns dias, abortei naturalmente. Fiquei muito, muito triste, mas ainda tínhamos novas chances. Na segunda tentativa, eu não engravidei. Na terceira vez, comecei o tratamento e abandonei antes de implantar os embriões. Com o passar dos meses, embarquei em uma fase muito difícil. Meu relacionamento com Fernando estava novamente entrando em um buraco e eu, a cada dia que passava, perdia mais o ânimo nas coisas. Foi exatamente nessa época que tivemos o desentendimento por causa da venda da casa de Miami...

Certa noite, saímos para jantar com a Betty e o Gabriel Szafir, nossos grandes amigos em São Paulo, e alguns outros casais. Na volta do restaurante, resolvemos ir para a nossa casa tomar champanhe e jogar conversa fora. No meio do papo, o Gabriel levantou-se e deixou a sala. Passou um tempo e não

voltou.

– Betty, cadê o Gabriel? – perguntei.

– Ué, não sei. Ele saiu para ir ao banheiro, mas não voltou ainda. Que estranho.

– Vou olhar.

Saí da sala e fui até o lavabo. Abri a porta e nada do Gabriel. Olhei ao redor, fui até a cozinha e não o encontrei. Cismada, voltei ao lavabo, abri novamente a porta e, claro, não tinha ninguém ali. Eu já ia voltando para a sala para contar que não o havia encontrado quando tive um lampejo: “Vou olhar na adega”. A porta da adega era logo ao lado da porta do lavabo. Só que o toailete ficava no mesmo andar, e a adega, alguns degraus abaixo, numa espécie de porão que ajudava a manter os vinhos em uma boa temperatura. Ou seja, atrás da porta, havia uma escadinha. Quando eu a abri, vi o Gabriel estendido no chão da adega, desacordado. Provavelmente, ele havia entrado na adega pensando se tratar do lavabo, mas não viu os degraus. Imediatamente voltei à cozinha e mandei os empregados ligarem para o hospital. Em seguida, fui à sala e chamei discretamente um de nossos amigos ali presentes que eu sabia entender de primeiros socorros. Não chamei a Betty porque não queria assustá-la. Em pouco tempo, uma ambulância estava lá.

Por sorte, o Gabriel sobreviveu à queda, mas ficou dias internado. Diariamente eu ia visitá-lo.

– Credo, parece que a culpa pela queda foi sua! – Protestou Fernando certa vez, ao me ver sair para o hospital.

– De alguma maneira, foi, Fernando. E sua também. Aconteceu em nossa casa. Ele era nosso convidado. Eu me sinto responsável.

Aquele acidente foi pesado demais para mim. Eu vinha de uma temporada de dificuldades. Primeiro, o estresse de colocar a OAM em ordem, depois as viagens, as mudanças, o baque com a traição de Fernando na venda da casa de Miami, os abortos... A queda de Gabriel foi a gota d'água. Olhando para trás, eu vejo que, a partir daquele dia, eu me entreguei à depressão. Entrei num estado no qual eu nunca, na vida, teria me imaginado. Eu sempre via os outros deprimidos e não conseguia entender de onde vinha aquilo. Para mim, não existia depressão de verdade. Eu achava que era falta do que fazer, corpo mole, frescura, faniquito, não uma doença. E, mesmo assim, tentava ajudar. Foi o que fiz com Fernando todas as vezes em que ele se deprimiu. Foi necessário eu sentir na pele o que é a depressão para finalmente comprovar sua existência.

Naquele estado, portanto, eu não tinha a menor vontade de engravidar. O Fernando tentava me empurrar para ir às consultas, para dar sequência ao tratamento, mas eu não encontrava a menor disposição. Eu já tinha perdido minhas meninas... Além do mais, o tratamento era invasivo e muito, muito incômodo. Era uma bomba hormonal que me deixava inchada, enjoada e absolutamente triste. Tudo o que eu queria era dormir e jogar gamão na internet. Cheguei a ser um dos 32 melhores praticantes do jogo no mundo todo. Em alguns campeonatos virtuais, eu ficava em quarto ou terceiro lugar. Troquei a noite pelo dia, porque a maioria dos meus adversários morava na Europa e as partidas eram de madrugada. Quando acordava, já no meio da tarde, não queria nem

tirar o pijama. E olha que cresci tomando dois ou três banhos por dia! Apesar de tudo, eu não me dava conta do que estava acontecendo. Foi Betty Szafir quem me alertou:

– Rô, querida, você está deprimida – ela disse.

– Deprimida, eu? Imagina. Não estou nada. Estou só um pouco triste e desanimada.

– Rô, admita, vai ser mais fácil. Vamos procurar ajuda.

E eu não admitia. Um médico, com o qual nós duas fomos nos consultar para emagrecer os quilinhos que eu havia ganhado durante as tentativas de engravidar, me avisou que eu estava no início de uma crise de depressão, mas eu não acreditei. Achei que o profissional estivesse exagerando. Ele chegou a sugerir que eu tomasse um antidepressivo, mas eu não quis. Eu estava ali para emagrecer, pois eu me achava muito gorda. Eu olhava no espelho e só conseguia enxergar pneus, gordura e uma figura feia. Por causa disso, deixei de comer. E emagreci demais.

– Janja, você está passando dos limites. Pode parar de fazer dieta – minha irmã dizia quando vinha me visitar.

– Que nada! Estou é gorda demais. Esses tratamentos acabaram comigo. Preciso perder peso – eu respondia. E seguia sem comer.

– Gorda?! Eu estou vendo seus ossinhos, minha irmã!

Eu estava nessa situação quando Fernando entrou na campanha para governador de Alagoas. Seu adversário era Ronaldo Lessa, que tentava a reeleição. Foi uma campanha suja. Os dois trocaram ofensas o tempo todo. Lessa andava pela rua com um caixão, como se Fernando estivesse dentro. Eu implorava:

– Não revide, Fernando, não revide. Não baixe o nível. É a sua volta para a política. Tem que ser bonito, não pode ser sujo como ele quer.

Isso era o máximo que eu podia fazer por ele. Eu não conseguia acompanhá-lo nos compromissos de campanha como antes, não conseguia sair, não conseguia nada. Além da depressão e da situação em que nosso relacionamento estava, eu sofria com uma hérnia de disco. Passar horas dentro de um carro em campanha era terrível para mim. Eu tinha que tomar injeções e todo tipo de remédio para aguentar a dor. E também não tinha mais vontade de dar tanto apoio a ele. Fernando reclamava, mas não movia uma palha sequer para me ajudar. Às vezes, chamava minha irmã e dizia para ela fazer alguma coisa para eu me levantar porque ele não estava mais me aguentando.

Mais algumas semanas se passaram e as eleições se aproximavam. Estávamos em São Paulo, Fernando tinha um compromisso em Maceió e pediu que eu fosse junto. Eu continuava sem vontade de sair de casa, mas pensei que seria uma boa visitar meus parentes em Maceió. Eu estava com saudades.

No dia da viagem, me arrumei toda para sair. Quando comecei a descer as escadas de casa para ir embora, parei.

– Eu não vou mais – eu disse.

– Como assim não vai mais? – Fernando perguntou.

– Não vou. Eu não estou me sentindo bem. Estou passando mal.

– Pare com essas coisas, Rosane. Você vai, sim. Vamos, vamos.

Fernando foi me conduzindo até o carro. No meio do caminho, o trânsito parou, como é de costume em São Paulo. Eu comecei a ficar nervosa, a suar frio. A impressão era de que eu ia morrer sufocada. Carros vinham de todos os lados e eu me sentia presa naquele congestionamento.

– Meu Deus do céu, meu Deus do céu! Ligue o ar-condicionado! Está muito quente aqui! – Eu pedia, irritada, afobada, apavorada.

Fazia frio, mas eu sentia muito calor. Tirei o casaco, tirei a echarpe, mas nada resolvia. Quando chegamos ao aeroporto, não quis descer do carro. Minhas pernas tremiam e eu continuava com muito, muito calor. Além disso, eu sentia medo de descer, medo das pessoas à nossa volta. Não havia nada de especial no aeroporto, o fluxo de pessoas estava normal, mas, para mim, era uma multidão vindo ao meu encontro. Fernando me deixou em um dos carros com o motorista, o segurança e a Aninha, a empregada que viajava comigo, e foi ele mesmo despachar as malas.

– Acalme-se, dona Rosane, está tudo bem. A senhora não é assim, está muito nervosa – dizia Aninha.

– É muita gente, tem muita gente aqui! Eu estou com medo. É muita confusão! – Eu respondia.

– Está tudo bem, tente relaxar.

Não sei como, mas Fernando conseguiu que eu embarcasse naquele dia. Durante o voo, eu fui pedindo para Deus me acompanhar. Era a única forma que encontrava para me acalmar. Quando desci do avião, meu motorista de Maceió veio nos pegar. Tempos depois, ele confessou que, naquele momento, demorou para me reconhecer de tão magra e abatida que eu estava:

– Chegava a dar pena da senhora.

Ele acabou perdendo a eleição. Um tempo depois, foi convidado a participar do programa de TV da Luciana Gimenez, o Super Pop. Eu e Betty Szafir fomos acompanhá-lo e ficamos na plateia. O programa era ao vivo, mas gravaram uma fita para nós. No dia seguinte, ao assistir à gravação, tomei um susto. Eu realmente estava magra demais, parecia uma caveira. No meu rosto, os olhos e a boca estavam enormes. Eu não tinha bochecha, nada. Só que, até então, eu não havia percebido. Eu, que sempre vesti manequim 38 ou 40, estava usando 36 com folga, mas não tinha notado minha magreza. Foi aí que eu assumi para mim mesma a depressão. Chorei muito ao ver aquelas imagens. Eu não queria estar daquele jeito. Eu estava doente e aquilo era triste demais. Chamei Fernando para uma conversa, contei como me sentia e falei do susto que tomei ao ver a minha imagem.

– Fernando, você não percebeu que eu estava assim?

– Percebi.

– Fernando, por que você não fez nada? Eu preciso de ajuda.

– Rosane, sempre foi você quem me ajudou. Eu mal consigo ajudar a mim mesmo. Como é que vou poder lhe ajudar?

– Você é um monstro, um monstro! Como? Você mesmo está dizendo que eu te ajudei a vida toda e agora diz que não pode fazer a mesma coisa por mim? Que tipo de homem é você, Fernando? Com quem eu me casei?

Aquilo foi um terror para mim. Se havia restado algum fio de esperança em

Fernando, naquele momento eu tive a certeza de que aquele não era o homem com quem eu achei que tivesse casado. Ele só foi um bom marido quando eu estava bem, por cima. Sempre que eu precisei de ajuda, ele negou. Eu é que resisti em perceber. Foi assim quando sofri todas as acusações durante minha gestão na LBA, e estava sendo assim naquele momento tão delicado.

Eu me vi, então, obrigada a procurar, sozinha, forças para me reerguer. Decidi acabar com os jogos na internet, com aquela história de trocar a noite pelo dia e resolvi recuperar uma vida normal. Voltei a comer, a frequentar a academia, a comprar roupas para mim e a sair com minhas amigas. Claro que nada se comparava à vida movimentada que um dia eu levava, mas já estava bom. Às vezes, eu ia tomar um sorvete com uma colega, outro dia, um chocolate com a outra, aí convidava alguém para ir ao *shopping* comigo... Aos poucos, ganhei peso novamente e um ar mais saudável, também. Fui me reerguendo com vontade própria, sem a ajuda de ninguém.

Foi nessa fase que ficou mais forte em mim um ranço que eu vinha criando há anos a alguns hábitos de Fernando. Entre eles, seu envolvimento com magia negra. Desde que nos casamos, eu o acompanhava em alguns rituais e práticas, mas no começo sem empolgação. Quando fomos para Miami, nos afastamos dos pais e mães de santo que ele consultava e isso foi um alívio. A distância dos terreiros me fez bem e abriu espaço para que eu procurasse outras formas de fé. Apesar da minha criação católica, eu estava muito decepcionada com os padres. O tempo pós-*impeachment* fora decisivo para isso.

Passei minha vida inteira indo à missa com meus pais. Só não casei na igreja porque era o segundo casamento de Fernando, o que, aliás, foi uma grande decepção para minha família. Durante a presidência, fazíamos questão de realizar uma missa a cada domingo no Palácio da Alvorada. Tinha um padre que fazia essas celebrações e também vivia nos bajulando. Além dele, havia outros que adoravam nos cortejar. Quando Fernando foi afastado, marquei uma hora com o padre e o sujeito nunca apareceu. Nem ele, nem ninguém. Justo na hora em que mais precisávamos de conforto, de palavras de Deus para nos acalmar. Ora, que padres são esses? Que igreja é essa que só conforta quando tudo está bem? Foi uma decepção muito grande para mim.

Depois do *impeachment*, dediquei-me à leitura de livros espíritas. Eu estava em busca de algo novo. Durante uma viagem à Índia, fiquei encantada com o budismo, mas logo compreendi que se tratava de mais do que religião. Budismo é filosofia de vida. Quando fomos morar em Miami, deixei de frequentar terreiros. Ainda cheguei a colocar Fernando em contato com um pai de santo durante sua segunda campanha para governador, mas foi algo pontual. Depois de viver todas aquelas desilusões com meu marido, concluí que não valia mais a pena seguir o que não combinava comigo só para fazer as vontades dele. E decretei:

– Fernando, chega disso. Eu não quero ter mais nada com essas coisas. Eu quero ter com Deus. Eu quero depender apenas de Deus. Esses pais e mães de santo sempre querem mais. Os trabalhos deles parecem não ter fim.

– Nossa, Rosane, mas por quê?

– Não quero. Não gosto, nunca gostei, quero isso longe de mim. Se você quiser continuar, continue, mas não nas nossas casas.

10. A Maldição do Impeachment

Em 12 de outubro de 1992, um helicóptero que fazia um voo entre São Paulo e Angra dos Reis (RJ) caiu e desapareceu no mar. Dentro dele estavam o deputado Ulysses Guimarães e sua mulher, além de outros passageiros e, claro, o piloto. Apesar de todas as buscas, o seu corpo nunca foi encontrado.

– Você vê, ele fez mal para mim e recebeu de volta – disse-me Fernando ao saber da tragédia.

Era a primeira manifestação do que ficou conhecido como “a maldição do *impeachment*”, uma série de mortes estranhas e trágicas de pessoas ligadas a Fernando ou ao seu afastamento da presidência. Além do deputado Ulysses, também Pedro Collor, PC Farias e sua mulher, Elma, supostamente haviam sido atingidos por tal maldição. Todos eles morreram poucos anos depois do *impeachment*. Todos vítimas de magia negra? Eu não sei quem espalhou esse boato, só sei que ele faz algum sentido. E vou explicar o motivo.

Ao longo de todo o tempo em que estivemos casados, Fernando se dedicou a rituais de magia negra. Eu nunca tinha tido muito contato com esse tipo de coisa até casar. A minha única experiência fora uma visita a um terreiro de umbanda com uma tia, durante a adolescência. Voltei de lá muito assustada. Aqueles tambores, aquelas pessoas incorporando espíritos, as mulheres rodando saias volumosas, era tudo demais para mim. Nasci em berço cristão e fui criada segundo a religião católica, não estava acostumada com aquilo. Tive medo e decidi não voltar.

Quando casei, porém, meu marido começou a dizer que esse tipo de coisa era positivo, que trazia o bem para nós. Eu, apaixonada, acreditei. Nas primeiras vezes, só tomei passe, uma espécie de bênção dada por alguém que incorpora um espírito. Fomos a um pai de santo que bebeu umas coisas esquisitas, disse algumas palavras e determinou um dia que não tivéssemos “contato”, ou seja, não poderíamos ter relações sexuais. Fomos proibidos, também, de comer carne por um dia. Eu segui as orientações.

Durante a campanha de Fernando para governador, um deputado me apresentou a uma mulher chamada Mãe Cecília, a mãe de santo mais conhecida de Alagoas, que trabalhava para vários políticos e queria ser apresentada ao

candidato. Eu fui até lá, conversamos e ela me disse que o próximo governador do Estado seria Collor. Combinamos que eu a levaria ao encontro de meu marido. Ele simpatizou com aquela mulher e passamos a frequentar seu terreiro, em Arapiraca, a 127 quilômetros de Maceió. Lá, tínhamos de vestir branco e participar dos rituais em que matavam animais. No começo eram só galinhas, mas, mesmo assim, eu ficava incomodada. Eu não gostava da matança e sempre tive aversão a sangue. O objetivo de tudo era sempre pedir proteção – para Fernando ganhar as eleições, para os inimigos serem barrados, para que nada o atrapalhasse e, sobretudo, para que todo o mal que desejassem a ele voltasse com a mesma intensidade à sua origem, àquele que o amaldiçoou.

Vamos ao terreiro mais ou menos uma vez por mês, mas, sempre que queria algo, Fernando ligava para a mãe de santo e ela dizia o que precisava ser feito para atingir seus objetivos. Dali até a eleição para a presidência, Fernando não vivia sem as orientações daquela mulher. Usava até as cores de roupa escolhidas por ela. No dia da posse, por exemplo, ele subiu a rampa do Palácio do Planalto vestindo branco por determinação dela. A Mãe Cecília também passou a frequentar o Palácio, aonde ia para receber as entidades (os espíritos) que falavam com o presidente. Anos depois, em uma entrevista, ela contou que, aos poucos, os santos foram se acostumando com o bom e o melhor. Só queriam champanhe e uísque importado e faziam questão de fumar charuto cubano. Fernando bancava tudo isso, para que os trabalhos espirituais tivessem efeito.

Ainda durante seu governo em Alagoas, Fernando pediu que ela fizesse um trabalho para garantir sua ascensão política. Mãe Cecília disse que, para isso, precisou cometer um autossacrifício. Em uma noite de lua cheia, degolou seis animais, passou a lâmina da faca em sua mão esquerda e deixou o sangue verter em um vaso de barro. Já na campanha presidencial, quando Silvio Santos avançou nas pesquisas, a mãe de santo percebeu que aquilo seria uma ameaça importante a seu afilhado na corrida pelo Planalto. Marcos Antonio (filho de Marcos Coimbra, cunhado de Fernando), do instituto Vox Populi, fez avaliação semelhante, só que embasada em pesquisas. Meu marido pediu pra mãe de santo que empregasse todos os meios para barrar seu adversário. Em uma entrevista à revista Época, concedida anos depois, Cecília disse que, para atender ao pedido de Fernando, fez um trabalho que consistia em colocar uma espécie de amuleto, que eles chamam de azogue, dentro da boca de sete defuntos recém-enterrados no cemitério. Não posso dizer que foi por isso, mas, de fato, conforme já contei anteriormente, a candidatura do apresentador acabou impugnada pela Justiça Eleitoral. Silvio Santos saiu do páreo e Fernando voltou a ficar livre para crescer nas pesquisas.

Essa cena trágica nem foi a pior que aconteceu. Tem coisa muito, muito mais pavorosa. Cecília me contou que, certa vez, fez um trabalho para Fernando envolvendo fetos humanos. Ela pegou filhas de santo grávidas, fez com que abortassem e sacrificou os fetos para dar às entidades. Uma coisa terrível, da qual ela obviamente se arrepende. Quando eu soube disso, chorei copiosamente. Eu não fazia ideia de que ele fosse capaz de tamanha atrocidade. Ele não participava pessoalmente desses rituais mais pesados, mas nada disso acontecia sem o seu consentimento. Caso contrário, não teriam efeito. Além disso,

precisava pagar a mais por eles. Quando ele encomendava alguma coisa, os pais e mães de santo explicavam de quais “materiais” iriam precisar, e quanto custaria. Isso envolvia a matança de búfalos, macacos, bodes e daí para baixo. Quanto maior o animal, mais caro ficava. Muitas vezes, Fernando pagava os trabalhos em dólar. Ele gastava muito, muito mesmo com aquelas práticas. Depois os pais de santo ligavam para ele e contavam como tinha sido. Por isso, quem garante que os animais eram realmente sacrificados? Quem garante que alguns desses pais de santo não eram apenas aproveitadores, que estavam ali usufruindo do dinheiro de meu marido?

Dos rituais mais simples, porém, ele participava com muita convicção e disciplina. Boa parte deles era feita na Casa da Dinda mesmo, ao lado da piscina ou no porão. Ali, eu nunca vi matarem bicho grande. Só galinha e, no máximo, um bode. Quando tudo acabava, ficava uma sujeira danada, com sangue espalhado e tudo mais. Ainda bem que meus empregados não reclamavam de limpar! Outras bruxarias aconteciam também em uma casa desocupada que o Paulo Octávio tinha em Brasília, não muito longe da Casa da Dinda. Eu também ia a esses trabalhos, mas quando começava a matança, eu ia embora. Era demais para mim.

Certa vez, já depois do *impeachment*, o Fernando passou uma noite dormindo no porão da Dinda, onde havia cômodos para os hóspedes. Ele ficou em um daqueles quartos fazendo “a cabeça para o santo”, como eles dizem, que significa se doar para uma entidade. Em geral, as pessoas raspam a cabeça para isso. Como era presidente, isso chamaria muita atenção. Por isso, ele não raspou, apenas ficou ali, recolhido, dormindo sobre uma esteira. Ele realmente acreditava naquilo. Fernando é um homem muito supersticioso. Tem uma imagem da Nossa Senhora que está sempre na cabeceira dele, junto com o terço. Ele também tem amuletos que leva consigo e adora qualquer tipo de mandinga. Durante um tempo ele visitou uma monja budista que a Claudia Raia apresentou a ele. Eu lembro que ele ficava repetindo um mantra o dia inteiro. Eram sempre as mesmas palavras.

Uns meses depois de ser eleito presidente, Fernando perdeu a confiança nos trabalhos da Mãe Cecília. Ele dizia que não estavam mais funcionando e parou de consultá-la. Aí vieram outros pais de santo. Primeiro, um de São Paulo. Depois, um de Recife.

Quando eu pedi para nos afastarmos dessas práticas, depois que voltamos de Miami, Fernando respeitou minha vontade, mas esses homens, não. Eu recebia ameaças por telefone. Eles diziam que eu tomaria um grande tombo, que minha queda acabaria comigo. Tudo porque eles sabiam que, ao me afastar daqueles terreiros, daquelas coisas todas, Fernando estaria se afastando também. Afinal, eu estava reduzindo a fonte de recursos deles. O pernambucano chegou a dizer publicamente que tinha feito um trabalho contra mim, para me separar de Fernando. Se fez mesmo, eu não sei. Se eu “cai”, como eles diziam, por causa disso, eu não sei. Mas quem pode dizer que foi pior para mim, quem?

O mais interessante é que, tanto eu como a mãe de santo com quem sempre falei, aceitamos Jesus e nos afastamos completamente da magia negra, fomos poupadas. Nós nos tornamos evangélicas e fomos as únicas que escapamos da tal

“maldição do *impeachment*”. Hoje ela tem sua própria igreja e dá testemunhos belíssimos contando como foi salva daquela fase negra de sua vida, e como encontrou o caminho do bem. Ela conta, por exemplo, que certa vez violou um cadáver para raspar os seus ossos para um trabalho. Mas não conseguia, de jeito nenhum, tirar o pó dos ossos de que precisava. Acabou devolvendo os restos mortais ao cemitério, e ouviu uma voz dizendo que naquele corpo ela não mexeria, porque tratava-se de um crente. Ela compreendeu que era a voz de Deus, fazendo-lhe uma advertência. Foi assim que ela se converteu. E já não atende mais por Mãe Cecília, mas por seu nome de batismo, Maria Cecília da Silva. Somos amigas até hoje.

II. Salva por Jesus

Devo muito do que sou à minha mãe. Ela foi a grande mulher em quem me espelhei a vida toda. Rosita era forte, determinada, uma pessoa que enfrentava os problemas de peito aberto. Ela era o esteio do meu pai – e o meu também. Vivia ao lado dele em qualquer situação e contribuiu muito para a carreira política do marido. Cheia de personalidade, ela enchia o ambiente quando aparecia. Em Canapi, tinha uma legião de seguidores, pessoas que admiravam a mulher que era, que sabiam que com ela podiam contar nas horas mais difíceis. Vou sempre lembrar dela como uma mulher forte e guerreira e que ajudava muito as pessoas. Ao longo de sua vida, trouxe várias meninas para morar em casa. Era uma espécie de adoção informal. No interior de Alagoas, é muito comum que famílias muito, muito pobres permitam que seus filhos morem com outras pessoas mais ricas para ter uma vida melhor. Era o que minha mãe fazia com essas meninas. Ela as criava como filhas e só permitia que saíssem de sua casa depois de casar. Nessa ocasião, ela organizava a festa e dava a elas uma casa para morar com o marido. Minha mãe não viveu até que Branquinha, a última delas, se casasse. Mas nós, os filhos legítimos, fizemos questão de fazer a vontade de Rosita e demos a ela um terreno.

Essa fortaleza toda se refletiu na educação que eu recebi. Mamãe sabia ser dura quando precisava e doce em todas as outras horas. Quando criança, apanhei muito. Eu era bem danadinha! Não me lembro, porém, de ter sido injustiçada. Ao mesmo tempo, ela continuou nos dando carinho até adultos. Quando envelheceram, ela e meu pai se mudaram para Maceió. Eram meus vizinhos. Eu adorava visitá-los para deitar na sua cama e comer os bolinhos que minha mãe fazia. Com mamãe aprendi a ser grata ao que a vida nos dá, a não ter medo de encarar os tempos difíceis, a ser uma esposa companheira, a lavar roupa suja apenas em casa, a respeitar as refeições, a fazer doces e a amar o próximo acima de tudo.

Lembro-me muito de todos os momentos divertidos que tivemos na vida, sobretudo daqueles depois que fiquei adulta. Ah, como foi gostoso tê-la comigo nas visitas em que me fez quando eu morava em Miami! Imagine: fomos juntas à Disney. Mamãe era apaixonada por Julio Iglesias e Roberto Carlos. Ficava

emocionada ao ouvir as suas canções e sabia quase todas as letras. No período em que eu morava em São Paulo, soube que Roberto Carlos iria se apresentar em Maceió. Não hesitei e comprei ingressos para nós duas. Foi a maior curtição. Em homenagem ao cantor, que só usa as cores azul e branca, ela escolheu um vestidoinho azul-clarinho para colocar naquela noite. Voltamos muito felizes do passeio: o cantor até jogou, do palco, uma flor para minha mãe.

Anos depois do *show*, já em São Paulo, eu tive um sonho. Nele, eu estava com minha mãe, que vestia o mesmo vestido azul-claro. Também aparecia o carro que eu tinha ganhado de Fernando no meu aniversário, um Mercedes. Em seguida, abria-se um abismo aos nossos pés. O carro estava lá embaixo.

– Mamãe, veja só, um abismo! O meu carro caiu no abismo! – Eu gritava.

O veículo estava completamente destruído e eu tentava contar isso à minha mãe. Em seguida, eu percebi que, embora o Mercedes estivesse destruído, eu estava dentro dele.

– Como eu estou aqui, mamãe, se nada sobrou do carro?

– Não, minha filha, não aconteceu nada com o carro, tenha calma – minha mãe respondia.

– Aconteceu, sim, mamãe. Deu perda total no meu carro. O Fernando vai ficar louco comigo. O que eu vou fazer?

E então eu olhava à minha volta e me perguntava:

– Mas... como eu consegui fazer isso se eu nem dirijo em São Paulo? Eu não estou entendendo o que aconteceu aqui... Vamos, mamãe, vamos logo. Eu tenho que tirar esse carro daqui depressa.

Na imagem seguinte, eu e minha mãe estávamos sentadas dentro do carro e eu tinha pressa.

– Vamos logo. Temos que chegar em casa porque o Roberto Carlos está nos esperando para o *show*. Eu não quero chegar atrasada.

E, então, chegávamos à minha casa e lá estava Roberto Carlos nos esperando.

Assim eu sonhei. Na manhã seguinte, um sábado, acordei com uma sensação muito esquisita.

– Fernando, eu tive um sonho muito estranho com minha mãe.

– O que foi, Rosane?

– Ai, eu não sei nem contar direito, mas estou com uma sensação ruim.

– Não me venha dizer que são aquelas coisas de novo. Você não está se deprimindo novamente, hein, Quinha?

– Não, não. Estou com uma dor no peito, meu coração está apertado e eu não consigo parar de pensar em minha mãe.

– Mas o que foi que você sonhou?

E então contei a ele, que não deu muita bola, mas sugeriu que eu ligasse à minha mãe para saber como ela estava. Pensei em telefonar algumas vezes, mas eu me sentia tão esquisita que não tinha coragem de pegar no aparelho.

Naquele dia, tínhamos duas festas: uma durante o dia, e outra, à noite. Eu disse para Fernando ir sozinho à primeira porque eu não estava me sentindo bem o suficiente para sair de casa. Como de costume, ele se recusou a sair sem minha companhia. E eu passei o dia toda angustiada.

– Mas à noite nós vamos, não é? – Cobrou-me.

– Sim, sim. À noite vamos.

No fim do dia, eu subi para o meu quarto, tomei um banho, recebi a cabeleireira que foi até minha casa para arrumar meu cabelo e fiquei pronta bem antes do horário combinado para sairmos.

– Que bom vê-la animada! – Disse Fernando, ao me ver arrumada.

– Pois é, Fernando, mas eu continuo estranha, meu coração ainda está apertado. Não consigo parar de pensar na minha mãe. Eu só vou porque dei minha palavra a você que eu iria.

– Calma, Rosane, deve ser seu problema da depressão que ainda não se resolveu muito bem.

– Não. É diferente. É uma sensação muito estranha essa que estou sentindo.

Ainda estávamos em casa quando o telefone tocou. Fernando atendeu.

– Quinha, era de Maceió, era Vitorio – ele disse assim que desligou.

– Sua mãe não passou muito bem hoje e foi levada para o hospital. Parece que ela vai precisar ficar internada.

– Meu Deus! Eu sabia, eu sabia. Mas o que ela tem?

– Vitorio não deu detalhes. Acho que eles nem sabem ainda. Só querem que a gente vá para lá.

– Claro, claro. Eu não suportaria ficar longe dela em uma hora dessas.

Quando chegamos a Maceió, soubemos o que havia acontecido: ao descer as escadas de sua casa, mamãe sofreu um infarto, foi socorrida e internada na Unidade de Terapia Intensiva do Hospital Memorial Arthur Ramos já sem consciência. Eu não tive coragem de vê-la. Durante toda a semana que ela passou ali, não consegui reunir forças para vê-la em uma cama, entubada, sem abrir os olhos. Apesar disso, diariamente, eu ia com minha irmã ao hospital, conversávamos com os médicos e ficávamos ali, de vigília. Fernando foi solidário. Chamou os melhores profissionais para avaliar os exames da sogra e chegou a cogitar a possibilidade de levá-la a São Paulo. Eu estava tão assustada que não conseguia ver o lado bom dessas ações. Acusei-o de ser pessimista, de não ter fé na recuperação de mamãe. Mas a verdade é que, naquele momento, ele fez o que pôde. Infelizmente, não estava ao alcance dele salvá-la. Eu é que não tinha condições de encarar a realidade. Estava totalmente obcecada pela ideia de ver minha mãe sair bem daquele hospital. Se alguém, mesmo um médico, dizia a mim que ela tinha poucas chances de sobreviver, eu virava a cara, deixava de ouvir a conversa e desmerecia a pessoa.

Ao final de uma semana internada, minha mãe faleceu. Quando cheguei ao hospital, Rosania veio me receber.

– Janja, você não a viu todos esses dias. Acho melhor você vê-la agora, antes de levarem o corpo para o cemitério. Se lhe conheço bem, duvido que você terá coração para vê-la no velório.

– Está bem, vou vê-la aqui, na pedra do necrotério.

Fernando foi comigo, mas eu não aguentei. Desmaiei antes de me despedir de mamãe. A última imagem que eu tenho dela é aquela do sonho, vestida com a roupa do *show* de Roberto Carlos. Aquele sonho que eu tive foi um aviso, uma despedida. Mamãe veio se despedir de mim antes de morrer.

Para a missa de sétimo dia, minha irmã preparou uns santinhos com uma oração no verso e um retrato de minha mãe na frente. Quando eu recebi o papel, vi que a fotografia escolhida por Rosania havia sido tirada no dia do *show*. É assim que lembro e sempre lembrarei dela: feliz, animada e arrumada para passear.

Naquele 2 de maio de 2004, não foi só minha mãe que morreu. Eu morri um pouco também. Perdê-la já teria sido terrível em uma situação normal, em que eu estivesse estável emocionalmente. Mas perder minha mãe em uma fase da vida em que eu me recuperava a duras penas de uma crise profunda de depressão... aquilo era demais para mim. Eu perdi meu chão, voltei a me deprimir. E dessa vez, com ainda mais força. Eu mal sabia quem eu era, não tinha vontade de levantar da cama, de comer, de viver. Para completar o quadro de desgraça, continuei sem encontrar apoio em meu marido. Fernando não conseguia me ajudar, ele não tinha capacidade e nem vontade. Ele sempre soube da importância que minha mãe tinha para mim e, mesmo assim, não fez nada para acalmar minha dor. Eu sei que, por ter uma relação complicada com a própria família, ele não entendia esse amor que eu sentia por meus pais e irmãos. Ainda assim, acho que o mínimo que poderia fazer seria me respeitar e acolher a minha dor. Em vez disso, ele fazia o contrário. Pedia que eu reagisse e exigia que eu fosse a Rosane de antigamente.

– Isso está impossível. Sua mãe já morreu, não tem mais jeito, você tem de se levantar – dizia ele sem o menor sinal de compaixão.

– Olha, Fernando, se você não sofreu com a morte da sua mãe, é problema seu. Eu estou sofrendo com a perda da minha. Respeite meu luto!

– Você não é mais como antes. Eu não tenho mais companhia, tenho que sair sozinho. Assim não dá.

Ele, então, chamou minha irmã para resolver o problema. Só que ela também estava muito triste com aquilo tudo. Quando nos víamos, era um chororô só. A diferença entre mim e Nana é que ela tinha uma família para apoiá-la. Meu cunhado deu todo o ombro que ela precisou. E havia ainda meus sobrinhos. Filhos são sempre a melhor razão para uma mãe manter-se sã. Eu só tinha Fernando. Ou melhor, não tinha nem Fernando. Então ele chamou uma amiga da família, Carmelita, que era muito religiosa, muito espiritualizada. Ela me deu algum conforto. Foi até meu quarto, conversou comigo e conseguiu me tirar da cama um pouco. Mas ainda demoraria bastante para que eu sáisse daquele período sombrio.

Mais ou menos uma semana depois da morte da minha mãe, Fernando tinha um compromisso fora da cidade e quis minha companhia. Alguém ia lançar um livro que fazia referências a ele, se não estou enganada.

– Não vou. Estou mal.

– Vamos, Rosane, vamos, você precisa sair daqui e eu preciso de você ao meu lado.

– Não vou. Não estou bem e não sei se quero sair com você.

– Como não? Vamos, não há mais o que fazer, sua mãe morreu, mas a vida continua.

Não fui. E, daquele dia em diante, minha raiva só aumentou. Como uma

pessoa pode ser tão fria assim? Como? Como ele não era capaz de compreender meu sofrimento? Eu não conseguia mais ver nada de bom em Fernando. Eu não queria mais encostar nele. Eu tinha ódio. Pedi que ele fosse dormir em outro quarto. Ele foi, mas só por alguns dias. Acabou voltando porque não conseguíamos dormir separados. Era um hábito.

Foi nessa época que eu comecei a frequentar de verdade uma igreja evangélica, a convite de meus amigos Francisco Hélio Jatobá e sua mulher, Carmina ou “Tutu”, de Rosângela Simões e de Liége Peres. Três vezes por semana, fosse em São Paulo ou em Maceió, onde eu estava passando períodos mais longos, eu ia ao culto no templo El Shaddai. Em casa, eu me dedicava à leitura da Bíblia. Ali eu encontrava o apoio e o conforto que não tinha dentro do meu lar. Nas palavras do Senhor, na convivência com meu primeiro pastor, Mucio, e com os irmãos da igreja, eu fui encontrando forças para sair da depressão.

Comecei a falar em separação com Fernando. Ele negava minha proposta e dizia para eu repensar, para eu me acalmar e repensar. Só que eu estava decidida. Como não encontrava eco em mim para sua ideia de refazer nosso relacionamento, Fernando chamava minha irmã para ser mediadora de nossa crise. Vira e mexe eles conversavam. Ele pedia para Rosania interceder, para conversar comigo e me convencer a reavaliar a situação. Dizia também que me amava, que eu era o amor da vida dele e que, sem mim, não conseguiria ficar. Eu continuava irredutível. Ele chegou até a pedir perdão, mas eu não aceitei:

– O amor se mostra em atitudes, quando um precisa do outro. Não é o que você costuma fazer – respondi.

Certo dia, ele ligou para meu cunhado. Disse que ia viajar e não queria me acordar antes de sair, mas precisava que alguém viesse ficar comigo. Meu cunhado então avisou minha irmã, que chegou antes de ele sair. Eles se encontraram no escritório da casa. Fernando estava todo arrumado, com uma calça bege e uma camisa branca. Ele era assim. Não importava quem fosse receber, estava sempre bem vestido até mesmo dentro de casa.

– Olhe, Rosania, sua irmã está deprimida.

– Eu sei, todos sabemos.

– Pois é, mas eu não suporto ninguém deprimido perto de mim.

– Acho que você precisa ter um pouco de paciência.

– Mas eu não tenho. A vida toda foi ela quem me ajudou, ela quem me levantou quando eu não estava bem. Eu não sei ajudar ninguém. Não consigo. Você precisa fazer alguma coisa.

– Bom, Fernando, estamos tentando dar conforto a ela, ela tem ido à igreja. Vai passar, mas você precisa ter calma e compaixão.

– Não sei. Ela estava se recuperando em São Paulo. Aí sua mãe morreu e ela ficou ainda pior. Não sei. Não sei. Nosso casamento só piora com isso. Eu não gosto de ninguém deprimido perto de mim!

– Sabe, Fernando, a Rosane já tem quase 40 anos, vocês passaram 22 anos juntos, ela sempre seguiu seu caminho e se sentiu muito traída com a venda da casa de Miami...

– Eu sei, já compreendi, já pedi desculpas e até dei o carro para ela como

prova do meu arrependimento.

– Hum... Acho que ela precisa de mais do que isso. Quem sabe se você colocar algum bem no nome dela? Eu acho que a única forma de você recuperar a confiança de Rosane é fazer com que ela se sinta segura ao seu lado.

– Como assim?

– Bom, ela queria a parte dela na venda da casa para poder construir algo para ela, para ter algo só dela, talvez até abrir o próprio negócio, certo?

– É, foi o que ela me disse.

– Pois então. Coloque algo no nome dela.

– É isso? Pois eu vou comprar um apartamento financiado e coloco no nome dela.

Vivi minha vida toda por aquele homem e ele queria me deixar um apartamento financiado?! De forma alguma. Dias depois, ele e Rosania tiveram outra conversa no escritório de nossa casa em Maceió. Situado ao lado da varanda, com vista para a piscina, era ali que ele gostava de escrever ao computador e receber as pessoas para assuntos mais reservados.

– Pois é, Rosania, ela continua igualzinha.

– Mas você também não faz nada para melhorar, Fernando. Conte-me o que foi que você fez durante todo esse tempo para que as coisas ficassem melhores. Conte. Minha irmã está jogada em uma cama e você continua indo e voltando como se não fosse nada. Assim não dá!

– O problema é o seguinte, Rosania, eu casei com sua irmã com um contrato – ele disse, enquanto tirava um documento da impressora.

– Que contrato, Fernando?

– Você se lembra de que, antes de eu e sua irmã casarmos, seu pai e Rosane foram ao meu escritório na Organização para assinarem uns documentos?

– Sim, lembro. Ela era menor de 21 anos, precisava do consentimento de papai para casar.

– Pois então. Naquele dia, eles assinaram um pacto pré-nupcial em que abriam mão de tudo o que é meu. Casamos com separação total de bens. Rosane não tem direito a nada do que é meu.

– Oxente, Fernando, agora complicou.

Rosania, então, ligou para meu cunhado e pediu que viesse à nossa casa porque tinha um assunto sério para tratar. Em seguida, ela foi ao meu quarto, mandou que eu me levantasse e me arrumasse porque tínhamos uma reunião urgente com Fernando. Percebi que o assunto era grave e atendi seu comando. Quando nós quatro estávamos ali, reunidos, Fernando repetiu o que tinha dito a Rosania:

– Como eu disse à minha cunhada agora há pouco aqui neste escritório, eu e Rosane casamos com separação total de bens. Sendo assim, se Rosane insistir em se separar de mim, ela não terá direito a nada do que é meu.

– Espere aí, Fernando, não é bem assim... – interfeiri.

– É, sim, Rosane, você não se lembra? – Ele rebateu.

– Lembrar-me do quê, Fernando?

– Um pouco antes de nos casarmos, você e seu pai foram ao meu escritório na Organização para tratarmos da papelada do casamento. Está lembrada?

– Sim, estou. E daí?

– Você não se lembra do que você e ele assinaram?

– Eu me lembro muito bem desse dia. Eu estava toda ansiosa, animada com o casamento e meu pai ainda receoso. Chegamos a seu escritório e você nos deu um papel. Meu pai começou a ler, mas eu o interrompi. Disse a ele que eu não tinha dúvidas de que queria casar e pedi que assinasse logo. Eu estava com medo de que ele voltasse atrás. Ele, então, assinou.

– Sim, mas você lembra o que ele assinou?

– Claro. Eu até perguntei para você se aquele era mesmo o papel dizendo que eu abria mão do que era seu antes do casamento e que você abria mão do que era meu, mas que o que construíssemos depois de casados seria nosso. Foi isso o que ele assinou.

– Aí é que você se engana. Vocês abriram mão de tudo. Casamos com separação total de bens, Rosane. Ou seja, você não tem direito a nada do que é meu se continuar com essa história de separação.

– Como assim? Isso não é justo, Fernando – intercedeu meu cunhado.

– É, sim. Está assinado. Mas vocês podem avisar João Alvino que eu não vou deixá-la desamparada. Rosane está em meu testamento.

– Ora, Fernando, faça-me o favor. Se eu já não confio mais em você vivo, vou agora confiar num morto?! – Eu disse com uma vontade enorme de voar com as duas mãos no pescoço dele.

De fato, eu e meu pai tínhamos assinado um acordo pré-nupcial. Eu me lembro disso. Mas eu confiava em Fernando e estava completamente apaixonada. Na ocasião, perguntei se aquele papel estabelecia que ambos estávamos abdicando dos bens um do outro antes do casamento e, ao mesmo tempo, dividindo tudo aquilo que viéssemos a adquirir depois de casados. Ele disse que era isso mesmo. Meu pai era muito inteligente, um ótimo político, mas lia muito mal. No tempo dele, era raro alguém ser alfabetizado no interior. Um documento com termos jurídicos como aquele era difícil para ele. Ainda por cima com a filha ansiosa de um lado, fazendo pressão, e o futuro genro estudado, deputado federal, com o testemunha do outro. Ele acabou assinando sem ler. E eu também. Fomos ludibriados!

O mais incrível é que eu demorei 22 anos para perceber isso. Ele guardou essa carta na manga por todo esse tempo. Tanto é que, mesmo na crise conjugal que tivemos durante a presidência, quando estávamos completando sete anos de casados, ele nem sequer mencionou esse contrato. Claro, se eu tivesse descoberto antes, ou se não tivesse sido enganada na época da assinatura, eu poderia ter guardado dinheiro das mesadas que Fernando me dava, dos salários que recebi da Organização. Eu poderia ter colocado alguns bens no meu nome. Talvez eu tivesse sido mais firme nas minhas tentativas de construir uma carreira própria e não tivesse me dedicado tanto a acompanhar e fortalecer Fernando. Eu teria me resguardado.

Aquela altura, era tarde demais. Estávamos com o casamento em frangalhos, eu já estava completando 40 anos e, ao olhar para trás, minha vida toda tinha sido vivida à sombra de um homem que não valia todo o amor e dedicação que eu devotei a ele. Um homem que, na primeira oportunidade, traiu

minha confiança, um homem sem palavra, sem caráter, sem capacidade de amar o próximo.

Sai daquela discussão dilacerada, sem saber para onde correr, nem o que fazer. Eu queria me separar, mas ter a consciência de que eu ficaria sem eira nem beira depois era algo que me preocupava. Se ainda eu fosse mais nova... Apesar de tudo, tentei me acalmar. Tentei encontrar meu eixo. Graças ao bom Deus, essa era uma época em que eu já estava frequentando a igreja com assiduidade. Eu ia ao menos todas as terças, quintas e domingos e, quando possível, diariamente aos cultos. Eu estava sempre ouvindo o louvor e as pessoas que vinham até mim falar de Deus, pessoas que me acolhiam, que diziam para eu me recuperar, para sair da depressão e me levantar. Ali eu me encontrava, me acalmava para tomar a melhor decisão.

Vivemos alguns dias de aflição, mas tentamos levar um relacionamento cordial dentro de casa. Afinal, ainda estávamos casados. Tentei negociar com Fernando. Pedi que ele anulasse o pacto pré-nupcial para que pudéssemos fazer uma separação amigável, conversando e entrando em um acordo. Ele estava irredutível e continuava dizendo que me amava, que não queria se separar. Até que, certo dia, eu tive de ir ao Rio de Janeiro fazer um tratamento com meu dentista. Fernando estava em Brasília resolvendo alguns problemas e ligou de lá para mim:

– Estou indo para casa logo mais.

– Que bom, porque eu vou para o Rio hoje, você se lembra? Vou fazer o tratamento com o doutor Olímpio.

– Sim, sim. Eu me lembro. Vou logo para casa para nos despedirmos.

Mais tarde, ele ligou novamente:

– Rosane, eu tive um problema e não vou chegar a tempo de me despedir. O Edson, nosso segurança, vai lhe acompanhar. Eu também pedi a ele que lhe entregue o dinheiro para você usar na viagem.

– Ok, tudo bem.

– Ah! E lá está tudo organizado: apartamento no hotel Caesar reservado e o motorista lhe esperando no aeroporto.

Achei estranho ele não ter aparecido. Fernando não era disso. No caminho para o aeroporto, ele ligou novamente. Foi carinhoso até, quis saber quantos dias eu gastaria na viagem e pediu que eu ligasse assim que chegasse ao Rio para dizer se estava tudo bem, se o voo tinha sido tranquilo. Atendi seu pedido quando cheguei, mas eu não sabia quantos dias ficaria na capital fluminense. Tudo dependeria do que o dentista diria na consulta do dia seguinte.

Não avisei amigo algum que eu estava na cidade. Passei todos os dias indo do hotel para o dentista, do dentista para o hotel. Descansei, orei. De lá, fui direto a São Paulo, onde nos encontraríamos, como já estava combinado há tempos. Na véspera do dia em que ele iria para São Paulo, tivemos uma briga feia pelo telefone. Eu já não lembro mais o motivo da discussão porque, naquela fase, qualquer coisa era suficiente para deflagrar uma hecatombe entre nós dois. Pedi, então, que ele não fosse me encontrar. Eu precisava ficar alguns dias sozinha, precisava pensar na vida. Tudo o que tinha acontecido no último ano não saía da minha cabeça: a incompetência dele para me ajudar quando eu mais precisei; a

traição com a venda da casa em Miami; o jeito como ele lidou com meu luto pela morte de minha mãe; a revelação do tal pacto pré-nupcial tantos anos depois... Eu realmente precisava de um tempo para mim. Além disso, nossas brigas de quatorze anos antes voltavam à minha mente o tempo todo. Eu não conseguia parar de lembrar de como ele me tratou com desdém quando eu fui acusada pelas irregularidades na LBA. Não saíam da minha mente aqueles dias em que ele não moveu uma palha, nada, nada, para me defender e, ao contrário, me jogou no fogo e usou meu momento de fragilidade para conseguir o que queria – me fazer parar de trabalhar.

Minha amiga querida Betty Szafir sabia que eu estava em São Paulo e nos falamos. Eu não costumava comentar com ninguém, exceto com minha irmã, sobre meus problemas conjugais, mas, naquele dia, eu não aguentei. E contei a ela o que estava acontecendo.

– Betty, estou muito mal. Meu casamento está uma porcaria, uma droga...

– Rô, Rosinha, não fale assim. É só uma turbulência – ela tentava pôr panos quentes.

– Não é bem assim. A crise é longa e eu já não sei se quero ficar nesse relacionamento. Acho que quero me separar.

– Você está de cabeça quente, vocês acabaram de brigar. Não tome nenhuma decisão agora. Casamentos são difíceis mesmo. Veja eu e o Gabriel, por exemplo. Você acha que estamos sempre bem? Claro que não! Já passamos por muitas crises, mas eu tenho certeza de que quero ficar com ele, tenho certeza de que vou morrer casada. Você e o Fernando formam um casal lindo, vocês se amam. E você não é esse tipo de mulher que se separa. Eu sei disso.

– Ai, Betty...

– Por que você não faz uma surpresa para ele? Já que não deixou que seu marido viesse te encontrar, vá você encontrá-lo. Não avise ninguém e apareça de surpresa. Dê uma chance a esse relacionamento lindo que vocês têm.

Conversei sobre o assunto com outros dois amigos: os decoradores Carlos Ostronoff e Fernando Rodrigues Alves, meus melhores amigos de São Paulo, que decoraram minha casa na cidade. Eu pensei muito naquelas conversas e resolvi ir a Maceió encontrar Fernando de surpresa. Chegando lá, porém, ele não estava. Perguntei à minha empregada:

– Cadê Fernando?

Ele deixou um recado para a senhora, caso a senhora ligasse, dona Rosane.

– Ah é? E qual foi o recado?

– Ele disse que foi passar o fim de semana em Recife.

– Em Recife?! Mas que coisa estranha... E quando é que ele resolveu isso?

– Isso eu não sei, não, dona Rosane.

– Que loucura!

Liguei insistentemente para o celular dele naquele e nos dias subsequentes, mas nunca fui atendida. Fernando nunca mais apareceu. Eu não sei nem se ele foi mesmo a Recife. Só sei que, desde que nos despedimos para ele ir a Brasília antes de eu ir ao Rio, nunca mais nos vimos. Alguns dias depois, um empregado dele me disse que ele estava no apartamento do filho, o Arnon, e não queria ser procurado por mim. Minhas sobrinhas não se conformavam com aquela situação

e sentiam falta do tio. Afinal, ele as conhecia desde pequeninhas, viajamos juntos muitas vezes e as duas viviam em nossas casas. Elas, então, resolveram procurá-lo na *Gazeta*, mas ele não as recebeu. Mesmo assim, elas insistiram e escreveram uma carta que foi deixada por uma vizinha embaixo da porta dele. Nem isso fez com que Fernando se manifestasse. Depois de tanta ausência, cheguei à conclusão de que estávamos separados.

Certo dia, eu estava na residência da minha irmã quando recebi um telefonema da minha casa. Era uma das empregadas:

– Dona Rosane, tem aqui um caminhão de mudança da Granero com umas coisas para a senhora.

– Como é que é? Que coisas? Que caminhão? Do que você está falando? – Perguntei assustada.

– Eu não sei o que tem dentro, só sei que são várias caixas e estão dizendo que são todas da senhora, que a senhora tem de vir para receber.

Quando eu cheguei lá, eram 101 caixas com todas as minhas coisas que estavam em São Paulo e em Brasília. Quer dizer, nem todas. Só as roupas, sapatos e bolsas. As joias, não. Liguei então para São Paulo e o mordomo atendeu:

– O que é isso que eu recebi aqui em Maceió, Miguel? – Perguntei.

– Patroa, eu não entendi nada. O patrão chegou aqui, mandou eu encaixotar as coisas da senhora e mandar pelo caminhão de mudanças, sem maiores explicações – ele respondeu.

– E as minhas joias?

– As joias ele mandou deixar no cofre porque ele mesmo viria pegar.

Ele nunca devolveu minhas joias. Nem as joias, nem os quadros ou objetos de arte que eu tinha. E era tudo meu. Ele me deu, eu comprei, era meu! Fiquei com pouquíssimas peças, só o que estava em Maceió, onde eu não guardava quase nada. Além do valor financeiro, aqueles brincos, anéis, colares e pulseiras tinham um valor sentimental enorme, eram uma grande parte da minha história.

Depois de reduzir 22 anos de relacionamento a 101 caixas de mudança, eu imaginei que não houvesse nada mais que Fernando pudesse fazer para me humilhar. Ledo engano.

Dias ou semanas depois, em meio a um culto na igreja, recebi um telefonema de uma amiga.

– Rosane, está tudo bem?

– Sim, está. Por quê?

– Você já viu o jornal hoje?

– Não. O que aconteceu?

– Estão dizendo que Fernando já está de mulher nova.

– Como é que é?

Corri para ver a notícia. Nem precisei ler. Havia uma foto do meu marido – sim, porque ainda éramos oficialmente casados apesar de ele ter desaparecido de nossa casa – com outra mulher, saindo do restaurante La Tambouille, em São Paulo. Na imagem, eles estavam entrando no meu carro, aquela Mercedes que Fernando tinha me dado logo depois da venda da casa de Miami, e quem abria a porta era o meu segurança. Fiquei doida de raiva. Ele realmente não tem limite.

Liguei para a casa em São Paulo. Quem atendeu foi a minha empregada. Perguntei se Fernando estava em casa.

– Sim, está – ela respondeu, constrangida.

– E ele está sozinho?

– Bem, dona Rosane, não está.

– Diga, pode dizer a verdade. Ele está com outra mulher, não é? Ela está aí?

– É... está.

– Que ódio! Que ódio! Só me diga mais uma coisa: ela está dormindo na minha cama?

– Ai, dona Rosane...

– Diga, diga, pode dizer.

– É, está.

Depois de todos esses golpes, é claro que eu me afundei ainda mais em depressão. Durante alguns meses, eu nem sabia que estava nesse mundo. Eu só chorava, gritava, eu colocava minhas mãos sobre a cabeça e gritava:

– Por que isso está acontecendo, meu Deus? Por quê?

Com medo do que pudesse acontecer, Rosania dormia quase todas as noites na minha casa. Às vezes, ela se revezava com as minhas sobrinhas. Ocorre que, por coincidência, não lembro bem por qual motivo, teve uma ocasião em que nenhuma delas estava comigo. E foi justo naquele momento que eu tive uma crise, um turbilhão de sensações ruins: dor, medo, falta de ar, o coração disparado, fraqueza, tontura, tudo. Sem saber o que fazer, abri uma gaveta onde guardo remédios e comecei a tomar qualquer coisa para tentar controlar o mal-estar. E apaguei. Por sorte, a Rosângela Simões (uma amiga da igreja que foi casada com um primo meu e que por coincidência nasceu no mesmo dia que eu, em 20 de outubro de 1964) chegou, me encontrou caída e me levou para o hospital. Eu fiquei ali por uns dois dias para me recuperar. Minha irmã chegou a ligar para um empregado de Fernando e avisou que eu estava hospitalizada. Ele nunca se manifestou.

Apesar dos cuidados que recebi, continuei mal. Afinal, as coisas só pioravam. Meu pai estava completamente perdido com a morte da minha mãe. E as cobranças da casa começaram a chegar. Fernando tinha acesso a todas as minhas contas. Depois que sumiu de casa, rapou tudo o que havia nelas. Fiquei só com o dinheiro que sobrara na carteira. Acostumada a uma mesada de 40 mil reais – que eu gastava sem me preocupar, pois, se faltasse para alguma coisa, ele sempre cobria – eu me vi sem um tostão. Não morri de fome porque ele continuou abastecendo a casa e pagando os empregados, mas o dinheiro nunca chegava diretamente a mim. Ele mandava um empregado fazer as compras e entregar em casa. Era uma espécie de chantagem velada, uma maneira de dizer que ele podia determinar tudo, até o que eu poderia comer. Foi graças à minha família que eu pude honrar com alguns compromissos.

A tal nova mulher de Fernando não era novidade para mim. Meses antes de nos separarmos, eu havia pedido a ele um imóvel na praia, em Maceió. Ele gostou da ideia. Ainda estávamos nos dando razoavelmente bem na época. Não pensávamos em separação.

– Está bem, Quinha, vou fazer uma surpresa para você. Vou comprar um

apartamento que você vai gostar muito – disse ele, romântico como costumava ser nos bons tempos.

Comprado o apartamento, ele resolveu fazer uma reforma. Contratou para o serviço uma arquiteta chamada Caroline Medeiros. Tenho certeza que foi ali que tudo começou. Na época, ela era recém-casada. Nós já a conhecíamos porque tínhamos sido padrinhos de casamento da irmã dela, Cristine, com Christian Calheiros, primo distante de Renan Calheiros e irmão da minha amiga Katherine Albuquerque. Já tínhamos, inclusive, ido duas vezes à casa dos pais delas. No último Carnaval que passamos juntos, um pouco antes de ele sumir de casa, fui com Fernando a uma festa na Barra de São Miguel. Ela estava lá, mas eu não a vi – ou não reconheci, pois fazia tanto tempo que não nos encontrávamos que eu esqueci da existência dela. Depois que eu já estava separada, o motorista que estava conosco naquele dia me contou ter visto Caroline e o então marido saírem brigando da tal festa de Carnaval. Posteriormente, eu soube também que ela e Fernando já estavam saindo juntos naquela ocasião. Não é impossível que a briga tenha acontecido por ciúme.

Às vezes, eu fico tentando entender o que se passava na cabeça de Fernando logo depois de fugir de mim e se juntar a outra mulher. Imagino que ele gastava seu tempo tentando tramar uma forma de me atingir ainda mais.

Não muito tempo depois de terem aparecido juntos em público, fiquei sabendo da gravidez de Caroline. Ela e Fernando são pais de gêmeas. É muita coincidência! Segundo noticiou a imprensa, eles fizeram tratamento de reprodução artificial com o mesmo médico, o doutor Roger Abdelmassih, para engravidar logo de duas meninas. Ele realizou o nosso sonho com outra mulher! É muito triste. Sofri demais por tudo isso.

Chegou um momento, então, em que eu decidi que não viveria mais. Quis mesmo colocar um ponto final em minha vida. Eu não achava mais motivo para viver e só pensava: “Jesus, pode me levar porque eu não estou conseguindo suportar essa dor.”

Certa noite, peguei uma porção de remédios e engoli. Nem olhei o que estava tomando, fui enfiando tudo na boca. Eu tenho vários comprimidos na minha cabeceira: para cólica, dor de cabeça, laxantes, anti-inflamatórios e relaxantes musculares para quando eu exagero nos exercícios... O problema é que eu tenho dificuldade para engolir medicamentos. Eles não passam facilmente pela minha garganta. Quando tenho que ingerir algum, preciso colocar no meio de alimentos, uma banana amassada, por exemplo. Foi essa dificuldade que me salvou. Acordei horas depois e vi o que tinha feito. Havia vômito, caixas, comprimidos e bulas espalhadas por todo o quarto. No desespero, eu também espalhara pelo chão roupas, lençóis, enfim, estava tudo uma bagunça. O ambiente cheirava mal.

Pedi socorro. Desesperada, minha irmã chamou o doutor Pedro Albuquerque, o cardiologista que cuidou de minha mãe. Ele veio até a minha casa, me examinou e conversou muito comigo.

Eu não estou lhe reconhecendo, Rosane. Você não é esta pessoa. A Rosane que eu conheço é uma mulher forte, guerreira, que é capaz de dar a volta por cima. Se você se entregar à tristeza, à depressão desta maneira, você vai fazer

exatamente o que seu ex-marido quer. Só que eu sei que você consegue fazer diferente. Eu sei que você é capaz de dar a volta por cima, sei que aí dentro tem uma mulher mais forte ainda do que aquela que ele pensa conhecer.

Aquelas palavras foram muito importantes para mim. Resgatei um fio de força que ainda restava no meu âmagô e decidi me reerguer. Decidi lutar com minhas próprias armas. Encontrei na igreja o melhor remédio para curar esse período de trevas pelo qual eu passava. Dali em diante, Deus colocou as pessoas certas na minha vida. Pessoas que diziam: “Jesus te ama, essa fase vai passar. Deus está no controle da sua vida.”

É por isso que eu O glorifico. Nessa fase, uma irmã psicóloga, chamada Rosiete, foi muito importante para mim. Ela vinha à minha casa e me colocava no colo! Eu estava tão magra que ela conseguia me segurar e me ninar para acalmar o meu desespero. Ela deixava os próprios filhos, o lar, para vir tomar conta de mim. E eu nunca dei um real a ela. Ela fez aquilo por puro amor. Tem coisa mais bonita do que isso? Não tem. Todas as vezes que eu quis agradecê-la, ela me respondeu:

– Rosane, minha irmã, eu faço isso por amor. Eu faço isso porque eu amo as pessoas. E este é o meu papel, é a minha missão nesta vida.

Aos poucos, eu fui me reerguendo novamente. Conforme fui ficando boa, resolvi sair de casa. Só que, em vez de ir a restaurantes, ao *shopping* e a lugares do tipo, eu ia para a igreja, eu chamava meus irmãos para vir aqui, à minha casa. E a vida assim foi ficando melhor para mim. Doeí para diversas igrejas quase todas as roupas, sapatos e bolsas que eu usei na época em que fui primeira-dama. As peças foram vendidas e o dinheiro usado para ajudar gente necessitada, o que me deixa muito feliz. Além disso, resolvi que não queria mais ouvir falar sobre o Fernando. As pessoas sempre vinham trazer notícias, fazer fofocas. Também deixei de aceitar certos convites. As pessoas queriam que eu saísse para badalar, para procurar namorado, mas eu não estava nesse clima. Eu não me sentia bem nesses lugares. Quando eu titubeava e ia, por exemplo, a uma festa, eu voltava pior. Não era legal. Passei a não atender mais certos telefonemas, troquei o número do meu celular. Eu não queria mais saber disso. Meu objetivo era ficar bem e me afastar daquilo que me enfraquecia. E descobri que eu me sentia muito melhor quando estava perto de pessoas simples. Ir a um culto ou à casa de uma irmã para orar era muito mais prazeroso do que participar de uma festa badalada. Outra coisa que eu descobri fazer um bem danado é ajudar o próximo. Mesmo nos dias em que eu estava carente, se eu fosse ajudar alguém, eu voltava melhor.

Foi nessa época que aceitei Jesus. Até então, eu frequentava a igreja e me sentia muito bem ali, mas não achava que houvesse necessidade de fazer como acontecia sempre nos cultos: ir à frente da igreja, estender a mão e aceitar Jesus – fazer a conversão propriamente dita. Eu achava que tinha Jesus no meu coração e não precisava daquilo. Meu pastor, Mucio, com muita serenidade, conversava comigo e dizia:

– Rosane, no dia em que o Espírito Santo tocar você, você vai lá na frente. Tenha certeza disso.

– Não, pastor, eu não preciso. Eu já tenho Deus dentro do meu coração.

Eu realmente havia mudado a forma de falar com Deus. Antes de conhecer a igreja evangélica, eu já rezava. Mas ali eu aprendi a orar, o que é diferente. Rezar é repetir algumas palavras, um *Pai Nosso*, uma *Ave Maria*. Já a oração é uma conversa que se tem com Deus. Eu aprendi a não simplesmente repetir palavras, mas a conversar. Hoje em dia, eu dobro meus joelhos, converso com Deus e ele fala comigo por meio da Bíblia. Depois de orar, eu abro a Bíblia e tenho a resposta da conversa. Isso já era muito forte para mim. Por isso eu não achava que precisava de mais nada. Mas eu estava errada.

Certo dia, estávamos eu, minha irmã Rosania, Rosângela Simões e Liége Peres em um culto quando o pastor fez o chamado:

– Quem quiser aceitar Jesus, venha aqui na frente.

Eu já tinha negado um milhão de vezes. Quando o pastor começou a falar, eu senti algo diferente e tive uma vontade muito grande de ir. Só que eu achei que não devia. Aí o pastor fez um outro chamado, para que fôssemos à frente orar:

– Quem quiser vir aqui à frente para fazer uma oração pelas causas impossíveis venha.

Aí eu fui. E minhas amigas também. Eu e Liége fomos para o lado esquerdo e minha irmã e Rosângela foram para o direito. Quando eu estava chegando, cochichei com Liége:

– Liége, quero lhe dizer algo.

– O que foi, Rosane?

– Interessante, quando o pastor chamou para aceitar Jesus, eu senti algo diferente, senti algo muito forte e deu uma vontade de levantar a mão e ir lá na frente, mas eu não fui. Eu acho que fui covarde.

– Ô, Rosane, por que você não foi?

– Ah, eu não sei. Algo me disse para não ir. Fui covarde.

O pastor, então, fez a oração das causas impossíveis, eu voltei para o meu lugar e sentei. Liége e Rosângela também se sentaram. Já estava terminando o culto, o pastor ia dar as bênçãos finais, quando ele disse:

– Eu não costumo fazer isso, mas o Espírito Santo de Deus está me incomodando. Eu não costumo fazer isso, mas eu preciso fazer. Eu peço a vocês que a igreja inteira abaixe a cabeça, feche os olhos e comece a orar. Interceda porque o Espírito Santo de Deus está me incomodando. Abaixem a cabeça, segurem a curiosidade e intercedam, peçam a Deus porque hoje Ele marcou um encontro com uma pessoa e Deus vai falar profundamente com essa pessoa.

Quando ele disse aquilo, todo mundo abaixou a cabeça, começou a orar, a interceder. Eu abaixei também, mas em nenhum momento pensei que fosse algo comigo. Abaixei minha cabeça também e comecei a interceder. Aí ele começou a dizer:

– É uma pessoa só. É uma mulher. Deus já falou com essa pessoa hoje. Olha, para mostrar que é Deus que está falando contigo, filha, você usou uma palavra hoje. Você disse que foi “covarde”, que você tinha sentido algo diferente.

Quando o pastor começou a falar aquilo, meus pés ficaram quentes, veio um negócio. O meu corpo inteiro começou a tremer. Foi algo que eu nunca tinha sentido na minha vida. Ainda assim eu negava, pensava que não era comigo. Liége não disse nada, só orava, orava, orava. Aí, Deus usou o pastor Mucio e, por

meio dele, disse:

– Filha, eu tenho um chamado contigo. Há 14 anos aconteceu algo contigo e você não contou para ninguém. Só eu e você sabemos disso.

Nossa! Naquele dia de fato fazia 14 anos que tinha acontecido algo muito forte comigo e que eu nunca tinha contado para ninguém. Nem para meus pais, para minha irmã, para meu marido, para ninguém! Meu pastor é uma pessoa muito séria. Ele já tem mais de 70 anos, tem a cabecinha branca, e não tinha como saber o que eu havia dito a Liége. Eu falei só para ela e ela não saiu do meu lado o tempo inteiro. Quando ele disse aquilo, eu pensei: “Meu Deus, sou eu!” E peguei na minha irmã:

– Querida mana, sou eu. Deus está me chamando. É um mistério, eu não sei o que é, mas essa mulher sou eu.

E fui lá para frente. Eu nem sei como cheguei lá. Só sei que já cheguei chorando e Deus começou a usar o pastor Mucio para falar comigo. Ele falava em línguas ininteligíveis – e, não sei como, eu entendia o que ele falava. Ele dizia coisas que só eu e Deus sabíamos. E Deus é tão maravilhoso que não permitiu que as pessoas presentes soubessem do que Ele estava falando. Porque é algo muito pessoal, que nunca vou revelar a ninguém, é algo só meu, muito íntimo. Mas posso dizer que já era Deus me resgatando. Ele dizia:

– Dei a você grande livramento. Há 14 anos eu já queria te resgatar daquilo.

A partir daí, eu comecei a ter uma intimidade com Deus muito forte. Foi uma experiência muito diferente, muito linda. Centenas de pessoas assistiram. Foi um divisor de águas. Existe a Rosane de antes desse dia e a de depois. E aí mergulhei. Meus irmãos, minha irmã e meu pai também aceitaram Jesus através de mim. Rosania continua com um pé na igreja católica, mas ela me escuta. Hoje, quando eu quero algo, eu dobro meu joelho e oro, oro muito. Eu faço meu jejum, eu me consagro, eu fico só de orações, eu vou para casa de irmãos para orar. Quando eu quero algo, quando eu preciso de uma resposta de Deus, eu já sei como buscar.

Atualmente, o pastor Mucio está no meu coração. Eu não estou mais congregando na El Shaddai, estou no Ministério Apostólico Shekinah. Meus pastores são Wellington e Silvia. Estou ali porque eles têm um trabalho muito lindo de ajuda ao próximo, do qual eu me orgulho de fazer parte. Eu descobri que, quando estou muito mal, se eu saio para ajudar alguém, eu melhoro. É um mistério. Às vezes eu não tenho nem forças, aí vou para um lugar pobre e volto melhor. Dia desses, saí de casa com o coração triste, sofrida. Fui para um lugar muito pobre visitar uma irmã que tem uma intimidade muito forte com Deus. Ela está doente, com as pernas amputadas, mas bastou eu chegar lá para me sentir muito bem. É um mistério.

Conhecer a fé evangélica e aceitar Jesus, sem dúvida, me fez conseguir enfrentar muito sofrimento. Sofri demais com a morte da minha mãe, com as rasteiras que Fernando me passou, com a separação em si, com as dificuldades financeiras que tive de enfrentar. Sofri e continuei sofrendo porque, meses depois de começar a me reerguer, meus irmãos Pompílio e Joãozinho, que eram diabéticos, foram hospitalizados. Nenhum dos dois dava bola para a doença. Apesar das orientações dos médicos, eles eram obesos, sedentários, não se

cuidavam mesmo. O mais doloroso é que os dois ficaram internados ao mesmo tempo, cada um em um quarto do mesmo hospital. Eu, minha irmã, as esposas e os filhos deles nos dividíamos nos cuidados com ambos. Pompílio, o mais velho, já tinha os dedos amputados em decorrência da diabetes. Pois naquela internação ele teve também a perna amputada, mas não resistiu e morreu poucos dias depois. João chegou a receber alta, mas, um ano depois, foi novamente internado, teve os dedos amputados e faleceu em seguida. Ou seja, a minha dor nunca acabava. Eu só não posso dizer que sofri em vão. Afinal, foi a dor que me colocou no caminho certo, o caminho de Deus.

12.

Para onde foi tanto dinheiro?

Desde que Fernando e eu nos separamos, de tempos em tempos ouço as seguintes perguntas de jornalistas que me pedem entrevista:

– Que destino teve o dinheiro que Paulo César Farias enviou para o exterior?

Ou então:

– Onde foram parar os 60 milhões de dólares que sobraram da campanha presidencial de 1989?

A minha resposta-padrão para perguntas sobre contas no exterior sempre foi:

– Não posso falar sobre isso.

Na verdade, eu não *queria* falar sobre isso. Até agora. Sempre evitei tratar do tema por dois motivos. Primeiro porque nada sei sobre o grosso da dinheirama que PC teria enviado ao exterior, de acordo com a polícia. Segundo porque, durante o período em que estivemos juntos, nunca me interessei em saber detalhes das contas de Fernando. Aliás, eu não conferia sequer o saldo da minha própria conta bancária. Era tudo controlado por ele ou por sua secretária. Também nunca prestei atenção nos nomes dos bancos onde ele tinha conta, seja no Brasil ou no exterior. Eu só comecei a me preocupar e interessar de fato por essas questões financeiras do nosso dia a dia muito tempo depois. Mas é claro que, morando na mesma casa durante 22 anos, algumas coisas não escaparam dos meus ouvidos e olhos.

Como eu já expliquei em capítulos anteriores, eu ouvia histórias, mas não tinha informações concretas do esquema que PC Farias teria montado durante o mandato de Fernando para se beneficiar da proximidade com o poder. O único episódio que me deu uma pontinha de noção do que podia estar acontecendo foi aquele café da manhã na Casa da Dinda, quando PC sugeriu meter o dedo nas licitações da LBA. E eu nunca mais o vi depois daquela discussão. Como se sabe, ele foi acusado de cobrar muito dinheiro de empresários para que eles pudessem conquistar ou manter contratos com o governo. Segundo as estimativas mais exageradas, ele teria enviado para o exterior 1 bilhão de dólares que foram angariados dessa maneira. Avaliações mais ponderadas falam em 400 milhões de dólares, ainda assim uma quantia considerável. PC foi condenado em 1994

por sonegação fiscal e falsidade ideológica, mas foi absolvido da denúncia de corrupção. No total, ele passou um ano e meio na cadeia.

Fernando, porém, foi absolvido de todas as acusações, inclusive em processos mais recentes, iniciados no ano 2000. A primeira grande vitória dele na Justiça ocorreu já em 1994, quando o Ministério Público tentou provar que ele havia recebido dinheiro e até um Fiat Elba de empresários em troca de favores. No fim, o Supremo Tribunal Federal concordou com a explicação de Fernando de que os gastos pessoais citados nos processos haviam sido pagos com dinheiro que sobrou da campanha presidencial.

Eu mesma, na época, nunca parei para pensar de onde vinha o dinheiro que era depositado para os meus gastos. Desde que me casei com Fernando, quem abastecia minha conta era a Ana Acioli, sua secretária. Sempre tivemos um bom padrão de vida, afinal Fernando era de uma família abastada, dona do maior conglomerado de mídia de Alagoas. Na presidência, essa rotina continuou, portanto eu não tinha razão para suspeitar que o dinheiro vinha de “contas fantasmas”, ou seja, de origem oculta, como foi divulgado. Noticiou-se que quem colocava dinheiro nestas contas fantasmas era PC Farias. Isso tudo foi realmente uma surpresa para mim.

Logo no começo das denúncias, no auge da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) aberta em 1992 para investigar o chamado esquema PC, o secretário particular de Fernando, Cláudio Vieira, justificou que os gastos pessoais do presidente vinham de um empréstimo para a campanha de 5 milhões de dólares feito no Uruguai. Eu participei de algumas reuniões para acertar o que ficou conhecido como Operação Uruguai. Entre as pessoas que estiveram nesses encontros na Casa da Dinda estavam o Paulo Octávio e o Luiz Estevão, que foram fiadores do empréstimo, e o empresário Alcides Diniz. Uma secretária de Cidão, como nós o chamávamos, acabou contando em um depoimento na CPI que o empréstimo havia sido feito depois das denúncias, apenas para justificar a origem do dinheiro que pagava as contas da Casa da Dinda.

Quando eu ouvia de Fernando que os depósitos que recebíamos não eram fruto de negócios escusos, mas simplesmente de doações de empresas que não foram usadas na campanha, eu não tinha por que duvidar. Parecia normal para mim, talvez por inexperiência, ter recursos de campanha, e que usufruir disso não era errado. Muitos empresários contribuíram para que ele fosse eleito, porque acreditavam no seu projeto e temiam o PT.

Em algum momento, ouvi falar deste montante, 60 milhões de dólares, como sendo o que restou da campanha. Apenas muito mais tarde, em 2009, o próprio Fernando disse ao canal de TV Globonews que o valor era de pouco mais de 50 milhões de dólares. Na mesma entrevista, ele disse que não tinha ideia de onde tinha ido parar esse dinheiro. Como ex-tesoureiro da corrida presidencial, parecia óbvio que quem tinha acesso ao montante era PC Farias. Depois do *impeachment*, eu ouvi algumas conversas de que essa bolada realmente existia, e que estava em uma conta no exterior.

Não sei se Fernando tinha acesso a essa conta bancária enquanto PC estava vivo. Também não tenho nenhum indício de que os dois estiveram juntos ou se falaram depois do *impeachment*. Se isso aconteceu, foi em total sigilo. Após a

morte de PC, surgiram boatos de que o seu irmão Augusto tinha procuração para movimentar as contas externas. Tenho bons motivos para acreditar que esses rumores têm algo de verdade.

Certa vez – não sei precisar o ano em que isso aconteceu, apenas que foi na segunda metade da década de 1990, após a morte de PC –, Fernando me disse que estava tendo dificuldade para acessar essa conta, e que Augusto estava sendo um empecilho.

– A conta, né? O dinheiro que vocês têm em conjunto? – Eu perguntei.

– É. Ele quer me prejudicar.

Pelo fato de Fernando ter falado que dependia do Augusto, comecei a achar que eram as sobras de campanha.

Além do mais, eu conheci o suíço Gerard.

Desde que era governador de Alagoas, Fernando tinha contas na Suíça. Elas aumentaram na presidência, mas sempre existiram. Tanto que eu o acompanhava com frequência a Genebra. Ele ia para se encontrar com um suíço que se apresentava como Gerard. Fernando chegou a me levar num almoço com ele, mas na maioria das vezes eu não participava das conversas entre os dois. Eles iam para uma sala do hotel (nosso preferido era o Le Richmond, um cinco estrelas) enquanto eu saía para fazer compras ou ficava no quarto. Às vezes, quando viajávamos a Paris mas não tínhamos planos de passar pela Suíça, Gerard se deslocava até a França para falar com Fernando. Eu sabia que eles tinham assuntos de dinheiro para tratar. Eu imaginava que o suíço era um gerente de banco, e que Fernando ia encontrá-lo para depositar dinheiro seu ou das suas empresas alagoanas. Também percebia, pelo mistério que Fernando fazia, que ele não queria que eu soubesse de nada. Mas, até então, não me passava pela cabeça que a conta, em algum momento, pudesse conter o dinheiro das sobras de campanha.

Antes de eu começar a trabalhar no presente relato da minha vida, chegou às minhas mãos um livro intitulado *Morcegos Negros*, de Lucas Figueiredo. O autor é um ex-jornalista do jornal *Folha de S.Paulo*. É impressionante o trabalho de investigação que ele fez, com tantos dados e detalhes sobre o que aconteceu com os dólares que PC Farias enviou para o exterior. Eu acho que esse livro chegou muito próximo da verdade. Eu quase caí da cadeira quando encontrei, naquelas páginas, a história de um suíço que teria ajudado a movimentar as contas de PC Farias e a apagar os seus rastros mundo afora. “Um tipo *mignon*, de pouco mais de um metro e sessenta, magro e de olhos lânguidos.” Assim ele é descrito por Figueiredo, e bate com a aparência do suíço que eu conheci. Gerard também era baixo e magro. Usava óculos, e tinha um cabelo preto com falhas. Suponho que estivesse na casa dos 45 anos. O do livro *Morcegos Negros*, porém, se chama Angelo Zanetti. Será que ele usava um nome falso para despistar? Realmente, seria muita coincidência se se tratasse da mesma pessoa.

Durante anos, Fernando e Augusto Farias tiveram uma relação complicada. Também, não era para menos. Desde o início, Augusto se beneficiou muito da proximidade de seu irmão Paulo César com Fernando. Quando meu marido foi eleito governador, arranjou para ele um cargo cobiçado, o de secretário estadual de Infraestrutura, responsável por obras. Depois, Fernando o ajudou a se eleger

deputado federal. Apesar disso, Augusto foi um dos tantos aliados de Alagoas que traiu Fernando na votação do *impeachment*, ao se abster. Para completar, teve essa história de que após a morte de PC ele estaria impedindo Fernando de movimentar uma conta no exterior. Eles não se bicavam mesmo. Surpreendentemente, em 2010, na época da campanha para o governo de Alagoas, já estavam amiguinhos. Concluí, então, que eles já tinham resolvido o problema. Essa reviravolta talvez seja até mais surpreendente do que a amizade que Fernando tem, hoje, com o petista presidiário José Dirceu e o apoio político que deu ao Lula presidente. Dez anos antes, se esses dois cruzassem o caminho de Fernando, ia ser um risca faca bravo.

Desde que reatou com Augusto, o patrimônio de Fernando aumentou muito, e a única explicação plausível para isso é que ele passou a ter acesso à tal conta no exterior que o irmão de PC estava barrando. Só os lucros de suas empresas e muito menos o salário de senador não seriam capazes de alavancar o seu padrão de vida dessa forma. Em São Paulo, ele tem automóveis esportivos das marcas Ferrari e Maserati. Só em Maceió, são oito ou nove carros, entre os quais um Porsche zerinho. Tem carro para ele, para os filhos, para o papagaio, para o periquito, aquela coisa toda.

Em outros tempos, quando eu era mais jovem e inexperiente, esse aumento súbito de patrimônio não teria chamado minha atenção. Era assim, com ingenuidade, que eu reagia quando, bem antes do *impeachment*, as pessoas em Maceió me perguntavam sobre o espantoso enriquecimento de PC Farias.

– Como pode o PC, que estava falido, de uma hora para outra ficar rico? – Comentava-se nas altas rodas de Maceió.

PC não escondia que saíra da pindaíba. Construiu uma mansão com elevador, onde dava festas do bom e do melhor, e passava o tempo todo fazendo viagens luxuosas, sempre num jatinho particular, o *Morcego Negro*. Quando o Fernando era governador, eles já atuavam juntos, mas PC não tinha todo esse estilo de vida. As pessoas que trabalhavam, davam duro e não conseguiam nada achavam estranho que, de repente, todos os Farias estavam ricos e ostentando. Como, se ele estava totalmente dedicado a arrecadar recursos para a campanha de Fernando Collor e não tinha tempo algum para os próprios negócios, que iam muito mal? Maceió é uma cidade pequena e, quando eu vinha para cá já como primeira-dama, a trabalho ou para passear, os conhecidos me perguntavam:

– De onde vem a fortuna do PC?

– Eu não sei. Das empresas dele – eu respondia, supondo.

Também tinha gente que vinha me falar:

– Ah, eu estive na sua casa em Punta.

Aparentemente, era ponto turístico de todo morador de Maceió que viajava ao Uruguai. Mas eu nunca tive casa em Punta Del Este! Aliás, todas as vezes que eu fui para o balneário, fiquei em hotel. Havia quem acreditasse, inclusive, que PC era o dono da tal casa, mas que o usufruto era meu e do Fernando. Uma alucinação! Suponho que a casa era mesmo do PC e que ele ficava dizendo que era nossa.

Como eu já disse antes, sempre acreditei que Fernando não tinha nada a ver com as negociatas de PC Farias. Eu ainda acho que essa é a verdade. Com

exceção das sobras de campanha, não tenho indícios de que ele se beneficiou com qualquer outro recurso vindo de PC. Em apenas duas ocasiões eu tive motivos para desconfiar dessa versão.

A primeira foi a mentira no pronunciamento feito em junho de 1992, quando Fernando foi à TV rebater as acusações que estavam sendo feitas na imprensa. Eu achei suspeito ele dizer que não via mais PC, quando a verdade é que ele se encontrava regularmente com o ex-tesoureiro na Casa da Dinda, muitas vezes na minha presença. Se Fernando não tinha nada a esconder, por que mentiu? A segunda pulga atrás da orelha apareceu quando Elma, esposa de PC Farias, disse numa entrevista que 70% do dinheiro era para o chefe – e neste caso só poderia estar se referindo ao presidente. Como ela poderia ter coragem de dizer aquilo se não fosse verdade?

Eu não o questionava muito sobre isso, porque o que ele precisava naqueles momentos era do meu apoio, e só. O meu marido naquela luta para conseguir provar a inocência, e logo eu saíria apontando o dedo para ele, cobrando uma resposta para as questões que eu considerava mal explicadas? Claro que não. Ele não estava bem. Seu ânimo tinha altos e baixos. Às vezes, ficava muito depressivo. Eu não podia colocá-lo contra a parede. E, mesmo se tudo o que se dizia sobre o envolvimento dele com PC fosse verdade, o que eu poderia fazer? Já eram favas contadas. O meu papel ali só poderia ser o da pessoa que dá amparo. Ainda que ele próprio tenha me negado o mesmo tipo de apoio quando eu precisei.

13.

Uma briga (quase) sem fim

Há quase dez anos vivo uma separação litigiosa que parece não ter fim. Mas terá, eu tenho fé de que terá! Além de longa, a história do fim do meu casamento é cheia de entraves, peculiaridades e acontecimentos surpreendentes. Um casal comum em situação semelhante à nossa costuma abrir um processo apenas, que é resolvido em primeira instância. Mesmo casos mais complicados, em que os cônjuges discordam dos termos da separação, são resolvidos assim. Já o meu divórcio não só envolve uma série de processos, como um deles chegou ao Superior Tribunal de Justiça, em Brasília, algo absolutamente incomum para uma ação de família no Brasil.

Tudo começou dias depois de Fernando desaparecer de casa sem nem dizer que estava se separando, em março de 2005, durante o feriado de Páscoa. No dia 30 daquele mês, ele deu início ao que, em termos jurídicos, se chama Ação de Oferta de Alimentos. Ou seja, um processo em que dizia o quanto pagaria de pensão alimentícia para mim: apenas 5,2 mil reais, alegando que este valor era equivalente a 20% dos seus rendimentos mensais. Um absurdo, diga-se. Sete dias depois, Fernando abriu um segundo processo: uma Ação de Separação de Corpos, para que, perante a Justiça, ele pudesse ficar fora de casa sem perder seus direitos. Arrumei os advogados que pude e fui protestar. Como um homem rico, empresário, que, naquela época, pagava 38 mil reais de aluguel pela casa de São Paulo, mantinha vários carros e já havia declarado à imprensa que retirava cerca de 100 mil dólares mensais da Organização Arnon de Mello quando morávamos em Miami pode ter a desfaçatez de fazer uma oferta tão desproporcional?

Eu não só tinha – e tenho ainda – direito a muito mais do que isso, como mereço também parte dos bens que eu ajudei a construir. Afinal, se Fernando já era rico quando nos casamos, é público e notório que ele enriqueceu muito mais nos anos em que vivemos juntos. Ainda estávamos casados quando ele comprou todas as ações da Organização Arnon de Mello e tornou-se sócio majoritário dos negócios da família. Aliás, o Brasil inteiro sabe que eu não fui o tipo de esposa que fica em casa descansando enquanto o marido trabalha. Muito pelo contrário. Trabalhei efetivamente pela construção de nosso patrimônio quando estive à

frente das empresas e coloquei as finanças de pé, conforme contei anteriormente. Fui até elogiada publicamente por Fernando pelo meu trabalho ali. Ao mesmo tempo, participei das suas campanhas para governador e presidente. Fui sua fiel companheira até nos momentos mais vexatórios de sua trajetória. Ora, fui eu quem fez questão de descer a rampa do Palácio do Planalto depois do *impeachment* ao lado do presidente deposto. Fui eu quem segurou sua mão e o fez manter a cabeça erguida quando, durante uma viagem a Araxá (MG), um hóspede do hotel onde estávamos jogou um prato de macarrão no seu rosto e o insultou. Postura semelhante eu tive quando, em São Paulo, durante um jantar em um restaurante japonês, uma mulher o xingou de assassino. O marido dela havia morrido porque perdeu tudo com o confisco das poupanças. Passamos a maior vergonha, havia amigos nossos presentes, mas, nem assim, o deixei só. Pelo contrário, fiz de tudo para que ele não perdesse a compostura. Além de tudo isso, é inegável que eu ajudei a alavancar não só sua carreira, mas sua imagem política, um bem que ficou só para ele e obviamente não pode ser dividido. Exatamente por isso, eu mereço ser ressarcida. Pois, para mim, o que restou? Fiquei apenas com o ônus. Até hoje estou marcada como a ex-primeira-dama do *impeachment*, mas não desfruto de nenhum benefício ou de proteção por ter sido mulher de um presidente. Para se ter uma ideia da injustiça que eu sofro: como ex-presidente, Fernando tem direito a usar dois carros oficiais, com motoristas, quatro seguranças e outros funcionários. Por que ele recebe tudo em dobro? Porque subentende-se que um dos veículos e parte dos empregados atenda às necessidades da ex-primeira-dama. Só que a lei não leva em consideração que, por mais que se divorcie do ex-presidente, a ex-mulher não deixa de ser ex-primeira-dama. Segundo meu atual advogado, Weider Lacerda, em outros países não é assim, a exemplo dos Estados Unidos. A ex-primeira-dama continua sob a especial proteção do Estado mesmo que venha a se separar, o que é muito mais justo.

Durante os dois anos e meio entre o início desses dois processos e a sentença, muita água rolou. Além de alegar que eu merecia mais do que Fernando estava oferecendo, pedi minhas joias de volta, aquelas que ele não mandou quando fez a desfeita de entregar, por meio de uma transportadora, as caixas com meus pertences que estavam em nossa casa paulistana. Nesse meio tempo, troquei de advogados diversas vezes. É incrível, mas alguns dos advogados renomados que eu contratei em Alagoas cometeram erros grosseiros, coisa de principiante mesmo, como deixar passar os prazos processuais. É muita coincidência! Justo comigo os advogados experientes do Estado, exceto um ou outro, resolveram cometer falhas dignas de estagiários. Outro episódio no mínimo curioso nessa história foi o pedido de afastamento de um dos juizes que trabalharam no caso – sim, foram vários. Em sua justificativa, o juiz Wladimir Paes de Lira escreveu o seguinte:

“Acontece que o advogado do Dr. Fernando Affonso Collor de Mello, Dr. Fábio Costa Ferrário de Almeida, quando foi definido que os processos seriam instruídos e não julgados imediatamente, como pretendia, vem promovendo atitudes, principalmente durante as audiências, que vêm gerando situações desagradáveis entre minha pessoa e o mencionado advogado.

Embora nada tenha de problemas pessoais com o nobre causídico, muito pelo contrário, as atitudes tomadas pelo mesmo, nos presentes feitos, criaram animosidade profissional ao ponto de dificultar a condução dos processos sem a perspectiva de atritos, o que pode vir a comprometer a minha imparcialidade, já que, como diz o ditado, 'não tenho sangue de barata' e tais animosidades poderão prover outra ordem de consequências."

Em 10 de setembro de 2007, saiu a sentença da juíza Ana Florinda Mendonça da Silva Dantas. De acordo com ela, Fernando deve me pagar 30 salários mínimos mensais pelo tempo que eu precisar, um valor bem maior do que ele me ofereceu inicialmente, mas ainda aquém daquilo que eu julgo ser meu direito. (Logo mais eu explico por que penso assim.) O pior de tudo é que a juíza não aceitou meu pedido de partilha de bens, alegando que o pacto antenupcial que meu pai e eu assinamos antes do casamento não previa essa divisão. Como forma de reparar esse dano, ela lançou mão de um recurso (um "instituto", em linguagem jurídica) chamado "alimentos compensatórios", que nada mais é do que uma compensação pelo prejuízo que eu sofri depois da separação. Sendo assim, Fernando me deve ainda dois automóveis e dois apartamentos, um no valor de 550 mil reais e outro no de 400 mil. Essa foi uma sentença extremamente moderna no direito brasileiro. Segundo meus advogados, não é comum que juízes em nosso país concedam bens a cônjuges que se casaram em regime de separação total de bens, mas meu caso é especial.

Acho ótimo que meu processo tenha sido inovador, mas não estou satisfeita. Entendo que para a maioria dos brasileiros esses valores são altos. O problema é que eu sempre tive um padrão de vida muito superior ao atual. Como já contei neste livro, durante o tempo em que permaneci casada, praticamente metade da minha vida, vivi no luxo. Viajei o mundo, ganhei joias, vesti as melhores marcas. Tive várias casas, todas muito boas, desfrutei do auxílio de empregados. Tudo isso tem um custo altíssimo. Não é justo que, depois de separada, uma mulher que foi companheira não só dentro de casa, mas que também participou da vida profissional do marido, mude tanto seu padrão de vida como eu tive de mudar e seja privada do seu patrimônio. É por tal motivo que eu continuo brigando.

A perda de prazo de alguns dos meus primeiros advogados, porém, me custou muito: eu não pude recorrer da sentença. O mais interessante de tudo é que o advogado do meu ex-marido também perdeu o prazo para recorrer, mas a Justiça de Alagoas só levou em consideração o meu atraso, não o dele. A essa altura, portanto, eu já estava desesperada. Meus Deus, eu não conseguia encontrar ninguém capaz de fazer valer meus direitos! Eu só não perdia as esperanças totalmente porque me fiava naquilo que alguns profetas, que são homens de Deus, gente com muita fé que fala em nome de Nosso Senhor, me haviam dito. Segundo eles, meus processos só iam começar a andar quando eu contratasse advogados de fora de Alagoas. Tentei uns dois escritórios de outros Estados e nada dava certo. Foi então que conheci por acaso a dupla de catarinenses Paulo Brincas e Weider Lacerda e acabei contratando-os. Esses são dois anjos de absoluta competência que entraram na minha vida. Quando tomaram a frente da minha separação, aí, sim, tudo começou a fazer sentido e eu ganhei confiança, mesmo.

Como tinha direito, Fernando recorreu da sentença da juíza Ana Florinda. A mim, representada por meus advogados, só restava defender o que ela havia decidido, nada mais. E assim fizemos. Eu tinha fé de que venceríamos essa defesa. E o doutor Weider também. Ele tinha passado alguns dias aqui em Maceió, entregando documentos e conversando com os desembargadores que votariam o meu processo. Já o doutor Paulo Brincas tinha receio de que perdêssemos. Meu sobrinho, Vitorinho, filho de Rosania e de Vitorio, também tentava diminuir minhas certezas, com medo de que eu me frustrasse. No alto dos seus vinte e poucos anos, esse menino tem sido outro anjo para mim. Vive ao meu lado, me ajuda com questões burocráticas e me ampara sempre que eu preciso. Naquele momento, no entanto, ele estava aflito e tentava me proteger.

Fomos para a audiência com o coração a mil. Eu não podia perder mais nada! Minha irmã chorava o tempo todo, eu orava e meu sobrinho pedia para eu ter calma, muita calma. Quando um dos desembargadores, Tutmés Airan, votou a meu favor, eu vibrei.

– Depois dessa, tia, eu acredito em tudo o que Deus diz a você – declarou Vitorinho.

Tivemos apenas um voto a nosso favor. Os outros dois foram contrários.

Continuamos comemorando mesmo assim porque meus advogados disseram que ainda cabia um recurso pouco usado chamado “embargos infringentes”. Isso significa que, quando uma votação não é unânime, ela pode ser revista. No meu caso, eles entraram com um pedido para que o processo fosse votado por toda a Câmara Cível do Tribunal de Justiça de Alagoas. Foi uma surpresa para a Justiça alagoana.

Para evitar atrasos por desconhecimento, Brincas e Weider até prepararam um capítulo introdutório especial na defesa, explicando esse recurso. Além disso, eles incluíram um novo argumento dessa vez: a Lei Maria da Penha. Embora pouca gente saiba, essa lei leva em consideração não apenas a violência física, mas também outros tipos de agressão sofridos por mulheres dentro de suas casas. A violência financeira está entre eles. Fui vítima disso quando Fernando desapareceu de casa, limpou o que havia em minhas contas de banco e bloqueou todos os meus cartões. Fiquei só com o que tinha na carteira!

Antes da sessão de julgamento, o doutor Weider esteve novamente em Maceió para conversar com os desembargadores que votariam o processo e retornou a Santa Catarina com a sensação de que venceríamos. Ele estava certo. Por cinco votos a três, a Justiça de Alagoas julgou que eu sou merecedora daquilo que a juíza Ana Florinda me concedeu em 2007.

Sobre essa votação, eu não posso deixar de mencionar só mais um detalhe que seria curioso, não se tratasse de um escândalo, de uma demonstração de como funcionam as coisas no nosso país. Entre os desembargadores que participaram da seção em 10 de dezembro de 2010, muito antes da decisão final do STJ, estava um grande amigo de Fernando, o Washington Luiz Damasceno Freitas. Os dois são, inclusive, compadres. Pelo claro conflito de interesses, ele nunca poderia ter participado do julgamento. Tanto é que ele votou contra mim.

Fernando, é claro, não se deu por satisfeito. Ao contrário. Frente à derrota, ele contratou um dos maiores escritórios de advocacia do Brasil, o escritório do

Sérgio Bermudes, e foi ao Superior Tribunal de Justiça, em Brasília, para recorrer. Como seu escritório é enorme, Bermudes raramente aparece pessoalmente à Tribuna. Dessa vez, no entanto, ele foi até lá para representar Fernando. Depois de três sessões de votação, saímos vitoriosos. E, aqui, aconteceu novamente algo único: a questão dos alimentos compensatórios nunca havia sido discutida no STJ. Meu processo fez jurisprudência e eu espero que muitas outras mulheres que, assim como eu, saem perdendo de uma separação por entregar total confiança em seus maridos ao casar, beneficiem-se dele. Pelo menos isso...

O grande problema é que, comigo, acontece o famoso “ganha, mas não leva”. Estou desde novembro passado esperando a publicação dessa decisão e, até agora, nada. Quando conversamos sobre a morosidade do Judiciário brasileiro, o doutor Weider costuma citar Rui Barbosa: “A justiça atrasada não é justiça; senão injustiça qualificada e manifesta”.

Mesmo que essa decisão seja publicada logo, não coloca um ponto final na minha batalha. Além de tudo isso, Fernando me deve pensão alimentícia atrasada. Isso porque a sentença da juíza Ana Florinda aumentou o valor que ele deve me pagar de 5,2 mil reais para 30 salários mínimos, e Fernando tem de me ressarcir pela diferença entre estes dois valores que ele não pagou durante o período entre a separação e a publicação da sentença. Corrigida, essa dívida hoje está em cerca de 400 mil reais. Em maio de 2008, portanto, entrei com uma Ação de Execução de Alimentos, para fazer valer a decisão da juíza. Durante dois anos a Justiça de Alagoas alegou não ter encontrado o Fernando para citá-lo, ou seja, para que ele tomasse oficialmente conhecimento da ação. Foi então que levamos à imprensa o problema. Com a publicidade sobre o caso, conseguimos que fosse emitida uma carta precatória para que o Fernando fosse citado em Brasília. Um dos meus advogados foi até a capital acompanhar o oficial de justiça. É claro que Fernando não foi encontrado na primeira vez, mas, na segunda, quando já estava ficando feio demais para ele, o encontraram em seu gabinete. Achei que tudo estaria resolvido, mas a juíza à frente desse processo, Nirvana Coêlho de Mello, não. Ela exigiu, então, que a atual mulher de Fernando fosse citada também e, desde então, ninguém consegue encontrá-la e o processo encontra-se mais uma vez engavetado.

Em casos como esse, é possível que a Justiça mande penhorar o valor devido diretamente da conta corrente da parte devedora ou, ainda, que penhore bens da pessoa. Meus advogados já pediram à juíza da causa que ela use desses meios para garantir o pagamento dessa dívida que meu ex-marido tem comigo, mas ela sempre nega tais pedidos. Fico me perguntado, será que ela faz isso de propósito? É impossível um processo estar parado desse jeito, ter tantos entraves banais por acaso. Impossível. Já até denunciámos a atuação dessa juíza à corregedoria e ao Conselho Nacional de Justiça, mas nada adiantou. Também foi feito um levantamento no Diário Oficial do Poder Judiciário de Alagoas e concluiu-se que, no ano passado, ela trabalhou apenas seis meses. Além dos sessenta dias de férias aos quais os juízes têm direito, ela tirou quatro meses de licença. É claro que nada vai para frente quando está nas mãos dela!

Por último, ainda tem a questão das minhas joias. Estão com ele não só as

peças que ganhei dele durante os 22 anos em que vivemos juntos, mas também joias de família, presentes que ganhei dos meus pais, dos meus avós. Certa vez, abri um processo de busca e apreensão de tudo o que é meu. Somados, os itens têm um valor de 6 milhões de reais. Com base em fotografias e reportagens fiz um levantamento de tudo o que tenho e está com ele. A Justiça alagoana, no entanto, entendeu que as minhas provas não são suficientes para comprovar que as joias são verdadeiras e realmente pertencem a mim. Eu teria de apresentar notas fiscais ou certificados das joalherias para dar sequência ao processo. Infelizmente, eu não tenho nada disso. Afinal de contas, quando me separei, eu mal sabia pagar uma fatura de cartão de crédito. Eu nunca precisei me preocupar com essas coisas! Como eu ia pensar que deveria guardar nota fiscal ou certificado de um presente que eu ganhei para futuramente provar que ele é meu? Isso nunca passou pela minha cabeça! Assim como nunca passou pela minha cabeça que o homem que eu acompanhei, apoiei e amei por duas décadas roubaria tanto de mim.

Não posso encerrar este assunto sem citar os outros advogados de Florianópolis que trabalham e trabalharam com os doutores Weider Rodrigues Lacerda e Paulo Brincas desde que assumiram o meu caso. São eles: Eduardo de Mello e Souza, Janaina Alexandre Linsmeyer e Newton Ferraz D'Ely.

14.

Rosane Malta, ex-Collar

Hoje, quando olho para trás e lembro dos meus últimos meses de casada, da época em que nós mal nos falávamos e ele vivia chamando minha irmã em casa para pedir que ela mediasse nossa reconciliação, penso que Fernando estava, na verdade, ganhando tempo. Seu objetivo era armar a melhor saída para cair fora. Só pode ser isso. Tudo aquilo parece muito estranho.

Depois da separação, eu fui me consultar com um ótimo psiquiatra, o doutor Emmanuel Fortes. Fiz um acompanhamento com ele por um curto período de tempo, alguns meses apenas. Em uma das sessões, ele me disse algo que fez todo sentido:

– Rosane, você subestimou a capacidade do inimigo. Durante todo esse tempo, você achou que seria a única pessoa imune aos atos de Fernando.

Ele tem razão. Quando ouvi isso, até me lembrei do filme *Dormindo com o Inimigo*, com a Julia Roberts no papel principal. Enquanto fiquei casada, eu assisti a tudo o que Fernando foi capaz de fazer contra aqueles de quem ele não gostava. Eu via do que ele era capaz, mas nunca achava que faria nada do tipo contra mim. Imagine!

Em 2006, pouco mais de um ano depois de me separar, a Mãe Cecília lançou um DVD em que contava detalhes sobre os trabalhos de magia negra que realizou em nome de Fernando. Fui convidada para a festa de lançamento. Na data marcada, o telefone da minha casa tocou várias vezes. As primeiras chamadas foram atendidas pelas empregadas, que ouviram o seguinte recado:

– Diga à sua patroa que não saia de casa hoje. Ela não pode ir ao lançamento do DVD esta noite. Se for, não volta.

Era uma voz masculina que ninguém conseguiu reconhecer. Aliás, nem sabemos se era sempre do mesmo homem. Minha irmã, que estava comigo, ficou com muito medo.

– Janja, não vá. Fique aqui. É muito arriscado.

– Que nada. Eu vou. Se eu ceder a uma ameaça agora, não terei paz nunca mais. Eu vou e Deus vai comigo.

Imediatamente, avisei aos empregados que, se o telefone tocasse novamente, eu atenderia. Foi o que aconteceu. Ao ouvir a ameaça novamente,

eu declarei:

– Pois eu vou. E volto.

Não parou por aí. Meu motorista também recebeu uma ligação anônima de uma voz que o ameaçava. Caso ele me acompanhasse, dizia, sua segurança também estaria em risco. Quando eu soube, disse que não tinha problema. Se ele estava com medo, eu poderia ir sozinha. Eu não tinha medo.

– Janja, não vá! – Implorava minha irmã.

– Vou. Eu já disse que vou e volto.

– Então, pelo menos, vá com meu carro. O seu todo mundo conhece, é muito visado.

– Não, eu vou com o meu.

Pois eu fui. E meu motorista enfrentou o medo e foi comigo também. Chegando lá, eu entrei e ele ficou lá fora, me esperando. Eu não ia falar nada, ia ficar quieta no meu canto, mas me chamaram lá na frente para dar meu testemunho. Dei e, no final, resolvi abrir o jogo:

– Hoje eu recebi uma ameaça de morte. Ao longo do dia, ligaram na minha casa várias vezes dizendo que, se eu viesse a este evento hoje, se eu viesse prestigiar minha amiga, eu não voltaria viva. Pois eu vim. Eu vim e Deus veio comigo. E tenho certeza de que vou voltar porque Ele vai me proteger. E vocês serão testemunhas disso.

Quando tudo terminou, meu motorista contou que tinha notado uma movimentação de pessoas suspeitas por ali. Nada, porém, nos aconteceu.

Poucos dias depois, eu fui orar na casa de uma irmã perto do aeroporto. Fui com o motorista Lauro, que trabalhava para mim apenas nos fins de semana e era também segurança. Voltei de lá mais ou menos à meia-noite. No caminho, notei que estávamos sendo seguidos por dois carros pretos, com os vidros escuros.

– Lauro, você está vendo o que eu estou vendo?

– Ai, dona Rosane, estou, sim. Estamos sendo seguidos. E eu acho que já faz tempo. Eles estão atrás de nós desde que saímos do lugar onde a senhora estava.

– Pois é...

Nesse momento, percebi que as mãos dele começaram a tremer.

– Fique calmo, Lauro. Fique calmo porque Deus vai nos guiar.

Eu estava tranquila. A fé nos permite ter paz nesses momentos difíceis e nos ajuda a encontrar a melhor saída.

– Lauro, faça o seguinte: continue dirigindo normalmente, com calma. Assim que você vir uma maneira de despistá-los, faça isso. Eu vou orar.

Logo em seguida, Lauro viu uma rua que era contramão para nós. Entrou. Os carros entraram também. Aí não nos restou dúvida: era uma emboscada para mim. Com agilidade, o motorista foi entrando nas vielas mais improváveis e conseguiu fugir. Chegamos em casa a salvo e, desde então, nada mais aconteceu. Estou sã e salva até hoje porque minha fé em Deus é maior do que qualquer ameaça que queiram fazer contra mim. Eu creio nas promessas que Ele me fez. Eu não morrerei enquanto as promessas de Deus não forem cumpridas em minha vida.

Durante muito tempo, eu temi encontrar Fernando pela cidade. Não que eu tivesse medo de sofrer algum tipo de violência, disso ele não seria capaz. Minha aflição era imaginar a cena do encontro. Eu não sabia qual seria a minha reação, e muito menos a dele. Aos poucos, porém, esses temores foram se dissipando. Em parte porque a distância ajudou a curar as minhas feridas. Fiquei mais forte e preparada para enfrentar qualquer coisa.

No primeiro *réveillon* depois da separação, fui à festa Celebration, em Maceió, a convite de um dos donos do evento, Tarso Sarmiento, filho de Oswaldo e Dilma, que eram nossos amigos. Fernando também pretendia ir à festa. Tarso disse a ele:

– Olha, tio, eu tenho algo a lhe dizer: tia Rosane vem à festa e ficará na mesa de meus pais. Achei que o senhor gostaria de saber disso.

Avisado, Fernando simplesmente não apareceu. Mudou os planos e passou a virada de ano em outro lugar.

Em outra ocasião, um grupo de amigos meus de São Paulo estava me visitando em Maceió e resolvemos ir ao restaurante peruano Wanchako. O estabelecimento não faz reserva, mas a dona, uma pessoa muito simpática, é minha amiga. Então liguei para saber como garantir uma mesa grande.

– Você não tem como mandar alguém aqui mais cedo para segurar os lugares, Rosane? – Foi o que ela sugeriu.

Mandeí o Cícero, meu motorista há anos, fazer esse favor para nós. Enquanto ele estava lá, Fernando apareceu.

– O que você está fazendo aqui? – Perguntou ao ver o antigo empregado.

– Estou guardando uma mesa para a dona Rosane – respondeu Cícero.

Em seguida eu cheguei com minha turma.

– A senhora encontrou o presidente? – Perguntou Cícero.

– Fernando?

– É.

– Não. Por quê?

– Oxente. Ele estava aqui mesmo nesse segundo, mas desapareceu.

Ou seja, o Fernando desistiu de ficar no restaurante porque não tinha coragem de me encontrar!

Certa vez, eu comentei com minha irmã que estava sentindo que ia encontrar com Fernando. Eis que, pouco depois, eu estava jantando com meu ex-namorado, o advogado Alder Flores, no restaurante do supermercado Palato, em Maceió. A agente estava terminando de comer quando vimos Fernando e a mulher empurrando um carrinho. Meu namorado disse:

– Ele que não se atreva a fazer nada contra você!

– Imagine! Vai fazer nada, não – Eu respondi em um tom um pouco mais alto para que Fernando ouvisse. E continuei – Se ele não teve coragem de assumir o que fez até hoje, se não teve coragem de me enfrentar, vai fazer agora, no supermercado?

De fato, Fernando não fez nada mesmo. Já estávamos terminando e fomos embora. Foi a única vez em todos esses anos que nós dois nos vimos. Fora isso, eu só o vejo nos jornais e na televisão. Nem nas audiências para o divórcio ele aparece, manda sempre um advogado que o representa. Já eu vou a todas. Todas.

Mas ele me ronda. Não me encontra, mas sempre dá um jeito de cruzar meu caminho. Esse meu ex-namorado, por exemplo, atua na área de meio ambiente. Na época em que estávamos juntos, ele prestava um serviço de manejo de lixo para a prefeitura. Fernando fez de tudo para prejudicá-lo, de tudo. Só não conseguiu porque o Alder é muito íntegro. Depois que terminamos, sabe o que ele fez? Chamou meu ex para trabalhar com ele. Alder me ligou:

– Lindinha, Fernando Collor me ligou, quer que eu faça um trabalho para ele na Lagoa. O que você acha?

– É claro que ele quer você. Você é o melhor na área.

– Obrigado, mas eu estou preocupado. Será que eu devo?

– Olhe, Alder, eu acho que você deve aceitar, sim. É bom para sua carreira. Agora, fique de olho, fique esperto, porque Fernando é uma águia, você sabe disso.

Além de todos os problemas reais que surgiram do meu casamento com Fernando, ainda tenho de conviver com os boatos. Ah, os boatos! Desde que ficamos juntos pela primeira vez, décadas atrás, havia quem insinuasse que Fernando se aproximou de mim por interesse político e nada mais. É verdade que, na época de nosso casamento, os Malta tinham grande peso político em Alagoas e nossa união representava uma aliança importante para Fernando, que, graças ao nosso apoio, solidificou sua candidatura ao governo do Estado, cargo para o qual, mais tarde, ele acabou sendo eleito. Os Malta, por outro lado, já tinham prestígio suficiente no interior alagoano e não precisavam de Fernando para nada. Seu pai já era falecido e ele era o único político da família, com exceção de um primo com quem não se dava. Na verdade, para minha família, o casamento acabou sendo ruim. Houve um racha entre meus tios e primos que nunca mais pôde ser consertado. Tenho parentes com quem não falo desde aquela época. Isso não só nos entristeceu muito como nos enfraqueceu politicamente. Ocorre que, ao longo dos anos em que Fernando e eu vivemos juntos, eu tive várias provas de amor. Várias. E uma mulher sabe quando está sendo realmente amada. Fernando apaixonou-se por mim e eu por ele. Simples assim. Ele me amou. De uma forma às vezes estranha, porque me queria só para ele, mas amou. Ele não ficaria 22 anos casado com uma pessoa se não existisse amor. Ora, ele teve dois filhos com Lilibeth e, apesar disso, ficou casado por apenas 5 anos. E ele foi enlouquecido por ela. Ele era apaixonado por Lilibeth! Só que, quando acabou o amor, acabou o casamento. Por que levaria uma relação por tanto tempo comigo se ela tivesse acontecido só em nome de apoio político? Se fosse assim, o casamento não teria durado ainda mais de uma década desde o *impeachment*.

O fato é que Fernando foi meu grande amor e também minha grande decepção. Não só por tudo o que ele me fez até hoje, mas por não me deixar viver em paz depois da separação. É claro que só vou conseguir deixá-lo no passado quando essa situação se resolver e eu encontrar um outro amor verdadeiro. Já tive alguns namorados desde a separação, pessoas muito queridas,

mas nenhum conseguiu ocupar esse lugar. Mesmo assim, sinto-me bem resolvida no campo do coração. Como bem disse o doutor Emmanuel Fortes:

– Rosane, você está emocionalmente muito bem resolvida. Seu desafio agora é achar um bom advogado para resolver sua partilha de bens.

Enquanto estávamos casados, em várias ocasiões Fernando reconheceu publicamente a importância que tive em momentos cruciais de sua vida. Em 1997, ele chegou a divulgar na revista *Veja* o primeiro capítulo de um livro de memórias que escreveu e que está pronto, mas que ele desistiu de publicar. Ali ele dedica dois grandes parágrafos ao papel que eu tive em sua despedida do governo, logo após o *impeachment*, quando descemos juntos a rampa do Planalto. “Rosane carregava uma dignidade da qual me orgulharei sempre”, escreveu. Além disso, em diversas entrevistas ele chegou a dizer que só estava vivo graças a mim e ao apoio que lhe dei e ainda elogiou muito meu trabalho à frente da Organização Arnon de Mello. Desde a separação, porém, ele mudou suas versões das mesmas histórias. Já soube que ele diz por aí que deve sua vida a Brizola, veja só! Para mim, todas as atitudes de Fernando desde a separação me fazem crer em duas coisas: ele não ama a atual mulher e ainda gosta de mim. Eu posso parecer arrogante ou prepotente afirmando isso, mas tenho lá meus motivos para pensar assim. Eu acredito em amor verdadeiro. Acredito mesmo. E creio que uma pessoa, um homem, quando se apaixona por outra mulher, ele quer mais é ficar com ela em paz. Ele faz de tudo para isso, para viver aquela história e ponto. Tenho várias amigas que se separaram porque os maridos se apaixonaram por outras mulheres. Eles resolveram o divórcio rapidinho porque queriam casar novamente. Não teve toda essa enrolação. O Fernando mesmo, quando terminou o casamento com Lilibeth, não ficou enrolando. Eles fizeram a partilha e logo ele estava desimpedido para se casar novamente. Comigo não está sendo assim. Por quê? Passou-se uma década sem que ele assinasse o divórcio. A impressão que eu tenho é a de que ele queria me ver presa a ele. Puxa, ele já vive com outra pessoa, tem duas filhas e não se concentra em viver em paz com ela? Ainda precisa me controlar? Ele se elegeu senador da República em 2006 e suas empresas vão muito bem, obrigado. Ele até inaugurou uma nova emissora de televisão, a TV Mar, com uma estrutura fantástica. Está riquíssimo, montou vários apartamentos, uma cobertura, um apartamento e uma casa em São Paulo. Não falta nada. Em 2014, 22 anos depois do *impeachment*, ele foi absolvido pelo Supremo Tribunal Federal, por falta de provas, das acusações restantes referentes aos anos em que esteve na presidência do país (peculato, falsidade ideológica e corrupção). O que mais ele queria da vida? Por que nada disso lhe deu a tranquilidade para conseguir me deixar em paz, dando-me uma oportunidade para que eu também pudesse reconstruir minha vida? Ele não parecia querer me ver livre. Isso é estranho. Ele gastou uma fortuna com os advogados que cuidam do caso. Quem quer manter algo assim?

Eu, pelo contrário, não vejo a hora de essa novela acabar. Já usei até amigos nossos em comum para encontrar uma solução. A um deles eu disse:

– Rapaz, vá dizer a Fernando que ele viva esse amor, que nossa história acabou, virou a página. Eu sei que não podemos ser amigos, é claro, mas diga a ele que eu entendo todas as coisas ruins que ele fez. Eu quero colocar um ponto

final nisso.

Também escrevi uma carta pedindo a ele, por favor, que parasse, refletisse, que eu aceitava a proposta irrisória só para ter um ponto final, mas não adiantou. Então não me sobrou outra opção a não ser seguir tentando, para ter o que é meu de direito.

Enquanto esse problema não se resolve, eu não quero parar minha vida. E este livro é a prova de que a fila anda. Há anos recebo convites para me candidatar a deputada, vereadora e outros cargos, mas não era a hora, ainda. Meu pai morreu em 29 de maio de 2013. Pouco tempo depois do falecimento do meu irmão mais novo. Meu pai ficou três meses hospitalizado, desenganado pelos médicos. Se ele sáísse vivo, teria de usar uma sonda para o resto da vida. E não é que ele saiu e pouco depois deixou de usar a sonda? Ele já estava bastante recuperado. Eu saía com ele para passear, para ir ao cinema, ao McDonalds que ele adorava, tomávamos picolé de chocolate. Também íamos ao circo. Ele adorava, ria muito de todas as atrações do picadeiro. Infelizmente, alguns meses depois ele começou a apresentar sintomas do mal de Alzheimer. Ele teve uma infecção no pé. Mesmo tendo uma pessoa cuidando dele, eu e minha irmã nos revezávamos para estar sempre perto dele. Na véspera da morte, minha irmã viajou para Recife e eu passei o dia inteiro com ele. No dia seguinte, uma segunda-feira, ele morreu na casa da minha irmã, onde ele estava morando.

Apesar da perda recente, estou emocionalmente equilibrada, forte como nunca. Tenho uma roda de amigos com quem saio frequentemente – o Rodrigo Mendonça, o Alex Lemos e a Lia Lima, por exemplo. Além disso, recebo mensagens do Brasil todo. São declarações de amor, jovens que se espelham na minha imagem, pessoas que pedem a minha candidatura, mulheres que, assim como eu, dedicaram a vida aos maridos e agora exigem os seus direitos na Justiça. Tem duas meninas, a Edinelze e a Debynha, por exemplo, que me chamam de tia e eu as chamo de princesas. Elas enviam cartas longas, todas decoradas, e pediram permissão para usar o sobrenome Malta em seus perfis de redes sociais. Eu deixei, é claro. É muita, muita gente, mas tenho um carinho muito especial pela Flavia dos Anjos, de Salvador, e suas amigas: Rosa, também de Salvador; Andréa e Ana, de São Paulo. Foram elas que me ajudaram, em 2008, a abrir uma conta no Orkut e começar a utilizar a rede social para acompanhar o que essas pessoas que me admiram têm a dizer. Certa vez, Flavia me escreveu uma carta muito carinhosa, contando detalhes sobre minha trajetória. Ela era uma criança de 12 anos quando fui primeira-dama e, desde então, se encantou por mim e passou a acompanhar minha trajetória. Ao final da carta, ela deixou seu telefone. Não tive dúvida: liguei para ela. Ficamos amigas. Flavia e Rosa são evangélicas; Andréa e Ana, católicas. A relação que mantemos, sobretudo pela internet, é muito importante para mim. Às vezes estou triste e, no meio da noite, recebo uma mensagem de conforto delas. Tudo muda! Aguardamos ansiosas pela oportunidade de nos encontrar. Já nos prometemos que de 2014 não passa!

Só tenho a agradecer, pois a cada dia faço novos amigos e ainda continuo com os do passado. O meu objetivo agora é lutar pelos meus direitos. E com este livro ajudar outras mulheres que passaram ou que passam pelos mesmos

problemas que eu. Outros desafios podem surgir, e estou preparada para enfrentá-los. Já venci tantos problemas... Meu futuro promete!

Extratexto



Rosane com seu irmão mais novo, Joãozinho, em Canapi, onde nasceu.



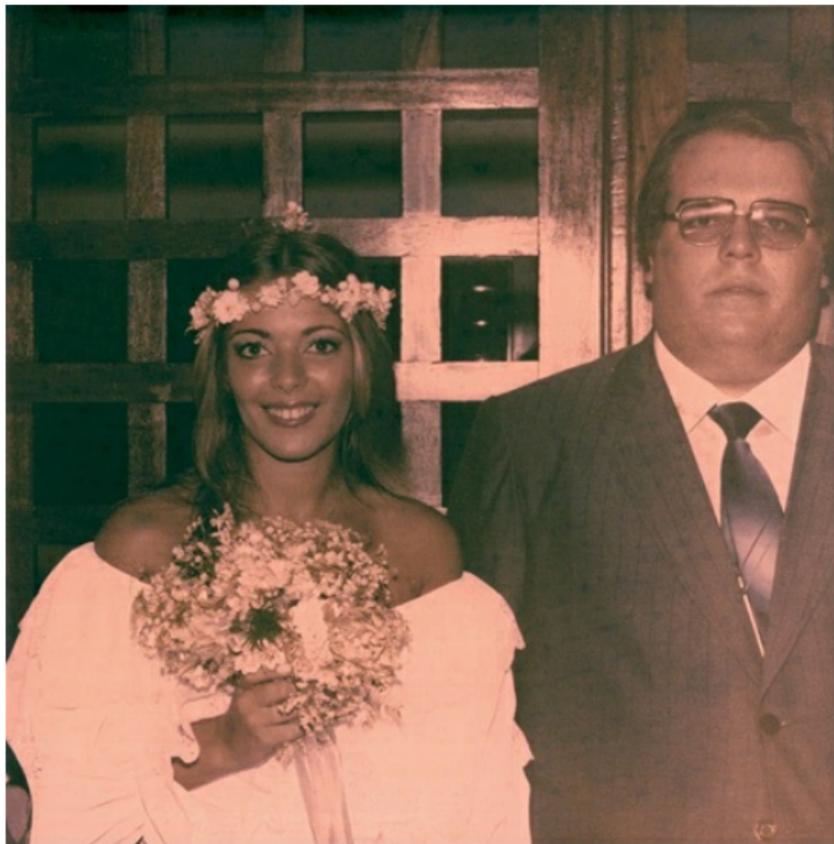
Rosane recebendo a hóstia na missa do padre Aloisio.



*Rosane com seu melhor amigo
e primo, Eraldinho Malta.*



*Rosane como dama de honra no casamento de sua irmã Nana,
acompanhada da sua melhor amiga, Jane Tenório, e da sua prima, Bertine
Malta.*



*Rosane no dia do seu casamento, acompanhada
do seu irmão Pompílio.*



*Rosane com a sua tia Célia Malta,
em casa de quem casou.*



Rosane no dia do seu casamento.

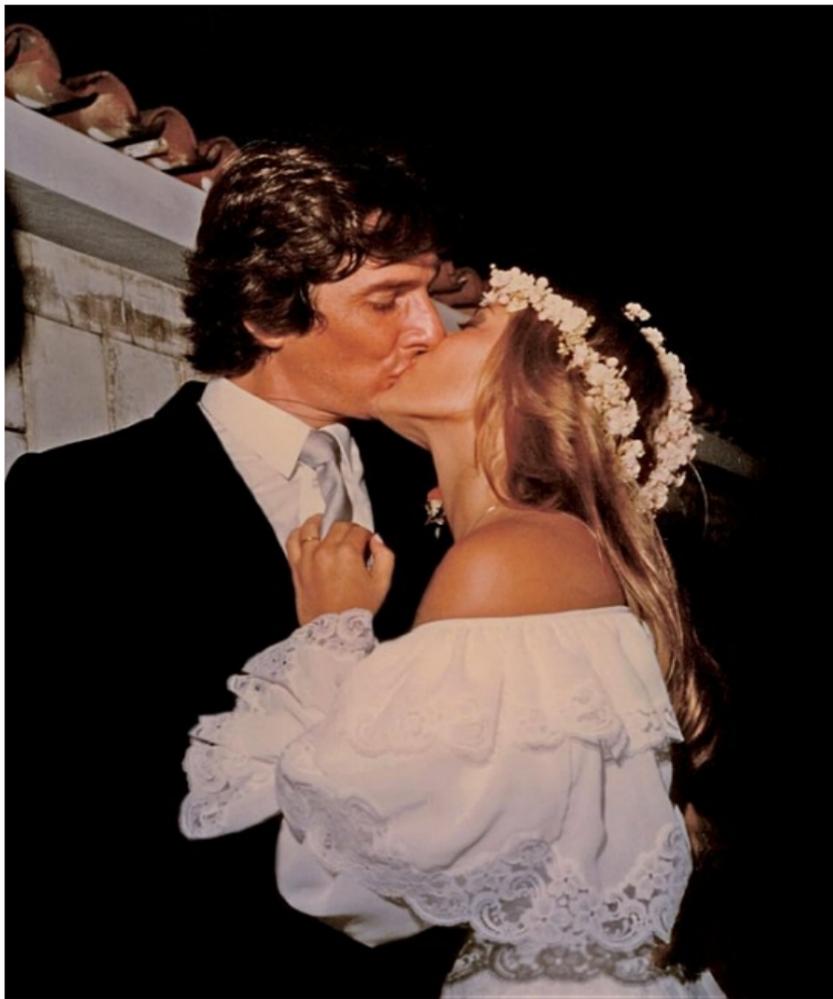


Rosane com sua irmã Nana e seu cunhado Vitorio Malta.



Rosane, Fernando e os pais de Rosane, Rosita e João Alvino.





Rosane com o ex-marido, Fernando Collor de Melo.



*Rosane no aniversário do seu sobrinho
e afilhado João Manoel.*



Rosane numa visita oficial à Amazônia, já devidamente vestida para entrar na selva.



Rosane numa sessão fotográfica em Brasília.





Rosane numa sessão fotográfica em Brasília.





Rosane numa sessão fotográfica em Brasília.



Rosane com Fernando.





Fotos que deram páginas de revista.



Foto que deu página de revista.



Rosane na janela da casa da Dinda em Brasília.



*Rosane posando com o novo corte
de cabelo para capa de revista.*





Rosane num jantar de gala na Espanha, usando uma comenda oferecida pelos reis daquele país.



Foto do jornal *O Estado de S. Paulo*

Rosane e Fernando, com os antigos reis de Espanha.



Foto do jornal *O Estado de S. Paulo*

Rosane e Fernando Collor, com os príncipes de Gales, Charles e Diana.



Foto Fernando Quevedo / Agência O Globo. Neg: 92-12512

O Presidente Fernando Collor e a primeira-dama Rosane recebem para almoço no Palácio Laranjeiras os reis da Suécia, Carl Gustav e Sílvia, e o Presidente de Portugal, Mário Soares.



Foto Jornal do Brasil

Rosane no seu gabinete quando trabalhava na LBA.



Foto do jornal *O Estado de S. Paulo*
Rosane e Fernando na posse oficial.



Foto do jornal *O Estado de S. Paulo*

Casal Collor no dia em que abandonaram o palácio do Planalto, depois do impeachment de Fernando.



Rosane no Tahiti, em lua de mel.



*Rosane em Courchevel, na viagem em que deu cair
e quebrou o punho.*



Rosane com Fernando em Courchevel.



Joaquim Pedro, que Rosane tratava por Pepeu, com Fernando, Rosane, Arnon e os filhos de Fernando.



Amigos do casal Collor: Beth e Lagarder.



Rosane em Aspen com a sobrinha Rafinha.



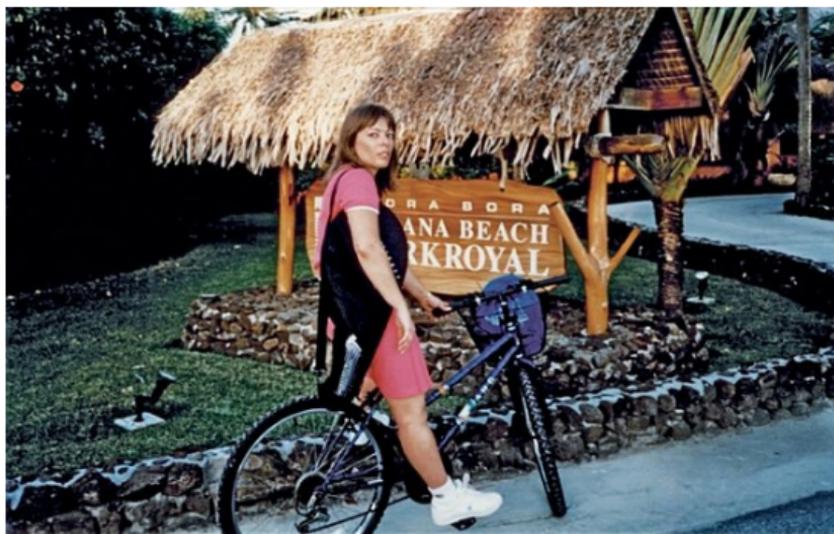
Rosane e Fernando.



Rosane com a sua mãe, Rosita Brandão.



*Rosane com Maninha Barbosa,
sua comadre, e Ana Rosa, sua afilhada.*



Rosane de férias em Bora Bora, a caminho de uma partida de tênis, esporte que adora.



Rosane com Fernando na sua festa de aniversário, quando anunciaram que o casal estava à espera de um filho.



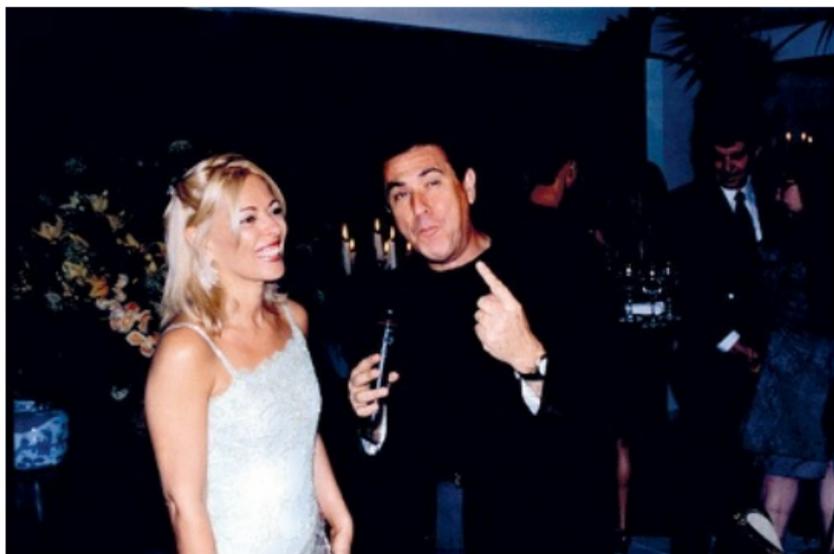
Rosane no seu aniversário na casa de Carlos Ostronoffi e Fernando Rodrigues.



Momento do "Parabéns" na festa que tinha como aniversariantes Beth Szafir e Fernando Rodrigues Alves, além de Rosane.



*Amigas de Rosane: Márcia Zogbi, Fátima Zarzur,
Vânia Nasser e Bia Gonçalves.*



Rosane sendo entrevistada por Amaury Junior.



*Rosane com Fernando, Jorge Gazalle
e Carlos Ostronoffi.*



Rosane com Fernando Rodrigues.



Joaquim, Fernando, Rosane e Arnon em Israel.



Rosane em Israel.



Rosane em Israel.



*Rosane com Hebe Camargo,
na festa de inauguração da nova casa do casal Collor em São Paulo.*



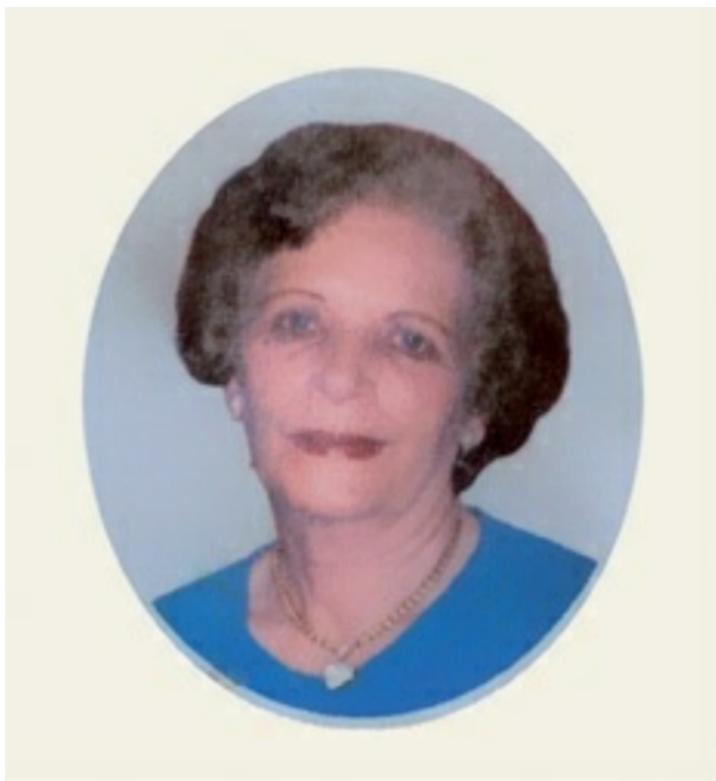
Rosane com Beth e Gabriel Szafir.



Rosane com Beth Szafir.



Rosane com a sua mãe Rosita.



Mãe de Rosane, Rosita Brandão.



Rosane esquiando na Suíça.



Rosane e Fernando esquiando em Aspen.



Rosane e Fernando esquiando em Courchevel.



Rosane na sua casa de São Paulo.



Rosane com a sua sobrinha Rafinha em Nova Iorque.



*Rosane com Lisa Wolfes, sua melhor amiga,
na sua casa em Miami.*



Rosane e Fernando se beijando, na festa de aniversário deste em São Paulo.



Rosane com Helo Pinheiro e seu marido, Fernando.



Rosane com Beth e Gabriel Szafir no aniversário de Fernando em São Paulo.



Rosane com Adriana Bittencourt, designer de joias.



Rosane com a família: sua irmã Nana, seu sobrinho e afilhado, João Manoel, com a sua mulher, Lidiany e o seu pai, Alvino Brandão.



Família Malta: João Manoel, Vitor Hugo, Vitorinho, Vitorio, Rosane, Nana e Rafinha.

Todas as fotos sem indicação de copyright pertencem ao arquivo pessoal da autora.